

Vicente de Paula da Silva Martins
Márton Tamás Gémes
Gislaine Costa Cerqueira
Bianca Carvalho Lino

SOMBRAS DE REIS BARBUDOS

DICIONÁRIO DE CULTUREMAS
FRASEOLÓGICOS & RELIGIOSOS

**SOMBRAS DE
REIS BARBUDOS**

**Dicionário de Culturemas
Frasesológicos & Religiosos**

 **Pedro & João**
editores

2020

**Vicente de Paula da Silva Martins
Márton Tamás Gémes
Gislaine Costa Cerqueira
Bianca Carvalho Lino**

**SOMBRAS DE
REIS BARBUDOS
Dicionário de Culturemas
Frasesológicos & Religiosos**

 **Pedro & João**
editores

2020

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Vicente de Paula da Silva Martins; Márton Tamás Gémes; Gislaine Costa Cerqueira; Bianca Carvalho Lino

Sombras de Reis Barbudos: dicionário de culturemas fraseológicos & religiosos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 154p.

ISBN: 978-65-86101-98-0

1. Sombra dos reis barbudos. 2. Dicionário de culturemas fraseológicos. 3. Culturemas religiosos. 4. Autores. I. Título.

CDD – 410

Capa: Colorbrand Design

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil);



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

AGRADECIMENTOS

À Pedrina Maria da Silva Martins, mãe de Vicente, in memoriam, que lhe deu condições de receber plenamente educação em todos os níveis.

À Kelemen Erzsébet, avó de Márton, in memoriam.

À Maria Costa e a Valter Cerqueira, pais de Gislaine, pelo amor incondicional e incentivo nessa caminhada.

A José e Maria, pais de Bianca, pelos exemplos de caráter e honestidade e pelo apoio e carinho que sempre ofertaram em todos os momentos de sua vida.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
A OBRA	13
Sombras de Reis Barbudos, de José J. Veiga	
METODOLOGIA	15
Procedimentos metodológicos e a Descrição dos Culturemas do Dicionário	15
ESTUDOS	23
Os Culturemas Fraseológicos (Fraseoculturemas)	23
Os Culturemas Religiosos (Hagioculturemas)	43
DICIONÁRIO	65
Culturemas Fraseológicos e Religiosos	65
REFERÊNCIAS	131
ANEXO	139
Categorias para análise dos referentes culturais na tradução de textos literários. (IGAREDA, 2011)	
SUGESTÕES DE LEITURA	145
SOBRE OS AUTORES	149

APRESENTAÇÃO

“Está bem, mãe. Vou fazer a sua vontade. Vou escrever a história do que aconteceu aqui desde a chegada de tio Baltazar.” (Veiga, 1985, p.1). O início desse romance tão estranho, tão fora de comum na literatura brasileira nos leva, de imediato, a uma situação complexa; não é, somente, que o narrador tematiza aqui o ato de narrar, mas caracteriza-o como um ato de memória, e um ato de comunicação. Lucas é o nome desse narrador, e seu nome não vem por acaso, mas deve ser entendido como uma referência intertextual àquele outro Lucas, o cronista entre os evangelistas. Como este, inicia seu relato se dirigindo-se ao seu ouvinte/leitor, para narrar aquilo que passou, para fixar o passado para o futuro e, quiçá, para dar significado aquilo que passou. E o passado, diga-se de passagem, trata de grandes sonhos, traídos e revertidos em sofrimento pela Companhia – ou pelo povo de Taitara mesmo?

É algo que poder-se-ia chamar amargamente irônico, que esse grandioso romance que luta, na sua integridade, contra o esquecimento – da opressão pelos poderosos, mas também dos pecados da tribo, se podermos-nos permitir uma alusão a um dos outros romances distópicos de Veiga – esteja tão atual hoje, como o era na sua publicação em 1972. Pois comprova, que não o lemos como deveríamos ter feito. Ou que, simplesmente, não o entendemos. Em uma época, em que muitos entre nós aparentemente já esqueceram como era viver na Taitara da Companhia, enquanto outros nem sabem da graça que é nunca ter vivido lá, parece-me que precisamos nos lembrar, de ouvir as palavras do cronista, desse menino Lucas, quando afirma: “Estou aqui para falar do que aconteceu, e não do que deixou de acontecer.” (Veiga, 1985, p.3).

Mas para falarmos daquilo que nós lembramos, para falar do que aconteceu, precisamos da língua, dessa bela língua portuguesa. Não será uma grande surpresa, para aqueles que já leram qualquer

obra de Veiga, quando designo alhures (Gémes, 2008, 107 e sgs.)¹ o ser humano em Veiga ‘homo quaestionans’, e seu estilo narrativo de um ‘discurso tateante’; é que os personagens veigueanos se encontram, na sua maioria, perplexos ante um mundo que, de repente, se tornou opaco, turvo e ameaçador. Essa ameaça se cristaliza num outro, que é ininteligível para o personagem, pois está além do seu horizonte de expectativa.

Surge daí a necessidade de fazer sentido do mundo, e a única ferramenta, que os protagonistas veigueanos têm a seu dispor para isto, é a língua. É como se “...os personagens como que tateassem, apalpassem os acontecimentos por via do seu discurso em procura de um nexos de significação oculto, até agora não reconhecido.” (Gémes, 2008, p. 111). Para podermos nos colocar no lugar dos protagonistas veigueanos, precisamos absorver, precisamos saborear e ‘tatear’ essa linguagem aparentemente tão simples. Pois é com ela, que um narrador, que não tem certeza sobre o mundo, tenta desvendar esse mundo para nós.

Muitas vezes, no entanto, se esquece o quanto a língua é essencial para a literatura. Muitas vezes, se esquece incluir uma discussão linguística, quando se fala de textos literários, enquanto discussões linguísticas se mostram alheios à literatura. É mérito desse projeto, do qual esse livro é um fruto, de chamar atenção a esta lacuna e de tentar conciliar as duas grandes áreas no curso de letras: a partir da Estilística da Língua Portuguesa – disciplina do oitavo período da Licenciatura em Letras / Língua Portuguesa na UVA – o professor Vicente de Paula da Silva Martins vem ensaiando, com seus estudantes, esse caminho árduo, mas prazeroso e muito produtivo de voltar às palavras, ao sabor e ao gosto de uma vivência que elas evocam, e como constroem e evocam uma cultura, uma experiência do mundo – a pesquisa de culturemas. No livro atual, trazemos as pesquisas no campo das culturemas de Gislaïne Costa

¹ GÉMES, Márton Tamás. “Wenn kleine Welten zerbrechen“: José J. Veigas *Ciclo Sombrio. Erkenntnis, Perspektive, Macht und Phantastik*. Studien zur Portugiesischsprachigen Welt, vol.1 (Hrsg. Claudius Armbruster). Hamburg: Dr Kovac, 2008.

Cerqueira e Bianca Carvalho Lino sobre **Sombras de Reis Barbudos** de José J. Veiga, sob a orientação do professor Vicente de Paula da Silva Martins. Devemos dizer que nos sentimos orgulhosos de poder ter contribuído a essas conversas, a esses ensaios.

Pois voltar às palavras – senti-los, saboreá-los e valorizá-los mas, também, questioná-los – é um caminho de volta dos vãos “malucos”, da fuga alienante da realidade, que os cidadãos de Taitara ensaiam no fim do romance; ou como diz o personagem Seu Chamun, da “alucinação coletiva”. E volta acontecerá, ainda segundo esse personagem sábio, “para a festa dos reis barbudos”. Façamos a festa começar.

Márton Tamás Gémes
Vicente de Paula da Silva Martins
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral (CE)

A OBRA

SOMBRAS DE REIS BARBUDOS, DE JOSÉ J. VEIGA

Publicada originalmente em 1972, a versão utilizada em nossa recolha de culturemas fraseológicos e religiosos foi a de 28ª edição publicada pela editora Bertrand Brasil, tendo 142 pinas, 09 capítulos cujos títulos são: 1. A Chegada, 2. Um homem correndo, 3. A Partida, 4. Muros Muros Muros, 5. Cruzes Horizontais, 6. Pausa para um Mágico, 7. O caderno proibido, 8. Cavalos na Chuva, e 9. Das profundezas do céu.

O autor de Sombras de Reis Barbudos, José Jacinto Veiga, conhecido como José J. Veiga, nasceu na zona rural entre Corumbá de Goiás e Pirenópolis, em 1915 e faleceu Rio de Janeiro, em 1999. A crítica política, social e a historiografia literária consideram Veiga como um dos maiores romancistas e contistas em língua portuguesa do chamado realismo fantástico, bastante influente da segunda metade do século XX no Brasil.

Considerada uma alegoria ao regime militar, como o exposto em trabalhos como Monteiro (2008), Camilo (2014) e Kroin (2016), a obra em tela tem como enfoque as consequências da ameaça à liberdade humana por meio de um sistema de governo opressor. O enredo narra os acontecimentos na cidade fictícia de Taitara, que sofre com as atitudes tirânicas da Companhia que se instaura no lugarejo.

A justificativa de escolha do corpus está principalmente na característica regionalista da obra, que tende a mostrar uma valorização cultural, principalmente com a expressiva referência a questões religiosas e ao espaço rural. Contudo, trata-se de uma forma diferenciada e inovadora de trabalhar o regional, uma vez que se abstém de descrições minuciosas dos personagens, ambientes e costumes dando lugar às misteriosas manifestações sobrenaturais que rodeiam a cidade de Taitara e seus habitantes. Segundo Melo

(2013, p. 135), o autor pincela em seus quadros rurais o insólito, como forma de amenizar o peso regional da escrita veigueana.

O presente livro é uma pequena amostra da pesquisa sobre língua e cultura no âmbito da literatura brasileira, a partir de uma abordagem lexicográfica, desenvolvida desde 2009 pelo professor Vicente de Paula da Silva Martins, com a participação dos doutores em literatura fantástica Francisco Vicente de Paula Júnior e Márton Tamas Gémes, nas turmas da disciplina Estilística do Português do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú(UVA), em Sobral (a 220 km de Fortaleza), em nível de graduação.

Entre as obras de J.J. Veiga já estudadas sob a supervisão de Vicente de Paula da Silva Martins, inclusive o estudo da expressividade fônica e léxico-morfológico, citamos “Os cavalinhos de Platiplanto” (Civilização Brasileira, 1974); “Aquele mundo de Vasabarros” (DIFEL, 1982); “Torvelinho dia e noite” (DIFEL, 1986); “O trono no morro” (Ética, 1988); “Os pecados da tribo” (Bertrand Brasil, 1991); “A hora dos ruminantes” (Bertrand Brasil, 1996); “O relógio belisário” (Bertrand Brasil, 1999); “Sombras de reis barbudos” (Bertrand Brasil, 2001), objeto do presente livro; “A casca da serpente” (Bertrand Brasil, 2003); “O risonho cavalo do príncipe” (Bertrand Brasil, 2005); e “A estranha máquina extraviada” (Bertrand Brasil, 2010).

METODOLOGIA

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A DESCRIÇÃO DOS CULTUREMAS DO DICIONÁRIO

Os processos metodológicos desta pesquisa lexicográfica foram constituídos das seguintes etapas propostas por Martins (2017):

- a) **Reconhecimento e digitação da obra:** esta etapa consistiu na leitura da obra *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga (2001) e após esse primeiro contato, iniciamos o processo de digitação a fim de criarmos uma versão digital da obra, como um meio colaborativo para buscas mais sistematizadas de expressões e suas ocorrências.
- b) **Revisão de literatura:** realizamos nessa fase uma busca no Google Acadêmico e repositórios acadêmicos online de artigos, dissertações e teses sobre *Sombras de Reis Barbudos*, com o objetivo de conhecer as pesquisas já realizadas e sobre suas temáticas. Da mesma forma fizemos uma revisão literária relativa aos culturemas.
- c) **Levantamento de culturemas:** nesta fase, procuramos construir um levantamento de fraseoculturemas na obra.
- d) **Análise e refinamento:** em posse do levantamento de expressões, seguimos para organização e análise desse material.

A organização do levantamento percorreu os seguintes critérios:

- a) **Corpus:** durante a constituição do corpus, todos os fraseoculturemas foram apresentados entre colchetes e hashtags, da seguinte forma: [#CULTUREMA#].
- b) **Contexto:** cada um dos elementos do levantamento segue acompanhado do seu respectivo trecho em que o culturema aparece (todas as ocorrências). Para situar acerca do contexto

em que o culturema está situado, apresentamos um breve resumo sobre o enredo do determinado momento do trecho.

c) Notas informativas: baseando-se na versão impressa da obra, incluímos nas informações sobre os culturemas as indicações de pina, como neste exemplo: (VEIGA, 2001 [1972], p.7).

d) Informações enciclopédicas: nessa parte, couberam os comentários livres ou de caráter enciclopédico sobre o culturema selecionado, quando necessário.

A classificação escolhida para nossa pesquisa foi baseada no modelo Igareda (2011) denominado Categorias para a análise dos culturemas (referentes culturais) na tradução de textos literários². Embora voltado para o campo da Tradução, elegemos esse método para embasar nosso corpus devido a sua amplitude e por ser direcionado para textos literários, foco último deste trabalho.

A categorização segundo Igareda (2011, p. 19) é dividida gradativamente em três níveis, sendo: categorização temática, categorização por áreas e subcategorias. A autora divide o primeiro em sete classes: ecologia, história, estrutura social, instituições sociais, universo social, cultura material, aspectos linguísticos culturais e humor.

Em nosso estudo, considerando o modelo exposto, optamos por focar no eixo temático 7 nomeado Aspectos linguísticos culturais e humor, mais especificamente ao que diz respeito às áreas de categorização 3, 4, denominadas, respectivamente, Elementos culturais muito concretos, Expressões próprias de determinados países (idiomatismos³). Esta área corresponde aos elementos: provérbios, expressões fixas, expressões idiomáticas, modismos,

² Do original: Categorias para el análisis de los referentes culturales en la traducción de textos literarios Igareda (2011)

³ Neste estudo, entendemos *idiatismos* à luz da seguinte aceção em Houaiss (2020) “locução própria de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa outra língua de estrutura análoga, geralmente por ter um significado não dedutível da simples combinação dos significados dos elementos que a constituem”.

clichês, ditos, arcaísmos, símiles, alusões, associações simbólicas, metáforas generalizadas.

Em nossa pesquisa, entendemos as expressões fixas segundo Fulgêncio (2008, p. 101) como uma sequência de palavras memorizadas pelos falantes da língua, sendo igualmente recuperada em bloco. Dessa forma, as expressões idiomáticas, podem neste livro entendidas também, baseado em Fulgêncio (2008, p. 167), como conjuntos de palavras cujo sentido geral não é o resultado da soma dos sentidos literais dos seus elementos constituintes — configuram um tipo de expressão fixa, assim como os provérbios, entendidos como frase de origem popular que expressa, de forma alegórica ou simbólica, os valores culturais de uma determinada sociedade.

A escolha deste recorte foi motivada devido à grande incidência de expressões na obra *Sombras de Reis Barbudos*, objeto de estudo nesta pesquisa. Trata-se de um romance rico em culturemas fraseológicos e simbologias, assim, escolhemos analisar como ocorre a relação entre língua e cultura na narrativa ou contística veigueana, utilizando esses elementos linguísticos como parâmetro.

O levantamento de fraseoculturemas em *Sombras de Reis Barbudos* é constituído de 113 expressões cristalizadas. Devido ao extenso número, optamos por fazermos um recorte dos somatismos, cujos lexemas-base são “cabeça”, “coração”, “mãos”, “olhos” e “barba”. O foco em somatismos no texto literário seguiu as orientações e postulados de Mellado Blanco(2004).

A escolha por evidenciar os somatismos deu-se a partir da percepção da grande incidência e expressividade desses elementos fraseológicos para a obra veigueana. Assim, por meio da análise a seguir, buscaremos averiguar como ocorre o uso dos somatismos, a sua função expressiva, assim como as imagens mentais criadas a partir deles.

O corpo humano é de grande inspiração para a linguagem humana, seja devido às suas propriedades físicas ou pela expressividade que apresentam. É a partir do corpo, ou seja, dos

nossos sentidos, que conhecemos o mundo e recebemos os estímulos que resultam em experiências nas quais possibilitam o desenvolvimento da nossa capacidade de verbalizar as coisas a nossa volta.

Vale ressaltar que os culturemas religiosos mereceram uma atenção especial dos autores do ponto de vista metodológico. Brevemente, mais adiante, mostraremos como se desenvolveu a pesquisa lexicográfica, iniciando com a definição de termos que recorreremos ao longo do trabalho, na ocasião, criamos o termo hagioculturemas⁴ objetivando tornar a terminologia mais elegante e com maior poder de síntese a fim de aproximar literatura e religião, seguimos com a descrição e justificação do corpus em estudo, tanto na versão impressa quanto na versão eletrônica, e em seguida reaplicamos os procedimentos ou métodos de análise utilizados, que vão desde a leitura da obra até o levantamento e classificação dos culturemas do tipo religioso.

A definição operatória dos termos se fez inicialmente necessária, a saber:

Hagioculturemas: Este é o termo central da pesquisa. Segundo o dicionário online, hagio é um termo de composição que exprime a ideia de santo, sagrado. E como o nosso material de estudo são os culturemas de teor religioso, resolvemos nomeá-los resultando, assim, em hagioculturemas. Através, da criação desse termo foi possível falar da relação entre o religioso e o cultural de maneira sintetizada e inovadora. Trata-se de um neologismo (emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não) formado pelos seguintes elementos: (hagio-) + (cult-) + (-ema). No dicionário Houaiss (2020), encontramos a composição desses elementos:

⁴ Os termos “fraseoculturema” e “hagioculturema” são neologismos cunhados por Vicente de Paula da Silva Martins e acolhidos por nós neste livro para torná-los conceitos operatórios e terminologicamente mais elegantes para abrigar itens diversos relacionados à fraseologia geral e à religiosidade em *Sombras de Reis Barbudos*.

HAGIO é um elemento de composição do grego hágios 'santo, sagrado', aparece em vocábulos formados no próprio grego como hagiastério (hagiastérion) e em outros cultismos do sXIX em diante: hagiógrafa, hagiografia, hagiográfico, hagiografista, hagiógrafo, hagiólatra, hagiolatria, e etc. **CULT-** também elemento de composição - antepositivo, do verbo latim colo, is, colere, colui, cultum, que significa cultivar; habitar, morar em; cuidar de, tratar de, preparar, e **EMA** - trata-se de um dos sufixos mais privilegiados na terminologia científica contemporânea – port. esp. it. -ema, fr. -ème, ing. -eme -, com base no gr. -ēma, -ēmatos; ocorre, predominantemente, em grecismos, como diádēma, atos 'diadema', kínēma, atos 'movimento', phónēma, atos 'som da voz, palavra, discurso', poiēma, atos 'obra, invenção, poema', theórēma, atos 'espetáculo, objeto de estudo, teorema'.

Culturemas: Os culturemas são símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de dito simbolismo, e que podem se generalizar e até se automatizar. Uma vez dentro da língua como palavras ou componentes de frases, conservam, ainda assim, algo de sua “autonomia” inicial, na medida em que unem conjuntos de metáforas, e até permitem a adição de outras a partir do mesmo valor, acessíveis para a competência metafórica. (PAMIES BERTRÁN, 2008, p. 54)

Religião: Etimologicamente, a palavra religião vem do latim religio, ónis com o sentido de culto religioso, práticas religiosas. Em sentido amplo, significa um sistema de doutrinas, crenças e práticas rituais próprias de um grupo social, estabelecido segundo uma determinada concepção de divindade e da sua relação com o homem. (HOUAISS, 2009)

Fraseologia: Segundo Monteiro-Plantin (2011, p. 64) a fraseologia é o ramo da linguística que se ocupa de estudar as unidades fraseológicas. Essas são definidas como um

conjunto de dois ou mais termos com formas fixas, tendo certa frequência de uso pelos falantes.

Biblicismo: Biblicismo é o nome utilizado por Mellado Blanco (2007) para tratar sobre os fraseologismos bíblicos. A autora busca, em um de seus estudos, mostrar os contrastes entre os fraseologismos religiosos encontrados na língua espanhola e os encontrados na língua alemã. Nesse estudo, a autora mostra as peculiaridades que diferenciam os biblicismos de outros internacionalismos, fazendo a classificação do que são biblicismos literais, ou seja, aqueles retirados literalmente das passagens da Bíblia, e o que são biblicismos situacionais, aqueles que não têm ligação direta com o texto sagrado, mas que se inspiram nele. Para fazer a diferenciação, foram utilizadas justificativas de caráter histórico e religioso.

O modelo de análise se deu com a releitura minuciosa da obra se utilizando do corpus eletrônico para a consulta e extração dos hagioculturemas. A princípio, foi feito o levantamento de palavras e expressões que tivessem esse teor religioso. Depois, fizemos a classificação conforme categorização de Igareda (2011), pois embora a pesquisa tenha um recorte religioso, os culturemas a ele relacionados podem ser subdivididos, podendo pertencer às categorias temáticas: “História” com a história da religião, “Estrutura Social” com as religiões “oficiais” ou preponderantes, “Instituições culturais” - Cultura religiosa, crenças, tabus, “Universo Social” com os nomes próprios e expressões ligadas à linguagem coloquial e também aos “Aspectos linguísticos culturais e humor” com os elementos culturais e expressões próprias de determinado povo.

Após uma seleção daquilo que era ou não considerado culturema, as expressões foram devidamente contextualizadas e comentadas, em cada comentário, buscava-se descobrir o valor cultural e religioso daquela expressão através de suas origens, etimologias e significados bem como matérias e pesquisas relacionadas ao culturema em estudo.

O levantamento seguiu a seguinte estruturação: primeiro, colocamos as expressões entre colchetes e hashtags [#HAGIOCULTUREMAS#] acompanhadas do trecho da obra onde o culturema aparece (para este Dicionário desconsideramos estes elementos diacríticos como colchetes e hashtags). Em seguida, fizemos uma breve síntese de como a expressão apareceu, visando situar melhor o leitor acerca dos acontecimentos, logo depois foram feitos os comentários, que, como dito anteriormente, englobavam as pesquisas enciclopédicas e as conclusões a que chegamos com o estudo da obra e com as leituras complementares.

ESTUDOS

OS CULTUREMAS FRASEOLÓGICOS (Fraseoculturemas)

Este estudo introdutório ao Dicionário de Culturemas Fraseológicos & Religiosos objetiva a recolha de expressões relacionadas à cultura e língua, por meio da análise dos culturemas fraseológicos (doravante, fraseoculturemas) em *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga. Os teóricos que embasaram nossa pesquisa são Pamies Bertrán (2008) e Luque Nadal (2009) e Igareda (2011) quando tratamos do conceito e classificação de culturemas, e em *Corpas Pastor* (1996), Martins (2013) e Monteiro-Plantin (2011) apoiamos os pressupostos quanto à Fraseologia, mais especificamente ao que diz respeito às expressões idiomáticas e aos somatismos.

O objeto de estudo para a confecção deste Dicionário foi a obra *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga, que foi publicada originalmente em 1972 e que tem como enfoque as consequências da ameaça à liberdade humana por meio de um sistema de governo opressor. A obra tende a mostrar uma valorização cultural, principalmente com a expressiva referência a questões religiosas e ao espaço rural.

A língua portuguesa no Brasil é resultado de experiências coletivas da memória que se materializou antes de nascermos e também dos passos que cada um de nós dá. Essas experiências deixam marcas na linguagem. Mais que isso: a nossa identidade é exposta a partir das palavras.

Nesse sentido a cultura, entendida como etapa evolutiva de valores morais, intelectuais e espirituais, segue uma linha tênue com a linguagem, de modo que as duas formam instrumentos inseparáveis. Sendo que a língua se encarrega de criar elementos que são capazes de expressar as formas particulares em que os falantes

percebem o mundo a sua volta. Um desses elementos são os chamados *culturemas*.

Seguindo o ponto de vista etimológico, “*culturema*” vem de cultura, palavra originada do latim *cultūra,ae* e tem sentido de cuidar, tratar, venerar (no sentido físico e moral). O elemento antepositivo *cult-* vem do verbo latino *colo, is, colūi, cultum, colēre* que diz respeito ao ato de plantar e desenvolver atividades agrícolas. Por ampliação, mais tarde, desenvolveu-se o sentido “cultivar a mente”.

A definição de *culturema* adotada em nossa pesquisa confere ao postulado por Pamies Betrán (2008, p. 54), precursor nos estudos desses elementos associados à teoria fraseológica, que considera os *culturemas* como símbolos culturalmente motivados, funcionando como alusões simbólicas. Essas referências culturais da língua geralmente são compostas por *lexias* compostas ou simples, além de combinatórias fixas e correspondem a uma dimensão extralinguística, ou seja, são capazes de representar as particularidades de uma comunidade.

Os estudos brasileiros referentes aos *culturemas*, quando abordados dentro da área da Fraseologia, ainda são recentes e de menor número. A maior incidência de pesquisas sobre os *culturemas* no Brasil diz respeito ao campo da Tradução, no qual são também conhecidos como “referências culturais”. Embora nesses trabalhos, como (MOLINA MARTÍNEZ, 2001; GIRACCA, 2013; MATTIOLI, 2014; MUNIZ e MARQUES, 2017), essa temática seja tratada de maneira tangenciada e como forma de elucidar outros tópicos, vale ressaltar a relevância das pesquisas que buscam tratar as manifestações culturais nos elementos linguísticos. Mais recentemente, Martins (2017) desenvolveu uma robusta pesquisa sobre a identificação, a classificação e a constituição de um corpus de *culturemas* nos romances do nordeste brasileiro (2016-2017), a que denominou “Frasemário Cultural”.

Os *culturemas* podem estar associados a diversos setores da vida humana, como os acontecimentos históricos, a gastronomia, política, religião, geografia, arte, costumes e tantos outros. Além

disso, os culturemas contribuem para a formação de imagens mentais tradicionais. Por exemplo, dizemos que é de “cortar o coração” quando algo causa emoções relacionadas com a tristeza ou a compaixão, ou seja, entendemos o “coração” como instrumento dos sentimentos. E ao dizermos que estamos “sem cabeça” é o mesmo que dizer que não temos condições de pensar, de raciocinar sobre um determinado assunto no momento, sendo então a “cabeça” o símbolo da razão.

Nesse sentido, podemos conceber os culturemas como “signos ideológicos”, uma vez que trazem a realidade concreta e abstrata do indivíduo e refletem a vivência de mundo, devendo ser compartilhados com outros de uma mesma cultura para que sejam compreendidos. (OYARZABAL, 2013, p. 63)

Neste Dicionário de Culturemas Fraseológicos & Religiosos, primeiramente realizamos o levantamento de culturemas do tipo fraseológico em Sombras de Reis Barbudos. Assim, o Dicionário é composto por expressões cristalizadas, principalmente de natureza verbal, caracterizadas por somatismos, expressões idiomáticas e provérbios. Para este estudo, denominamos de fraseoculturemas estas unidades fraseológicas.

Para identificação desses elementos, alguns aspectos precisavam ser levados em conta para definirmos bem e seguros o que poderia ou não ser considerado culturema. Luque Nadal (2009) estabelece alguns critérios para reconhecer se um fato linguístico cumpre os requisitos necessários para noção de culturema. Para nossa pesquisa, seguimos a lição de Luque Nadal.

Um deles é o que a autora chama de “Vitalidade, figuratividade e motivação” ⁵(Luque Nadal, 2009: 105), que diz respeito à usabilidade das expressões pelos falantes. Por exemplo, embora a expressão “voltar à vaca-fria” apareça em Houaiss (2020) e tenha sentido semelhante ao de retomar uma questão interrompida ou o assunto principal, não constitui um culturema

⁵ Tradução nossa assim como as demais: “Vitalidad, figuratividad y motivación” (Luque Nadal, 2009: 105).

atual, uma vez que é desconhecida pela maioria dos falantes hoje em dia. Outros cultuemas, principalmente os oriundos de religiões e fatos históricos, tendem a ser mais duradouros na língua. A partir desse importante critério, entende-se que os cultuemas precisam ter um sentido compartilhado pela comunidade para assim ter a capacidade de ter a idiomaticidade (sentido metafórico) e a fixação.

O critério “Produtividade fraseológica do cultuema”⁶ refere-se às variações fraseológicas que podem ser facilmente compreendidas. Segundo a autora, são essas variações que indicam que os cultuemas têm uma “entidade mental” própria. Assim, entendemos o cultuema [#JUDAS#] como uma referência para compreender as expressões: “pior do que Judas”, “mais traidor do que Judas”, “mais falso do que Judas” etc. (LUQUE NADAL, 2009, p. 106).

Estes critérios serviram como base para identificação dos cultuemas, que foram categorizadas conforme apresentadas neste livro.

A título de ilustração, os estudos de culturologia e fraseologia nos fazem ter um olhar especial para a palavra “fraseologia”, formada dos seguintes elementos frase + -o- + -logia, vem provavelmente do francês *phraséologie* (recolha de frases feitas para o estudo de uma língua). Analisando os elementos constitutivos, temos “frase” que vem do grego *phrásó*, “modo de falar, locução”, de *phrazein*, “expressar, contar”, e *logia*, do grego -logía, que significa “ciência, estudo”. Essa apresentação etimológica de fraseologia é imprescindível para situarmos os cultuemas como unidade discreta tal como fonema, morfema, semantema, frasema etc

A Fraseologia pode ser estudada a partir de outras áreas de atuação. Vemos atualmente pesquisas voltadas para o ensino, como por exemplo Pedro (2007), Rios (2009) e Monteiro-Plantin (2017). Há ainda estudos que consideram a Fraseologia mais relacionada à

⁶ No original: “cultuema Productividad fraseológica del cultuema” (Luque Nadal, 2009: 105).

Lexicografia, como González Aguiar (2002-2003), Silva (2014) e os que a consideram como ramo da Linguística.

Este Dicionário assume, principalmente, os pressupostos de Monteiro-Platin (2011, p. 164) e Corpas Pastor (1996, p.20) para delimitação do campo de estudo, os quais consideram a Fraseologia como parte da Linguística que se encarrega do estudo das unidades fraseológicas, também chamadas de fraseologismos. Nesse sentido, entende-se que a Fraseologia estuda o léxico da língua não constituído de vocábulos soltos e independentes, mas sim de combinações fixas. Essas combinações, também ditas “lexias”, são registradas por grande parte dos dicionários da língua portuguesa, como por exemplo, “falar pelos cotovelos”, geralmente encontrada dentro do verbete “cotovelo”.

Mais uma vez, lembramos que, para a composição deste Dicionário, entendemos expressão fixa conforme Fulgêncio (2008, p. 101), que determina como “qualquer sequência de palavras que é memorizada pelos falantes da língua como um todo unitário, sendo igualmente recuperada da memória em bloco”, ou seja, são expressões que não devem ser interpretadas por meio da soma de seus elementos constituintes. Sem a reiteração terminológica do que entendemos por expressão fixa, corremos risco de selecionar termos que são expressões comuns, presentes em quaisquer dicionários gerais.

A partir das definições apresentadas até aqui, podemos concluir que os fraseologismos ou expressões fixas são uma combinação de palavras que apresentam características próprias como certa estabilidade e rigidez estrutural e semântica e que são memorizados em bloco pelo falante.

Todos os falantes de uma língua contam com fraseologismos disponíveis no seu sistema linguístico. A utilização dessas expressões fixas é uma das formas de representar e categorizar o mundo, por meio de estruturas repletas de significação.

Os fraseologismos se caracterizam por aspectos estruturais de caráter semântico e sintático, pelo quais é possível constata-los como tal. Consideramos, neste Dicionário, as propriedades

fraseológicas como plurilexicalidade, fixidez e idiomaticidade, a serem analisadas a seguir.

A plurilexicalidade ou polilexicalidade é a característica que diz respeito ao número de “lexias” que compõem as expressões analisadas no âmbito da Fraseologia. Embora essa característica não seja preponderante ou definitiva, ela é a primeira a ser considerada para falar sobre fixação das expressões idiomáticas.

Segundo Martins (2013, p. 41), a natureza pluriverbal é uma condição inerente ao próprio conceito locucional como um conjunto de palavras que equivalem a um só vocábulo, por terem sentido único. Nesse sentido, entende-se que essa propriedade indica ser necessário haver duas ou mais “lexias” para se ter um fraseologismo no sentido canônico já anteriormente definido por nós.

Para melhor ilustrar essa noção, tomemos exemplos da língua portuguesa com lexema-base “braço”. Assim, podemos ter uma formação de dois constituintes, como “braço direito” (principal e eficaz auxiliar; braço forte), e cinco constituintes como “dar o braço a torcer” (abrir mão de uma teima ou opinião; render-se a uma evidência). Podemos, nesse sentido, compreender as expressões idiomáticas como uma combinação de duas ou mais palavras, excluindo a possibilidade de considerar também as unidades léxicas simples.

A fixação ou estabilidade é entendida a partir de Zuluaga (1975, p. 230) que a considera como a propriedade de que certas expressões devem ser reproduzidas no discurso como combinações previamente feitas.

Como já mostramos anteriormente, os fraseologismos, a princípio, por sua presumida carga de opacidade ou idiomaticidade, não são passíveis de interpretação da somatória de seus constituintes. Além disso, vale ressaltar que esses elementos fraseológicos só se confirmam como tais quando se singularizam como uma estrutura fixa convencionalizada socialmente em uma comunidade linguística.

Nesse sentido, o principal critério para considerar a cristalização ou fixidez das expressões é a repetição pelos falantes de

uma comunidade linguística. Entretanto, segundo o que afirma Carmo (2017, p. 20), o grau de cristalização de uma expressão fixa pode variar, podendo ser menos cristalizada, como “comprar/vender gato por lebre”, e mais cristalizada, como “filho de peixe, peixinho é”, tal como geralmente se observa nos provérbios.

Quanto à fixidez dos fraseologismos, Fulgêncio (2008, p. 342) destaca que:

Há (...) graus diferentes de cristalização. Não há somente dois grupos distintos e estanques: construções livres, de um lado, e grupos fixos, de outro lado. Na verdade, existe uma gradação na cristalização, sendo algumas EFs mais rígidas que outras, o que determina um contínuo que vai das EF mais rígidas, passando pelas mais flexíveis, até a montagem livre em concordância com as regras da língua.

Assim, observamos que há variações decorrentes desses diferentes graus de cristalização, como em “pegar o touro pelos chifres”, “pegar o touro à unha”, “pegar o boi pelos chifres” e “pegar o boi à unha”. Nesse exemplo, ocorre a variação tanto no zoônimo, quanto na ação para com o animal, mas o sentido continua o mesmo, isto é, enfrentar um problema, responsabilizar-se por algo.

Segundo Martins (2013, p.56), a renovação do repertório léxico de uma língua depende da conversão de expressões em idiomática, ou seja, é preciso que se globalizem e estabilizem-se. Nesse sentido, a “idiomaticidade” diz respeito à característica de não composicionalidade semântica dos fraseologismos, isto é, não há regras linguísticas que permitam a dedução de um idiomatismo a partir da leitura literal. Evidentemente, podemos pensar em graus de idiomática em um contínuo fraseológico.

Consideramos, então, a partir de Malho (2009, p. 24) que as expressões possuem níveis de idiomática. Há, dessa forma, expressões parcialmente idiomáticas, em que parte dos constituintes mantém o sentido extrafraseológico, como podemos confirmar “receber de braços abertos”. Também há as expressões totalmente idiomáticas, isto é, marcadas pelo sentido

figurado, como em “dar o braço a torcer”; e a as expressões não-idiomáticas, em que os constituintes mantêm o sentido literal.

Para este dicionário, optamos, como recorte lexicográfico, a recolha de análise das expressões idiomáticas ou idiomatismos, mais especificamente ao que diz respeito aos somatismos em Sombras de Reis Barbudos de José J. Veiga. Para sermos mais didático, a noção de Somatismo é a que vem do grego *sôma, atos*, isto é, refere-se a corpo. Assim, os “somatismos” são fraseologismos que são compostos por lexemas que correspondem à anatomia humana ou animal.

Segundo Malho (2009, p. 34), os somatismos adequam-se às representações de situações, sentimentos e comportamentos do ser humano. Assim, temos exemplos que correspondem aos aspectos como a falta de inteligência “ser um cabeça oca”, ingenuidade “não ver um palmo à frente do seu nariz”, impaciência “estar pelos cabelos”, ciúme “ter dor de cotovelo” etc.

Notamos que os somatismos são predominantemente de natureza verbal, uma vez que se ligam às características físicas e simbólicas dos órgãos humanos. Além da representação de comportamentos humanos, no que diz respeito à origem dos somatismos, presumimos que há aqueles que se referem a costumes e tradições antigas, como “não dar o braço a torcer” que se origina nos tempos da Inquisição, ou “ser um bicho de sete cabeças” que tem origem na história mitológica.

O levantamento de fraseoculturemas em Sombras de Reis Barbudos é constituído de 113 expressões cristalizadas. Devido ao extenso número, optamos por fazermos um recorte dos somatismos, cujos lexemas-base são “cabeça”, “coração”, “mãos”, “olhos” e “barba”.

A escolha por evidenciar os somatismos deu-se a partir da percepção da grande incidência e expressividade desses elementos fraseológicos para a obra veigueana. Assim, por meio da análise a seguir, buscaremos averiguar como ocorre o uso dos somatismos, a sua função expressiva, assim como as imagens mentais criadas a partir deles.

O corpo humano é de grande inspiração para a linguagem humana, seja devido às suas propriedades físicas ou pela expressividade que apresentam. É a partir do corpo, ou seja, dos nossos sentidos, que conhecemos o mundo e recebemos os estímulos que resultam em experiências nas quais possibilitam o desenvolvimento da nossa capacidade de verbalizar as coisas a nossa volta.

Neste sentido, faremos, a seguir, brevemente, a análise de alguns somatismos em Sombras de Reis Barbudos, selecionados para esta exposição inicial.

CABEÇA

A “cabeça” geralmente constitui uma referência à inteligência, memória, compreensão e do controle emocional. Somatismos como “ser cabeça”, “ser um crânio” dão ideia de inteligência; já “ser um cabeça oca, cabeça de vento, cabeça de coco” aludem o sentido de distração ou ignorância, imprudência; também indica qualidades como serenidade “cabeça fria”, e sentimentos como a preocupação em “esquentar a cabeça”.

Há ainda muitas outras ocorrências no português brasileiro de fraseologismos com “cabeça” com fortes marcas de sentido idiomático, como: “andar com a cabeça ao léu”, com sentido de ‘estar com a cabeça descoberta, sem chapéu’; “cabeça de negro”, cujo sentido é ‘uma espécie de bombinha que explode com grande estrondo’; “andar a cabeça à roda”, com o sentido de ‘estar tonto; sentir vertigem’; “enterrar a cabeça do boi” que é ‘prolongar as comemorações de Natal até o domingo seguinte à festa’; ‘fazer a cabeça’ que pode ter quatro acepções diferentes i) Nos ritos religiosos afro-brasileiros, submeter (-se) ao processo de iniciação para receber os orixás; ii) Convencer-se de algo; decidir-se, resolver-se. iii) Embriagar-se e/ou drogar-se; e iv) “ter a cabeça a prêmio”, que tem o sentido de “ser objeto de recompensa em caso de captura ou de indicação de pista que auxilie a captura.”.

Em Sombras de Reis Barbudos, as fraseologias somáticas referentes à “cabeça” têm forte expressividade simbólica. Uma das grandes temáticas da obra é as consequências causadas por governo ditatorial vividas pelos personagens. O ambiente no qual o enredo se desenvolve é extremamente opressivo e é comum que regras absurdas sejam impostas à população. Nesse sentido, a simbologia associada a esse somatismo refere-se à falta de autonomia.

Exemplos de Sombras de Reis Barbudos e seus respectivos trechos com “cabeça”:

DE CABEÇA BAIXA

De cabeça baixa, ombros caídos, ora se assustando com qualquer barulho, ora olhando para longe, esquecido do mundo, ele não parecia o mesmo homem que dias antes falava com tanto entusiasmo em sua futura vida de comerciante. Eu estava perdendo meu pai justamente quando começava a ganhá-lo. (VEIGA, 2001 [1972], p.111. grifo nosso)

Para impor essa proibição, e com penas tão severas, era evidente que a Companhia tinha se aparelhado em todos os sentidos, e nós compreendemos que ela não estava brincando. O jeito era obedecer, e andar de cabeça baixa para evitar mal-entendidos. (VEIGA, 2001 [1972], p.138, grifo nosso)

A expressão “de cabeça baixa” remete a este sentido em Houaiss (2020): cheio de vergonha; acabrunhado; submisso, humilhado. A expressão aparece três vezes ao longo da obra. Os contextos dos trechos acima referem-se às imposições da Companhia ao povo de Taitara, onde “erguer a cabeça” podia ser considerado uma afronta à Companhia por ser uma proibição, assim todos deviam andar “de cabeça baixa”. Considerando as respectivas simbologias das expressões, entende-se que “andar com cabeça erguida” remete a orgulho, altivez, enquanto “baixar a cabeça” remete a humilhação, submissão. Simbologias estas que condizem com o ambiente inóspito no qual se passa a história.

No âmbito da Literatura Brasileira, a locução “de cabeça baixa” também foi usada, em *O Mulato* (1881), por Aluísio Azevedo, no seguinte contexto:

“Vários negociantes offerciam-lhe boas vantagens para deixar a casa de Manoel; o Dias recusava sempre, de cabeça baixa, humilde. E tão firmemente se negou ás repetidas propostas, que todo o commercio, dando como certo o casamento d'elle com a filha do patrão, elogiou a escolha de Manoel, e prophetisou ao novo casal um futuro de riqueza—Foi acertado, foi! diziam Com o olhar fito.” (AZEVEDO, 1881, p.21, grifo nosso)

NÃO PASSAR PELA CABEÇA

É curioso como certas coisas vão acontecendo em volta da gente sem a gente perceber, e quando vê já estão aí firmes e antigas. Depois mudam, do mesmo jeito manso. Não me passava pela cabeça que alguém pudesse não gostar de tio Baltazar. Se aparecesse uma pessoa dizendo isso, para mim seria a maior surpresa do mundo. Pois eu tive essa surpresa, e aqui em casa mesmo. (VEIGA, 2001 [1972], p.24, grifo nosso)

A expressão não aparece em Houaiss (2020). Em diferentes sites soltos no Google, vimos o registro ds expressão com a acepção “vir ao pensamento, lembrar”. Em *Sombras de Reis Barbudos* há três ocorrências da expressão. O contexto acima refere-se ao sentimento de Lucas com relação ao seu tio Baltazar. Embora em um primeiro momento o menino não tenha tido uma boa impressão do tio, depois o estranhamento foi dando lugar à admiração.

A expressão também foi usada em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, no seguinte contexto:

Taes eram as idéias que me iam passando pela cabeça, vagas e turvas, á medida que o mouro rolava convulso, e lago dislilava a sua calúmnia. Nos intervallos não me levantava da cadeira; não queria expôr-me a encontrar algum conhecido. (ASSIS, 1899, p. 366, grifo nosso)

QUEBRAR A CABEÇA

No princípio quebrávamos a cabeça para achar o caminho de uma rua à rua seguinte, e pensávamos que não íamos nos acostumar; hoje podemos transitar por toda parte até de olhos fechados, como se os muros não existissem. (VEIGA, 2001 [1972], p.31)

A expressão aparece em Houaiss (2020) e com o sentido de “pensar muito, concentrar-se demoradamente na resolução de algo”. No contexto acima, o personagem-narrador comenta as reações da população de Taitara quando os muros foram colocados nas ruas da cidade. O trecho releva o processo de aceitação das duras imposições da Companhia. A expressão foi encontrada apenas uma vez em toda a obra.

NÃO TER CABEÇA PARA

Mamãe diz que não vai ler os meus escritos porque não tem cabeça para leitura e também porque já sabe tudo melhor do que eu. Está claro que é mais um truque para me deixar à vontade. (VEIGA, 2001 [1972], p.7, grifo nosso)

Houaiss (2020) registra a forma “ter cabeça para” e atribui as seguintes acepções: “ser apto ou hábil para; ter disposição ou paciência para”. “Cabeça”, nesse somatismo, é associada às capacidades mentais, psicológicas. Em Sombras de Reis Barbudos, a expressão aparece com a negativa e o contexto acima refere-se a Vi, mãe de Lucas, que incentiva o garoto a escrever sobre os acontecimentos que sucederam à chegada de Baltazar à cidade.

NÃO SABER ONDE ESTAR COM A CABEÇA

— Não fez nada. Foi só eu dizer que as lunetas iam ser apreendidas, e você saiu correndo pra contar a todo mundo. Não sei onde eu estava com a cabeça quando falei aquilo. Não posso confiar mais nem em meu filho. (VEIGA, 2001 [1972], p.44, grifo nosso)

A expressão diz respeito à falta momentânea ou não de juízo ou maturidade, estar fora de si. Em Houaiss (2020) registra-se a forma canônica da expressão “saber onde tem a cabeça” com o sentido de “ter juízo e maturidade, ser equilibrado; ter a cabeça no lugar”. Esse somatismo cria a noção de a cabeça, como símbolo da razão, precisa estar em um lugar adequado, outras expressões reforçam essa noção: “andar com a cabeça na lua” ou “estar com a cabeça nas nuvens” cujo sentido é ser sonhador, distraído, viver longe da realidade.

CORAÇÃO

Outra entrada do dicionário é com o verbete coração. Trata-se de um órgão muscular essencial para a circulação sanguínea, porém, no âmbito fraseológico, está mais ligado a diversos sentimentos, tais como: alegria (saltar o coração do peito), amor (trazer no coração), angústia (estar com o coração apertado), e, como o sentido do trecho acima, dor (cortar o coração). Além disso, é símbolo de várias qualidades, como bondade (coração de ouro), crueldade (coração de pedra), generosidade (ter coração grande), sinceridade (dizer de coração), franqueza, espontaneidade (falar com o coração nas mãos, ter o coração ao pé da boca), paciência (fazer das tripas coração). Exemplos em Sombras de Reis Barbudos e seus respectivos trechos:

SER DE CORTAR O CORAÇÃO

Foi um susto para mim ver as paredes de fora recebendo aquela tinta avermelhada horrível e a grama do jardim maltratada do transitar de trabalhadores e do manejo de material, um estrago de cortar o coração. (VEIGA, 2001 [1972], p. 30, grifo nosso)

Atribui-se a essa expressão o sentido de emocionar ou comover intensamente, causando grande dor moral, tristeza, aflição

ou dó extremos. Nessa expressão, o “coração” é entendido como o símbolo do amor, no qual ficam os sentimentos. No trecho acima, Lucas narra sua tristeza ao ver o casarão de seus tios Baltazar e Dulce, que precisaram se mudar repentina e misteriosamente sem despedidas, ser vendido e transformado em hotel. Há apenas uma ocorrência da expressão ao longo da obra.

A expressão também aparece em *Capitães de Areia* (1937), de Jorge Amado no contexto abaixo:

Eu prefiro ver meu filho no meio deles que no tal reformatório. Se o senhor quiser ver uma coisa de cortar coração vá lá. Também se quiser pode conversar com o padre José Pedro que foi capelão de lá e viu tudo isso. Ele também pode contar e com melhores palavras que eu não tenho. (AMADO, 1937, s/p, grifo nosso)

DE BOM CORAÇÃO

“Se não fosse a hortazinha de mamãe, e a ajuda de um ou outro vizinho de bom coração e memória curta, teríamos até passado fome” (VEIGA, 2001 [1972], p. 111, grifo nosso)

A locução indica qualidade de quem tem alma nobre e generosa, é sensível aos males do próximo e naturalmente inclinado a fazer o bem; benevolência, benignidade, magnanimidade. No contexto acima, o personagem Lucas conta sobre como a situação financeira dele e de sua mãe ficou extremamente difícil após seu pai ser levado pela Companhia.

A expressão também aparece em *Capitães de Areia*, de Jorge Amado no contexto a seguir:

Inimigo da riqueza e do trabalho, amigo das festas, da música, do corpo das cabrochas. Malandro. Armador de fuzuês. Jogador de capoeira, navalhista, ladrão quando se fizer preciso. De bom coração, como canta um A. B. C. que Boa Vida faz acerca de outro malandro. (AMADO, 1937, s/p, grifo nosso)

MÃO

Selecionamos também expressões com o verbete mão. Considerando que os somatismos são expressões com lexemas que designam uma parte do corpo e expressam suas funções, a mão é um membro que indica muito bem esta característica uma vez que está ligada a diversos sentidos relacionados às suas funcionalidades. Ação, movimento, trabalho (com a(s) mão(s) na massa), posse (deitar a mão a) e poder (com mãos de ferro).

Há inúmeras expressões cristalizadas com “mão”, como “levantar as mãos ao céu”, expressão de cunho religioso que tem o sentido de agradecer ou dar-se por satisfeito com o que já tem; “molhar a mão de”, que tem o sentido de “dar dinheiro a, em troca de algum favor ou concessão, subornar; “passar a mão na cabeça de”, que envolve duas partes do corpo e tem sentido de “desculpar, relevar as faltas de”; “mão de vaca” que tem vários sentidos a depender do contexto, como “um prato culinário brasileiro, ou pode se referir ao ato de enganar alguém, ou à pessoa avarenta”.

Há em Sombras de Reis Barbudos, 57 ocorrências da palavra “mão” em toda a obra. Selecionamos abaixo alguns contextos em que a palavra aparece em expressões cristalizadas:

Exemplos em Sombras de Reis Barbudos:

LAVAR AS MÃOS

Na escola foi a mesma descrença. Alguns colegas até acharam que eu estava inventando a história para me vingar de não ter luneta e precisar olhar na dos outros. Estive a ponto de chorar para convencê-los, mas achei que era me rebaixar muito e resolvi lavar as mãos. (VEIGA, 2001 [1972], p.43, grifo nosso)

Essa é uma expressão bastante antiga de cunho religioso e é registrada em Houaiss (2020) com o sentido de “eximir-se de qualquer responsabilidade, furtar-se às consequências”. A origem da expressão está nos primórdios do cristianismo e deve-se à passagem bíblica que relata a condenação de Jesus Cristo. No

contexto acima, Lucas, tendo descoberto a notícia de que a Companhia iria confiscar as lunetas de todos na cidade, resolve alertar os seus amigos, mas esses acabam não acreditando no menino em um primeiro momento.

Outros autores brasileiros também utilizaram a expressão, como no exemplo abaixo de em Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), de Machado de Assis:

[...]- Lavo inteiramente as mãos, concluiu elle. — Mas você achava outro, dia que eu devia casar quanto antes. — Isso é outro negocio. Acho que é indispensável casar, principalmente tendo ambições políticas. [...] (ASSIS, 1881, p. 321, grifo nosso)

TER BOA MÃO

Mamãe veio saber se estava tudo certo, eles disseram que sim, isto é, que parecia. E um deles teve um gesto incomum em um fiscal, e justamente o que havia repreendido o companheiro minutos antes: felicitou mamãe pelo viço da horta, principalmente os tomateiros, disse que uma horta assim dava gosto ver; e lamentou que a mulher dele não tivesse boa mão para esse trabalho, tudo o que ela plantava ia bem no começo, depois definhava. (VEIGA, 2001 [1972], p.135, grifo nosso)

A expressão aparece em Aulete Digital, com o sentido de “ser habilidoso com as mãos, ter jeito para alguma coisa”. No exemplo acima, os fiscais vão até à casa de Lucas, verificar se as normas da Companhia estavam sendo cumpridas adequadamente. Um deles atribui elogios a Vi, pelo bom trabalho com a horta. A expressão aparece apenas uma vez na obra. Neste exemplo em O cortiço, de Aluísio Azevedo, a expressão aparece, mas ligada à outra atividade, dessa vez, a costura:

O vendeiro quiz legar, mas o outro atalhou: — E' um bom partido, é! Excelente menina... tem um gênio de pomba... uma educação de princesa: até o francez sabe! Toca piano como você tem ouvido...

canta o seu bocado... aprendeu desenho... muito boa mão de agulha!... (AZEVEDO, 1890, p. 223, grifo nosso)

EM MÃOS DE

— Foi o que pensei. Mas estou descobrindo que ninguém empresta dinheiro a quem já não tem. Mas não faz mal. No fim do ano devo receber um extraordinário. Com mais um pouco que tenho em mãos de amigos, e mais uma coisa e outra que arranjar aqui e ali, acho que dá para começar. Vamos ser comerciantes, Lu. (VEIGA, 2001 [1972], p.74, grifo nosso)

A expressão alude ao sentido de controle. Ter sob domínio ou controle de, sujeito a (alguém). “Mão” nesse caso tem o sentido de posse, controle, poder. No contexto acima, Horácio sonha ao lado de seu filho Lucas com o futuro empreendimento que pretende abrir quando sair da Companhia.

ESTENDER A MÃO

Quando voltei ao quarto encontrei uma carta de mamãe em cima do travesseiro. Era o meu outro mundo que me estendia a mão, e em boa hora. (VEIGA, 2001 [1972], p.97, grifo nosso)

A expressão pode ter sentidos diferentes a depender do contexto, podendo ser “pedir, solicitar algo uma coisa (a alguém) como favor ou esmola ou manifestar desejo”, ou “fazer gesto de conciliação, pacificação etc.”, e como no trecho acima, prestar, ou tentar prestar ajuda (a alguém). No exemplo em Sombras de Reis Barbudos, o contexto refere-se ao contato com seus tios depois de um longo período sem notícias. Na carta, Baltazar e Dulce convidam o menino para passar as férias na casa deles.

DAR A MÃO

Dei a mão a meu pai para ele se levantar, no segundo impulso ele conseguiu; mas quando firmou o pé direito no chão encolheu-se e

gemeu, e deu uns passos mancando e gemendo. (VEIGA, 2001 [1972], p. 106, grifo nosso)

A expressão pode ter o sentido de estender a mão a outro em gesto de cumprimento ou felicitações, mas no contexto acima atribui-se o sentido de ajudar, vir em socorro de; favorecer, socorrer. No contexto acima, Horácio envolve-se em uma discussão calorosa com cavaleiros que chegaram a seu armazém.

ABRIR MÃO

Um dia Seu Chamun me chamou e disse numa conversa muito rodeada que eu não levasse a mal, ele gostava muito de mim, eu era um empregado educado e cumpridor etcetera e tal, quem dera que todos fossem como eu etcetera e tal; mas estando o comércio naquela paradeira ele era obrigado a abrir mão de meus serviços por enquanto, não podia me pagar para eu ficar o dia inteiro na loja olhando a chuva cair, já bastava a despesa que ele era obrigado a agüentar com os empregados antigos; logo que o tempo estiasse, e o comércio se animasse de novo, ele me aceitava de volta com muito prazer, caso eu ainda estivesse interessado. (VEIGA, 2001 [1972], p. 115, grifo nosso)

Nessa expressão, “mão” tem noção de posse, causando o sentido de desistir de algo que antes estava sob propriedade devido alguma circunstância. Em Houaiss (2020), a acepção correspondente é “desistir de, dispensa, desinteressar-se de; ceder”. No trecho em evidência, Lucas conta que fora despedido do trabalho de entregador na loja de Seu Chamun, devido às chuvas e o pouco movimento no negócio. Há apenas uma ocorrência da expressão na obra.

A expressão surge em outras obras da Literatura Brasileira. No exemplo abaixo, “abrir mão” aparece em Dom Casmurro, de Machado de Assis:

Ou de verdade ou por ilusão, tudo ali me pareceu melhor nesse dia, minha mãe menos triste, tio Cosme esquecido do coração, prima Justina da língua. Passei uma hora em paz. Cheguei a abrir mão do

projecto. Que era preciso para viver? Nunca mais deixar aquela casa, ou prender aquela hora a mim mesmo... (ASSIS, 1899, p. 365, grifo nosso)

OLHO

O verbete olho recebeu nossa atenção. Os olhos, principais órgãos da visão, permitem-nos observar, perceber as diferenças e similaridades entre pessoas e coisas. Os somatismos que envolvem esse órgão podem remontar as essas funções orgânicas, como em “com olhos de ver” cujo sentido é de forma atenta, sem deixar passar nada; ou “a olhos vistos” com acepção de forma clara, evidente, manifesta. Além disso, as expressões podem ter o sentido de percepção intelectual, como em “abrir os olhos” que significa compreender, desenganar-se; “olho vivo” cujo sentido é percepção aguda; sagacidade, penetração, perspicácia, recomendação de cautela; “ter debaixo de olho ou ter de olho” cuja acepção é não tirar a atenção de (alguém); espreitar (alguém ou algo), por cautela ou prevenção.

FECHAR OS OLHOS

— Ele ainda é tudo para mim — continuou ela. — Quando ele fechar os olhos, não sei o que vai ser de mim. Nem quero pensar. Por não querer pensar é que eu... Mas não vamos falar nisso. VEIGA, 2001 [1972], p.95, grifo nosso)

A fala acima pertence a Dulce, esposa de Baltazar. Seu marido está muito doente e depende de seus cuidados. Lucas insinua que isso deve ser um fardo para ela, que demonstra irritação quanto ao comentário do menino. Nesse contexto, “fechar os olhos” é uma expressão que remete a um eufemismo, ou seja, uma acepção mais agradável usada para suavizar o peso conotador de outra palavra, que nesse exemplo é ‘morrer’.

A expressão também pode ter outras acepções a depender do contexto em que está situada. Houaiss (2020) registra como “fechar

os olhos a” que tem o sentido de “fingir que não percebe; perdoar, desculpar”. Esta acepção pode ser percebida no exemplo abaixo em Quincas Borba, de Machado de Assis:

Quem pôde proferir tal blasphemia sem que lhe tremam as carnes? Mas supponhamos que assim seja, que a opposição possa, uma ou outra vez, fechar os olhos aos desmandos do governo, á postergação das leis, aos excessos da autoridade, a perversidade e aos sophismas. (ASSIS, 1891, p. 249, grifo nosso)

BARBA

A palavra “barba” carrega muito expressividade na nossa obra de estudo, uma vez que está presente até mesmo no título. Os somatismos que envolvem “barba” podem constituir uma alusão à noção de posição alta, força, virilidade. Alguns exemplos são: “ter barba rija” cujo sentido é ser destemido, valente, viril; “nas barbas de” com acepção de “na presença de, por desrespeito ou desafio”; e “à barba” com sentido de à vista; por perto.

PÔR AS BARBAS DE MOLHO

— É? Então continue pensando assim. Mas você não sabe o que eu sei. Estou lá todo dia, vejo e escuto muita coisa. É bom a gente ir pondo as barbas de molho. Lu deve aprender um ofício, ou arranjar um emprego. (VEIGA, 2001 [1972], p.24, grifo nosso)

A expressão “pôr as barbas de molho” aparece em Houaiss (2020) com a acepção de “precaver-se contra perigo ou risco próximo, ou previsível; acautelar-se”. Na antiguidade e na Idade Média, a barba significava honra e poder. Ter a barba cortada por alguém representava uma grande humilhação. Essa ideia chegou aos dias de hoje nessa expressão, que significa ficar de sobreaviso, prevenir-se. O trecho acima corresponde a uma fala dita por Horácio que afirma que Lucas deve esquecer o sonho de ser engenheiro. Com

esse diálogo, ele insinua que o futuro de Baltazar era incerto na Companhia. Há apenas uma ocorrência desta expressão na obra.

Propusemo-nos, nesta pesquisa, analisar os fraseoculturemas em *Sombras de Reis Barbudos*, principalmente no que diz respeito aos somatismos, de forma a averiguar como se dá a relação entre cultura e língua. Assim, utilizamo-nos, para este estudo, das teorias fraseológicas associadas ao aspecto cultural.

Voltando o olhar para o todo o corpus, pudemos constatar que os fraseologismos precisam cumprir algumas propriedades, como a plurilexicalidade, a fixação e idiomaticidade. Percebemos, ainda, que os fraseologismos são uma forma de expressão e possuem relação intrínseca com a cultura de um povo, sendo a peculiaridade desses elementos a responsável pela vivacidade da nossa língua. Notamos, ainda, que conhecer e compreender o contexto em que as unidades fraseológicas estão inseridas é imprescindível, uma vez que essas refletem as impressões de um povo sobre o mundo ao seu redor. Dessa forma, não é possível compreendê-las em sua totalidade de forma isolada.

José J. Veiga tem um cuidado minucioso com a escolha das palavras de modo que, a partir delas, é possível imergir no mundo fantasioso e ao mesmo tempo tão real que é o espaço de *Sombras de Reis Barbudos*. A obra, que se caracteriza pelo aspecto alegórico, é bem desenvolvida pelo autor no sentido de manter a expressividade, usando de recursos linguísticos para desempenhar esse papel.

Nesse sentido, entendemos que a língua pode ser utilizada para os diversos tipos de expressões artísticas e culturais. E além de representar falares, os fraseoculturemas, objeto de nosso estudo, também reafirmam a identidade do falante de modo a realçar regras sociais e morais, princípios e a cultura de uma comunidade. Ademais, são itens que constituem recursos estilísticos e que, portanto, auxiliam no estudo de obras literárias.

Em relação ao recorte feito para análise específica nesta pesquisa, percebemos que os somatismos encontrados em *Sombras de Reis Barbudos* constituíram-se sobretudo por processos de transposição metafórica e metonímica. Nesse sentido, os

somatismos evidenciaram as imagens associadas às funções de cada uma das partes do corpo, além de representarem o comportamento humano. Verificamos, ainda, que conhecer os somatismos exige a capacidade de conexão com a cultura e mentalidade de uma comunidade. Os fraseologismos, sobretudo os somatismos, mostraram claramente a inspiração vinda do imaginário coletivo para expressar-se.

Em suma, compreendemos que esta pesquisa indica apenas uma das possibilidades de análise, sendo a obra de nosso estudo um corpus riquíssimo de referências culturais não apenas do âmbito fraseológico, mas de muitas outras áreas que ficaram fora do escopo deste trabalho. Dessa forma, os mesmos critérios aplicados a esta pesquisa podem ser utilizados para a análise em outros romances, de modo a ser a oportunidade de ampliar os estudos fraseológicos em textos literários.

OS CULTUREMAS RELIGIOSOS (Hagioculturemas)

O objetivo deste trabalho é também estudarmos a relação entre literatura e religião através da análise dos culturemas do tipo religioso (doravante, hagioculturemas) na obra *Sombras de Reis Barbudos* de José J. Veiga. A intenção é trazer para o leitor uma nova visão sobre a obra em estudo, fazendo uma ligação entre o texto literário e o seu aspecto religioso por meio de marcas culturais encontradas no romance. Para este recorte fraseológico-culturológico, Os subsídios teóricos do nosso trabalho são fundamentados nos estudos de Pereira e Silva (2015), a respeito da relação entre literatura e religião, Luque Nadal (2009), Igareda (2011) e Pamies Bertrán (2008) sobre os culturemas e Mellado Blanco (2007) e seus estudos sobre biblicismos.

A religião exerce forte influência em todas as esferas da vida das pessoas, desde crenças sobre o certo e o errado, até o regimento da maneira de viver e de se comportar em sociedade. Com a língua não é diferente, a linguagem utilizada na Bíblia, por exemplo, também influencia na forma de expressão das comunidades

linguísticas, onde muitos dos escritos encontrados no livro sagrado têm um sentido metafórico. Alguns deles fizeram uma travessia ao longo do tempo e passaram a ser utilizados como expressões do dia a dia de algumas pessoas se tornando marcas culturais de determinado povo.

É bastante comum utilizarmos e ouvirmos a expressão “religião não se discute” e talvez devido a isso, ainda são escassos os estudos que abordam a cultura religiosa, ou o papel religioso dentro da literatura, e isso faz com que seja estabelecida, na maioria das vezes, uma barreira entre o que é considerado um texto religioso e o que é um texto literário. No entanto, é importante entender que a religião, no Brasil, com toda a sua tradição, que foi estabelecida desde a colonização, principalmente na catequização dos indígenas pelos jesuítas, deixou uma forte herança que influencia até hoje no contexto social, cultural e também literário, permitindo, assim, que haja essa aproximação e que sejam abertos diversos caminhos de interpretação e análise tanto no campo da literatura quanto no da própria religião.

A respeito dessa relação entre literatura e religião, Pereira e Silva (2015, p. 2) vai dizer que o estudo de religião e literatura determina uma conexão na divisão entre o texto literário e o texto bíblico, abrangendo análises religiosas de obras literárias de escritores e poetas, e ainda vai defender que esses estudos fazem que temas que antes eram tratados de forma exclusiva pelas instituições religiosas, passem a ser vistos de outras formas através de romances, contos e poesias. Aqui, podemos perceber a importância dessa relação que desenvolve no leitor a criticidade e o poder de formular suas próprias opiniões, tendo em vista que muitas obras trazem o tema religioso em meio a cenários denunciativos propondo reflexões.

Partindo da premissa de que a maioria das religiões cristãs utiliza a Bíblia Sagrada como guia ou manual de orientação de todas as suas crenças, podemos então considerar que a religião é primordialmente literária, pois se baseia em escritos literários deixados por apóstolos que com o uso de parábolas, salmos e

evangelhos demonstram os acontecimentos antes e depois da vinda de Cristo ao mundo, e com isso buscam fazer com que essas reflexões influenciem no modo de viver e pensar do ser humano, estabelecendo assim culturas religiosas em suas mais diversas crenças. Essas marcas culturais vão se manifestar na Bíblia através de fraseologismos, frases ou expressões cristalizadas que não assumem seu sentido literal (HOUAISS, 2009). Mellado Blanco (2007, p.99), em seus estudos sobre fraseologismos bíblicos, ou biblicismos, defende que com a difusão das sagradas escrituras, essas expressões vão ocupar um lugar bastante importante no acervo linguístico e simbólico das comunidades linguísticas, visto que ultrapassaram os limites do tempo e continuam a fazer parte do meio social.

Essa combinação entre religião, literatura e cultura em obras literárias pode ser vista e percebida tanto de forma explícita como na obra do autor José Saramago “O evangelho segundo Jesus Cristo” (2015) que retrata a vida de Jesus Cristo de uma forma bastante atual e crítica, como de forma implícita como, por exemplo, na obra Sombras de Reis Barbudos de José J. Veiga, que traz esse teor religioso escondido e camuflado nos nomes dos personagens e também em expressões utilizadas pelo autor. É esse tipo de manifestação religiosa que será nosso material de estudo na obra citada de Veiga.

Com isso, podemos afirmar que essa associação entre os elementos citados anteriormente é sim possível e se manifesta de formas diferentes, podendo se dar de forma reflexiva, crítica, atual ou mais antiga, abordando rituais religiosos cristãos e não cristãos e principalmente, atuando como uma forma de enriquecimento literário que possibilita ao leitor ver a obra sob um olhar mais interpretativo e analítico, levando a conhecer suas origens culturais e linguísticas.

Os estudos sobre os culturemas vêm ganhando bastante notoriedade nos últimos anos. Esses estudos, segundo Luque Nadal (2009, p.93) surgiram pela necessidade de definir essa noção e fazer uma distinção de outras como frasemas, idiomatismos, símbolo e

palavra cultural, buscando, assim, fazer com que essa noção possa se expandir e firmar-se no campo da linguística.

Sabemos que uma sociedade é marcada por aspectos de sua cultura, seja ela no âmbito político, religioso, histórico ou linguístico. E são essas marcas culturais que demonstram muito como se dá a identidade de determinado povo em comparação com a de outro. Através do sotaque, da maneira de falar, e de se vestir, por exemplo, podemos identificar de onde uma pessoa vem, e conseqüentemente saber, embora superficialmente, quais são suas crenças, modos de viver e suas formas de pensamento e expressão.

A língua, em todas as suas ciências, busca meios de entender e interagir com o homem, e para isso é necessário que haja esse estudo sobre cultura e linguagem. Muitas das expressões utilizadas no nosso dia a dia têm um teor cultural muito forte, como é o caso de “Casa-da-mãe-joana” que significa lugar de bagunça, onde se pode fazer o que quiser, ou “Santo do pau oco” usada para designar pessoas falsas. Por esse motivo, entender melhor de onde elas vieram e suas motivações pode nos ajudar a compreender também aspectos importantes da nossa gramática e do nosso léxico.

A respeito dos culturemas, Luque Nadal (2009, p. 94) vai dizer que esses são conceitualmente noções culturais peculiares de um país ou de um âmbito cultural e muitos deles possuem uma estrutura semântica e pragmática completa. Diz também que os culturemas são unidades comunicativas que devem ser reconhecidas e listadas em dicionários. Pamies Betrán (2008, p. 54), um dos precursores nos estudos sobre culturemas, vai defini-los como elementos simbólicos culturalmente motivados capazes de representar a identidade e peculiaridades de uma determinada comunidade.

A língua de um país, em especial o Brasil, é composta por uma diversidade linguística e de culturas encontrados em provérbios, ditados populares, expressões idiomáticas, entre outros, que são muitas vezes peculiares de alguns estados mas que também podem ser encontrados na linguagem utilizada em outros cantos do país e até fora dele. Esses culturemas fazem com que elementos

simbólicos que tenham origem tanto na história quanto na religião ou até mesmo no meio social sirvam como meios de comunicação entre integrantes de uma comunidade.

Em nossa pesquisa, trabalharemos com os culturemas do tipo religioso na obra em estudo, isso porque muitas das expressões e palavras coletadas têm sua fundamentação encontrada na religião.

Sombras de Reis Barbudos (2001) trabalha com um acervo cultural bastante denso que é encontrado tanto nas atitudes dos personagens quanto em suas falas. Em meio ao conflito desenvolvido no romance, foi possível perceber aspectos ligados à cultura religiosa, em especial ao Catolicismo, presente nos nomes Baltazar e Lucas, personagens centrais da história, e em muitas expressões e palavras utilizadas no texto como “mudar da água pro vinho” e “lavar as mãos”.

Na obra, temos Vi, a mãe do personagem Lucas, uma dona de casa que, assim como outras mulheres, é bastante religiosa, e em diversos momentos temos a presença da mãe ligada a algo religioso, como as idas à igreja para rezar o rosário e fazer pedidos, em meio ao cenário de horror imposto pela Companhia, e também ao costume de ajoelhar-se ao lado da cama para fazer orações. Nas lembranças de Lucas, é possível perceber essa aproximação quando ele relata o dia em que viu um homem sem o nariz na Igreja em um período muito celebrado na religião católica, que é a Semana Santa, e o fato de ele rezar o Credo, oração católica, em um momento de medo. Esses são apenas alguns dos indícios que demonstram o valor religioso da obra, posteriormente iremos aprofundar mais essas discussões nas análises dos culturemas.

É possível afirmar que a religião é um dos meios encontrados pelos personagens para fugir daquela realidade dura que eles enfrentavam. Talvez, a fé que tudo aquilo fosse acabar, é que dava forças para eles continuarem seguindo em frente, e isso é nítido na

fala do personagem Baltazar que costumava dizer que tudo se resolve com fé e entusiasmo⁷.

A obra *Sombras de Reis Barbudos* de José J. Veiga vem, desde a sua publicação, sendo objeto de estudo de diversos autores que buscam desvendar seus mistérios e trabalhar com mais profundidade as suas temáticas. Pensando nisso e visando um estudo completo da obra, fizemos um levantamento de artigos, monografias, dissertações e ensaios que tratem do romance trazendo outros aspectos que não seja o religioso. Falaremos, a seguir de alguns deles.

O artigo intitulado “A coerência em perspectiva semiótica no realismo maravilhoso de *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga” (SIMÕES; ASSIS, 2009) traz uma discussão acerca do poder do signo no processo de leitura. O estudo busca, através da análise das estratégias utilizadas por Veiga na construção do léxico e do sentido da obra, mostrar a coerência textual em uma narrativa com características do realismo maravilhoso. Para isso, terá como base os elementos fantásticos na obra, bem como as experiências sobrenaturais, e as transformações ocorridas na cidade de Taitara. Essa investigação semiótica funciona como uma espécie de guia de leitura que oferece uma aproximação entre texto e leitor com vistas ao entendimento completo da obra.

No artigo “O insólito em José J. Veiga: Estilo concebido como desvio” (ASSIS, 2011), encontramos uma abordagem sobre os aspectos estilísticos que fazem com que haja um desvio das normas, ou seja, saem daquilo que é considerado comum, habitual, para criar novas formas de expressão. Ao aproximar essa abordagem ao texto de *Sombras de Reis Barbudos*, o autor chega à conclusão de que o romance é marcado por uma multiplicidade de sentidos, construídos por meio do raciocínio do insólito. Ao compor esses eventos insólitos, como o aparecimento de muros e urubus, que

⁷ Entusiasmo é uma palavra que vem do grego *enthousiasmós*, *oû* no sentido de “transporte divino”, com a ideia de Entusiasmo (do grego *in + theos*, literalmente ‘em Deus’ + *asmo* = estar com Deus na alma) originalmente significava inspiração ou possessão por uma entidade divina ou pela presença de Deus.

afetam a vida dos moradores de Taitara, José J. Veiga faz escolhas lexicais que permitem perceber esse estilo literário como desvio. Essas marcas estilísticas tornam a obra mais expressiva e permitem ao leitor ampliar sua visão sobre as reais intenções do autor.

Outros artigos como “Repressão e ditadura na obra Sombras de Reis Barbudos de José J. Veiga” (KROIN, 2016) e “Sombras de Reis Barbudos, de J. J. Veiga: um romance maravilhoso e alegórico” (SANTOS; HAAG, 2014), vão trabalhar com a temática principal da obra que é a alegoria feita ao regime militar. O primeiro, analisa a maneira como Veiga faz essa denúncia, trazendo o contexto histórico da época e falando da repressão e tirania vividas pelos personagens, mostra também o poder de intervenção que a arte literária teve naquela época através do engajamento social. O segundo, analisa a literatura fantástica e o realismo maravilhoso à luz da alegoria mostrando as intenções de J.J Veiga ao aliar realidade e ficção fazendo da obra uma testemunha literária da História do Brasil (SANTOS; HAAG, 2014, p.67).

A dissertação nomeada de “A poética de J. J. Veiga em Sombras de Reis Barbudos” (ASSIS, 2008) analisa teorias da ironia e da poética surrealista na obra. Assis inicia o estudo fazendo uma análise dos componentes da narrativa que engloba personagens, o espaço, tempo, enredo, e o narrador, constatando a importância que esses elementos têm na construção do sentido. E em seguida, fala da obra em seu sentido surreal, mostrando como Veiga instaura na trama, ideais de liberdade nada convencionais frente ao cenário de opressão, além disso, aborda a ironia presente no romance, que atribui efeitos de sentido baseados na crítica.

Ensaio como “As sombras dos reis barbudos: a representação alegórica da realidade” (GOMES, 2005) e monografias intituladas “ A representação alegórica em J.J. Veiga” (MONTEIRO, 2012), e “ A expressão literária de J. J. Veiga em Sombras de Reis Barbudos: liberdade fantástica em tempos de ditadura” (PONTES, 2016), também vão retratar as ideias que foram colocadas de modo subentendido. Através de acontecimentos como as regras absurdas da Companhia, a prisão do pai de maneira arbitrária, o sumiço das

peças representando o exílio, formam o caráter alegórico da obra que simboliza o regime militar e o histórico de opressão vivenciado pela população brasileira na ditadura.

Estudos como esses demonstram o potencial da obra e nos permitem conhecer temáticas e abordagens que não são percebidas em uma leitura superficial.

O modelo de análise se deu com a releitura minuciosa da obra se utilizando do corpus eletrônico para a consulta e extração dos hagioculturemas. A princípio, foi feito o levantamento de palavras e expressões que tivessem esse teor religioso. Depois, fizemos a classificação conforme categorização de Igareda (2011), pois embora a pesquisa tenha um recorte religioso, os culturemas a ele relacionados podem ser subdivididos, podendo pertencer às categorias temáticas: “História” com a história da religião, “Estrutura Social” com as religiões “oficiais” ou preponderantes, “Instituições culturais” - Cultura religiosa, crenças, tabus, “Universo Social” com os nomes próprios e expressões ligadas à linguagem coloquial e também aos “Aspectos linguísticos culturais e humor” com os elementos culturais e expressões próprias de determinado povo.

Após uma seleção daquilo que era ou não considerado culturema, as expressões foram devidamente contextualizadas e comentadas, em cada comentário, buscava-se descobrir o valor cultural e religioso daquela expressão através de suas origens, etimologias e significados bem como matérias e pesquisas relacionadas ao culturema em estudo.

O levantamento seguiu a seguinte estruturação: primeiro, colocamos as expressões entre colchetes e hashtags [#HAGIOCULTUREMAS#] acompanhadas do trecho da obra onde o culturema aparece. Em seguida, fizemos uma breve síntese de como a expressão apareceu, visando situar melhor o leitor acerca dos acontecimentos, logo depois foram feitos os comentários, que, como dito anteriormente, englobavam as pesquisas enciclopédicas e as conclusões a que chegamos com o estudo da obra e com as leituras complementares.

Considerando a grande quantidade de culturemas de teor religioso coletados na obra, selecionamos 10 deles para analisar nessa parte do trabalho.

BALTAZAR

Está bem, mãe. Vou fazer a sua vontade. Vou escrever a história do que aconteceu aqui desde a chegada de tio Baltazar. Sei que esse pedido insistente é um truque para me prender em casa, a senhora acha perigoso eu ficar andando por aí mesmo hoje, quando os fiscais já não fiscalizam com tanto rigor” (VEIGA, 2001,[1972], p.7, grifo nosso)

Baltazar é um dos personagens centrais da história. Irmão da mãe de Lucas, este é aquele no qual Lucas sempre ouvia falar e via por fotos, mas que não conhecia pessoalmente. Até que um dia Baltazar, junto com sua esposa Dulce, veio fazer uma visita à família, para decepção de Lucas que o viu chegar sem o braço esquerdo, acabando com a imagem de esportista que tinha dele. Tio Baltazar foi o responsável por criar a Companhia, símbolo de modernidade, e que por isso se tornou admirado e querido por todos da pequena cidade. Além disso, é um dos personagens mais misteriosos da narrativa, pois não se sabe exatamente o que estava por trás do seu sumiço da Companhia e nem qual foi o seu fim. O culturema tem 143 ocorrências em toda a obra, e faz parte da categoria “Universo social”, na categorização de Igareda (2011).

O nome Baltazar ou Balthazar, segundo o dicionário online de nomes próprios tem origem no assírio Bel sar uxur, do hebraico Belsassar, Beltshatztzár, do babilônico Balt-shar-usur, que quer dizer “salve a vida do rei”, com a palavra “rei” ligada a “senhor, indica uma pessoa introvertida e até um pouco desconfiada, mas que nunca nega colaboração àqueles que recorrem a ele. Os amigos o admiram e o respeitam muito.

No âmbito religioso, Baltazar é o nome de um personagem bíblico mencionado no Novo Testamento como um dos três reis magos que levaram presentes no nascimento do menino Jesus.

Segundo o Portal da Federação Espírita do Estado de São Paulo, em um artigo sobre a mensagem dos três reis magos, e em algumas descrições, o rei mago Baltazar era negro, e totalmente barbado. Nesse sentido, em *Sombras de Reis Barbudos*, o nome Baltazar pode ter sido escolhido pelo autor devido ao fato de que ele, assim como o rei mago que veio trazer a notícia da boa nova que era o nascimento de Jesus, trouxe para a pequena cidade fictícia de Taitara a esperança de uma vida melhor e mais moderna através da Companhia, assim como o nome simboliza, Baltazar passou a ser admirado por todos os habitantes daquela cidade. Além disso, o fato do rei mago Baltazar ser barbado, faz referência ao nome da obra. Outra referência bíblica ao nome Baltazar aparece no Antigo Testamento, mas especificamente no livro de Daniel (5:1) “ Certo noite, o rei Baltasar, filho de Nabucodonosor, convidou mil dos seus nobres para um grande banquete e puseram-se a beber vinho” trata-se do último rei da Babilônia, que foi castigado por Deus depois de pegar taças e copos de ouro e prata que o seu pai levou do templo de Jerusalém, para beber com concubinas.

Na Literatura Brasileira, não é de hoje que o antropônimo Balthasar figura nos romances. José de Alencar, em seus “*Alfarrabios: crônicas dos tempos Coloniaes*” (1873), traz este exemplo: “ Neste sentido, diz o Dr. Balthasar da Silva Lisboa, escreveu-se ao prelado intimando que suspendesse a censura até a determinação de sua Magestade.” (ALENCAR, 1873, p.2010).

Outra curiosidade, é que ainda no meio literário iremos encontrar outro personagem com o mesmo nome, trata-se de Baltazar, nome do personagem central da obra “*Memorial do Convento*” de José Saramago, que assim como o tio Baltazar, que perdeu seu braço esquerdo por motivos desconhecidos, Baltazar Matheus ou sete-sóis, como era chamado, não tinha a mão esquerda, perdida durante a Guerra da Sucessão Espanhola. Isso nos leva a pensar que em meio a essa denúncia feita à ditadura militar na obra *Sombras de Reis Barbudos*, a perda do braço do tio Baltazar também pode estar ligada a uma participação dele na guerra.

LUCAS

Mas eu não tinha queixa. Eu sabia o horário de tio Baltazar ir e voltar da fábrica, quando queria vê-lo era só ficar trançando pelo caminho até o carro passar, que na certa ele mandava parar e me puxava para dentro. Se havia estranhos no carro ele me apresentava, ‘este é meu sobrinho Lucas, vai ser engenheiro e dirigir a empresa quando eu me aposentar.’ (VEIGA, 2001,[1972] p.21, grifo nosso).

Lucas é o narrador-personagem da história. Este decide, incentivado por sua mãe, reconstruir em tom memorialista os fatos ocorridos desde a chegada da Companhia, na tentativa de compreender o que se passou. Lucas, assim como os demais personagens, participa passivamente da história, sofrendo com as normas e proibições da Companhia.

No dicionário de nomes próprios, encontraremos o significado do nome Lucas, que tem origem no grego Loukás, um apelido do original Loukanós, que quer dizer “da Lucânia, lucano”. O nome Loukanós vem da raiz lyke, luk ou luc, que originaram a palavra lux, que significa “luz”, por isso também é atribuído a Lucas o significado de “luminoso”. O nome faz referência a um dos quatro evangelistas que compõem o Novo Testamento, escrevendo os livros “Evangelho segundo São Lucas” e “Atos dos Apóstolos”. Em Colossenses (4:14) encontraremos a seguinte afirmação sobre o evangelista “ Lucas, o médico amado, e Demas enviam saudações”. Ele apresentava em seus relatos um estilo literário excepcional, com um vocabulário rebuscado, mostrando em seu evangelho, diferente dos outros, beleza e riqueza de detalhes, isso se deve a sua formação acadêmica em medicina, aos conhecimentos que tinha em investigação histórica, e também pelo fato de ser o único que não viveu no tempo de Jesus, e que por isso tinha uma visão mais observadora e analítica de tudo, baseada em diversos relatos.

Lucas é o único evangelista a formular em seus escritos um projeto literário, o prólogo que redige chama a atenção, pois além de uma intenção missionária, revela também uma intenção literária.

Através de investigações feitas nas viagens missionárias onde acompanhou Paulo, o evangelista Lucas buscou mostrar a fiel história de Jesus, por meio de todos os relatos que ouviu. Com isso ele demonstrou eficácia na arte de narrar. Na obra, o personagem Lucas de 11 anos, assim como o evangelista, é aquele que narra à história e que traz os relatos do que aconteceu na sua cidade após a chegada da Companhia, a fim de tentar entender os mistérios ocorridos naquele lugar. O personagem é muito mais do que uma criança, ele representa, em um contexto geral, toda uma sociedade que sofre, que luta, que busca meios de compreender a realidade que os cerca.

No âmbito da Literatura Brasileira, Lucas, como personagem, aparece entre outras obras em “O Gaúcho: romance brasileiro” (1870), de José de Alencar. “– Ora esta do Lucas Fernandes! Si ele não quisesse quem o obrigava? Não é assim?” está! Disse o Lucas soltando uma gargalhada” (p. 26). O nome aparecerá apenas uma vez na história, outras recorrências a ele se darão através de seu apelido “Lu”. Na classificação de Igareda (2011) o nome próprio Lucas pertence a categoria Universo Social.

MUDAR DA ÁGUA PRO VINHO

“Eu já tinha me acostumado com as antipatias de meus pais, e adotado umas regras para não agravá-las, quando de repente a situação muda de água para vinho.” (VEIGA, 2001, [1972], p.14, grifo nosso).

Na obra, a expressão “mudar de água para vinho” foi empregada por Lucas para falar sobre a situação em que o pai, que vivia de implicância com tio Baltazar, muda de atitude de forma inesperada, passando a 55iabo-lo de forma diferente.

Essa expressão é usada quando se quer dizer que algo mudou repentinamente e para melhor, ou seja, traz esse ideal de mudança vivenciada por pessoas e situações no cotidiano. Ela é encontrada tanto no Brasil quanto em Portugal, diz-se que, provavelmente, ela tenha origem a partir do gesto milagroso de

Jesus que em uma festa de casamento transformou a água de jarras em vinho. Na Bíblia, em João (2: 11) tem-se a passagem “Este sinal milagroso, em Caná da Galileia, foi o primeiro que Jesus realizou. Revelou assim a sua glória, e os seus discípulos creram nele”. Devido a isso, entende-se que a expressão surgiu para expressar uma transformação radical para melhor. A água tem uma simbologia bastante forte na religião católica, pois é benta por sacerdotes e utilizada em batismos, bênçãos e unções, adquirindo muitas vezes o poder de cura. O vinho é utilizado pelos padres em um ritual das missas chamado de Comunhão, em que é servido junto com a hóstia sagrada, simbolizando o corpo e o sangue de Cristo.

DIZER AMÉM A TUDO

“Hoje eu sei que ele fazia isso para mostrar que era independente e que não estava ali para dizer amém a tudo o que viesse do diretor-presidente; mas devo reconhecer que era uma maneira muito esquisita de mostrar independência.” (VEIGA, 2001 [1972], p.22, grifo nosso.)

A expressão dita por Lucas surge no momento em que ele explica a relação entre seu pai e Baltazar. O narrador explica que, embora eles tenham se entendido em algum momento, a verdade é que eles nunca acabaram de vez com as diferenças. Lucas comenta que Horácio tecia comentários negativos sobre a conduta de Baltazar e que essa atitude de seu pai era para não se mostrar submisso às ordens do cunhado.

Os dicionários gerais, como Houaiss (2020) e Aulete digital, dão poucas informações fraseológicas sobre acepções, datação e etimologia referentes este culturema fraseológico, exceto a acepção mais frequente que é a de “manifestar concordância; aprovar, condescender, anuir, consentir em, apoiar”.

A palavra amém, datada por Houaiss de sXII, refere-se à “concordância incondicional; aprovação, consentimento, anuência”. Sua etimologia nos remete ao hebraico. Amén no sentido de ‘assim

seja', pelo lat. Amen 'id.'", indica afirmação e adesão. Suas formas históricas são: sXIII amen, sXIV amem, sXIV ame. Muitos romancistas na Literatura Brasileira, recorreram a esta expressão, como Joaquim Manuel de Macedo, em "A carteira de meu tio (Segundo folheto): " – Pois que o talento se resolva a dizer amen a tudo, e a virtude, que anda tão por baixo, não se atreva a dar modos exemplos que ofendem o vício, que está de cima" (MACEDO,1867, p.124). Também Machado de Assis, em seu "Papeis Avulsos", recorreu a esta expressão, no seguinte contexto: "Dizes amen a tudo, não é? Ahi tens o lucro, biltre! – E muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo." (ASSIS, 1882, p. 19). No âmbito fraseológico, tem-se a expressão "dizer amém a tudo", ou variações como "dar amém a". Ao longo da obra, só encontraremos uma ocorrência com esta expressão.

LAVAR AS MÃOS

"Na escola foi à mesma descrença. Alguns colegas até acharam que eu estava inventando a história para me vingar de não ter luneta e precisar olhar na dos outros. Estive a ponto de chorar para convencê-los, mas achei que era me rebaixar muito e resolvi lavar as mãos." (VEIGA, 2001, [1972] p.43, grifo nosso).

Para observar os urubus que sobrevoavam a cidade, muitos habitantes passaram a usar lunetas. Tal atitude passou a ser um incômodo para a Companhia que planejava confiscar os objetos. Lucas, sabendo desse fato antecipadamente, resolve avisar aos seus colegas da escola, mas, a princípio, não quiseram acreditar nele.

A expressão significa eximir-se de qualquer responsabilidade, furtar-se às consequências, e tem origem bíblica. Segundo a história, Pôncio Pilatos era prefeito da província romana da Judeia na época da pregação de Jesus Cristo. Quando o Sinédrio judaico lhe enviou Jesus para execução, Pilatos, por não ter nele encontrado nenhuma culpa, tentou livrá-lo da morte, mas o povo de Jerusalém preferiu salvar Barrabás. Pilatos então, após lavar as

próprias mãos, em sinal de renúncia de qualquer responsabilidade, condenou Jesus a morrer na cruz. Em Sombras de Reis Barbudos, a expressão é usada por Lucas, que tenta contar aos amigos que a Companhia vai confiscar todas as lunetas da cidade, mas seus colegas não acreditam nele.

ROSÁRIO

“Acordamos quando o rosário dela caiu com um barulho comprido de contas encadeadas” (VEIGA, 2001, [1972], p.34, grifo nosso).

A palavra apareceu na descrição de Lucas sobre uma das idas dele e da mãe à igreja, ao chegar lá ele percebeu a tristeza de sua mãe que chorava com os olhos fitos na imagem ao alto, nisto Lucas sentiu-se arrependido e deu um longo abraço em sua mãe que só foi interrompido com a queda do rosário no chão, esse é um dos momentos mais emocionantes da história, onde é nítida a busca do consolo de mãe e filho na fé.

Rosário vem do latim *rosarius*, a,um ‘de rosas’. Segundo Houaiss (2020), rosário é uma fileira de 165 pequenas contas dispostas de maneira sucessiva, representando cada uma delas uma oração. No site Canção Nova, importante canal de representação da Igreja Católica no Brasil, podemos encontrar a possível origem do nome, que se deve a um relato popular de um monge cisterciense, que costumava rezar 50 ‘Ave-Marias’, que saíam de seus lábios como rosas que iam aos céus e se depositavam na cabeça da Santíssima Virgem. O hábito cristão de rezar inúmeras vezes a oração do pai-nosso, que acontecia porque alguns cristãos que não sabiam ler os salmos eram orientados a rezar várias vezes a oração, aliado com o exercício de saudação à Virgem Maria através da oração “Ave Maria” é que deu origem ao Rosário da Virgem Santíssima, rezado fervorosamente por cristãos da Igreja Católica.

PROFANO

“Entre zelosa e vaidosa, mamãe emprestava; mas se a pessoa demorava a devolver, eu recebia a missão de ir 59iabo-la, um documento daquela importância não podia passar muito tempo em mãos profanas.” (VEIGA, 2001, [1972], p. 9, grifo nosso)

Antes de vir ao encontro da família, Baltazar costumava mandar várias fotos para sua irmã. Em uma delas, ele aparecia em um carro esporte, e essa fez muito sucesso entre os amigos que sempre a pediam para mostrar a outras pessoas, a mãe de Lucas emprestava, mas se eles demorassem a devolver ela logo mandava o filho ir 59iabo-la para não correr o risco de cair em mãos impuras.

Etimologicamente a palavra “profano” vem do latim profánus, a, um que está em frente ao templo, que não entra nele’. O dicionário Houaiss (2020) vai trazer como significados dessa palavra aquilo que não pertence ao âmbito do sagrado, que é estranho, que não pertence à religião, que deturpa ou viola a santidade de coisas sagradas, que não é religioso; leigo, temporal, secular, que não tem finalidade religiosa; mundano. Em seu sentido figurado, “profano” é aquele indivíduo que é alheio ou estranho às ideias e conhecimentos sobre determinado assunto, é um leigo. Muito se fala na religião sobre o sagrado e o profano, mostrando as diferenças daqueles que buscam as coisas de Deus, vivendo da prática da palavra de Deus e aqueles que vivem para as coisas mundanas, longe daquilo que as religiões pregam. A Bíblia cita a palavra profano em diversos capítulos. O livro do profeta Ezequiel traz algumas orientações direcionadas aos sacerdotes daquela época “Deverão ensinar o meu povo a distinguir entre sagrado e profano, e farão que ele conheça a diferença entre puro e impuro” (Ezequiel 44: 23). Na obra, a mãe de Lucas pode ter usado a expressão para dizer que as pessoas eram indignas de ficarem com a foto, dando a entender que suas mãos seriam impuras.

BENÇA PAI

“Entrei inocente na sala, disse bença pai, ele não respondeu. Me olhou com raiva e atacou: - Tem a língua grande demais, não é? Eu

devia cortar um pedaço, seu linguarudo.”(VEIGA, 2001,[1972],p.44, grifo nosso)

Lucas utilizou a expressão para cumprimentar o pai depois de entrar na sala, Horácio tinha mandado 60iabo-lo para 60iabolôs60-lo a respeito dos escritos nos muros entregando as apreensões das lunetas.

Na revista *Veja*, podemos encontrar uma boa discussão sobre essa expressão, que diz que “bença” é uma alteração popular e sem lastro culto do substantivo “benção”. Ela é uma palavra do século XII que significa “ato ou efeito de abençoar”, oriunda do latim *benedictionis*, “benção” equivale a “benedição”- o oposto de “maldição” – e ganhou na linguagem informal brasileira do século XIX nessa “forma apocopada e desnasalizada”, como diz o Houaiss: “bença”. Também dicionarizada está outra variante ainda mais curiosa, “abença”, que incorpora ao vocábulo o artigo presente na expressão “a benção”, redução de “tomo-lhe/peça-lhe a benção” forma tradicional – e um tanto desusada – de cumprimentar autoridades eclesiásticas, pais, avós e outros parentes mais velhos, pedindo-lhes votos de proteção. Atualmente, essa prática ainda pode ser encontrada, principalmente em cidades de interior, sendo muito utilizada por afilhados que pedem a benção aos seus padrinhos, e também por filhos que enraizaram essa tradição de seus pais.

TER PARTE COM O DIABO

“Caminhávamos entre muros, ouvindo passos e pedaços de conversas de pessoas que iam adiante e atrás de nós. Um senhor passou perto de mim, dizendo à mulher: – Minha filha, eu para mim chega. Esse homem tem parte com o diabo. Quero mais nada com ele não.” (VEIGA, 2001,[1972], p.64,grifo nosso)

A expressão “ter parte com o diabo” é empregada na obra por um homem em diálogo com a sua esposa ao falar do mágico Uzk. Lucas, e seus colegas caminhando pelas ruas de Taitara ao

voltar do espetáculo do mágico, e encontra pessoas que como este casal, estão espantados com os feitos de Uzk. A expressão “ter parte com o diabo” é uma variação fraseológica de “ter pacto com o diabo”.

O substantivo pacto vem do latim *pactum* e significa ‘ajuste, convenção, pacto’, que segundo Houaiss (2020) tem valor de “juste, contrato, convenção entre duas ou mais pessoa”. Diabo, por sua vez vem também do latim *diabòlus* tomado pela língua da Igreja ao grego *61iabolòs* ‘o que dá temor, o que desune, caluniador’. Ainda em Houaiss (2020), diabo tem acepção de “cada um dos anjos rebeldes e malditos como Satanás” e o mesmo que jurupari tupi *yurupa’ri* ‘diabo, entre os indígenas’. A palavra diabo aparece 4 vezes na obra, sempre sendo referenciada como algo de ruim ligado às mágicas do Grande Uzk. Conforme a tradicional crença cristã, o referido pacto é entre a pessoa e um demônio. É oferecido algo valioso em troca de favores diabólicos. Comumente, a expressão é usada para se referir a uma pessoa ou situação provocada por esta pessoa, que vai além do que é considerado comum, pelas pessoas, como é o caso dessa ocorrência na obra.

IR QUINTOS DO INFERNO

“Um dia, depois de xingar todos os carpinteiros pela décima ou vigésima vez, ele deu um murro na mesa e disse: — Não preciso de nenhum deles. Eles que vão todos para os quintos do inferno” (VEIGA, 2001, p.110)

Na tentativa de montar o seu próprio armazém, Horácio recorre a alguns carpinteiros, para ajudar com as prateleiras que seriam do armazém. Por orgulho ou vingança, pelo tempo em que Horácio era fiscal da Companhia, os carpinteiros se recusam a *61iabo-lo*, e ele sente-se indignado, se revolta contra os carpinteiros, os xinga e resolve não pedir ajuda a mais ninguém.

Sobre a fraseologia da expressão “quinto dos infernos” pode-se dizer que, “ir para os quintos” é ir para um lugar longínquo, e tem

valor de deixar de viver, reduzir-se a nada, morrer. “Mandar para o quinto dos infernos”, tem o sentido de mandar para um lugar remoto. As locuções “ir para os quintos” e “mandar para os quintos” vem geralmente seguidas da expressão intensificadora ‘dos infernos’.

O vocábulo inferno vem do latim *inférnum* e significa “as profundezas da Terra”. Quintos por sua vez, também vem do latim *quintus* no sentido de ‘quinto’, este de *quinque* no sentido de ‘cinco’. A expressão acima é comumente usada em momentos de raiva e revolta. “Quinto nos infernos” teve origem no Brasil-Colônia, e diz respeito à cobrança de impostos feita pela Coroa Portuguesa, que decidiu retirar o equivalente à quinta parte da produção de ouro da colônia. Acredita-se que a expressão “Vá buscar o quinto nos infernos” era dita aos cobradores de impostos, no momento da cobrança. Com o passar do tempo, a expressão foi tomando a forma “Quintos do inferno”. Diz-se também que no caso da expressão “ir ou mandar para os quintos”, provém de ir à nau dos quintos no sentido de ‘ir degredado para o Brasil’. A nau dos quintos era a que levava à metrópole o imposto já mencionado, por isso, ir para os quintos significava ser banido para esse lugar desconhecido. Na obra, Horácio usa a expressão duas vezes em tom de revolta e indignação.

A ligação entre a literatura e a religião busca estabelecer relações entre o homem e a sociedade, levando-o a refletir sobre sua vida e os seus comportamentos. Através de temas que estão em pauta no meio social, e que envolvem a reflexão sobre o bem e o mal, o sagrado e o mundano é que diversos autores trabalham com o religioso despertando no leitor o olhar crítico.

Sabe-se que a religião é uma forte identificadora cultural, e que suas influências ultrapassam limites do tempo, de classes sociais e de fronteiras. Devido a isso, são bastante comuns as expressões, rituais e crenças que tenham uma fundamentação religiosa e que podem ser vistas e percebidas em diversos grupos sociais, sejam eles de pessoas mais velhas ou jovens, escolarizadas ou não, e em muitos países.

Nesta pesquisa, traçamos como objetivo analisar os hagioculturemas em *Sombras de Reis Barbudos*, na tentativa de investigar as relações estabelecidas entre um texto religioso e um texto literário, por meio de suas marcas linguísticas e culturais.

Através dos estudos, constatamos que *Sombras de Reis Barbudos* possui um grande potencial religioso e foi possível descobri-lo analisando os culturemas encontrados na obra, pois as marcas culturais utilizadas pelo autor na nomeação, rituais e no léxico dos personagens têm em suas origens, etimologias e significados aspectos ligados à religião. Por exemplo, os hierônimos 'Lucas' e 'Baltazar', personagens principais da trama, são nomes de personagens bíblicos, como o evangelista Lucas e o rei mago Baltazar; Semana Santa, Rosário e o Credo, são elementos importantes e de grande expressão na religião Católica; expressões idiomáticas como "mudar da água pro vinho", "lavar as mãos", têm sua gênese encontrada na Bíblia Sagrada.

O levantamento completo conta com 30 hagioculturemas, por meio deles ficou evidente a forte tendência da obra para a fé cristã, principalmente a Católica, pois são muitos os rituais, símbolos cristãos e práticas religiosas relacionadas a essa religião, que ainda é a de maiores adeptos em nosso país. Além da religião cristã, temos também palavras relacionadas a práticas não cristãs como é o caso de "encruzilhada", local utilizado para rituais de magias negras.

Em geral, pudemos constatar que a religião teve extrema importância na construção do nosso léxico, fornecendo, principalmente por meio de escritos bíblicos, palavras e expressões que vieram ao longo dos anos tomando formas, e se modificando a fim de, hoje, transformarem-se em expressões que são comumente utilizadas no nosso cotidiano e que fazem parte do acervo linguístico do nosso povo. Na obra, a religião vai se tornar uma espécie de refúgio, que muitos personagens vão buscar a fim de terem conforto em meio ao cenário de horror que viviam após a instalação da Companhia.

Contudo, a pesquisa nos mostrou uma nova vertente da obra que aproxima o religioso ao literário, nos permitindo reconhecer a

riqueza de elementos lexicais, metafóricos e estilísticos que compõem a obra e que muitas vezes passa despercebido pelo leitor. Sombras de Reis Barbudos é uma obra que traz diversas temáticas até mesmo dentro de um único recorte, e que por isso abre um leque de possibilidades ainda maiores para mais estudos e pesquisas.

DICIONÁRIO

CULTUREMAS FRASEOLÓGICOS E RELIGIOSOS

A BEM DIZER

Houaiss (2020) registra esta forma como “na verdade; a fim de esclarecer (o que se diz)”: “Antigamente eu chegava da escola cheio de novidades para mamãe, agora ia e vinha **a bem dizer** no escuro, as poucas pessoas que encontrava também não sabiam de nada, nem tinham disposição para falar”. (VEIGA, 2001 [1972], p.37). Nesse trecho, Lucas mostra sua insatisfação ao falar que os muros construídos ao redor da sua casa o impediam de saber os acontecimentos da rua. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

ABRIR MÃO DE

Nessa expressão, “mão” tem noção de posse, causando o sentido de desistir de algo que antes estava sob propriedade devido alguma circunstância. Em Houaiss (2020), a acepção correspondente é “desistir de, dispensa; desinteressar-se de; ceder. No trecho em evidência, Lucas conta que fora despedido do trabalho de entregador na loja de Seu Chamum, devido às chuvas e o pouco movimento no negócio. Há apenas uma ocorrência da expressão na obra. Houaiss (2020) considera “desistir, desinteressar-se de; ceder, desabrir mão de” como acepção dessa expressão: “Um dia Seu Chamun me chamou e disse numa conversa muito rodeada que eu não levasse a mal, ele gostava muito de mim, eu era um empregado educado e cumpridor etcetera e tal, quem dera que todos fossem como eu etcetera e tal; mas estando o comércio naquela paradeira ele era obrigado **a abrir mão de** meus serviços por enquanto, não podia me pagar para eu ficar o dia inteiro na loja olhando a chuva cair, já bastava a despesa que ele era obrigado a agüentar com os empregados antigos; logo que o tempo estiasse, e o comércio se

animasse de novo, ele me aceitava de volta com muito prazer, caso eu ainda estivesse interessado. (VEIGA, 2001 [1972], p.115). Outros grandes autores também usam a expressão, como Machado de Assis em Dom Casmurro: “Ou de verdade ou porillusão, tudo 66ia me pareceu melhor nesse dia, minha mãe menos triste, tio Cosme esquecido do coração, prima Justina da 66iaból. Passei uma hora em paz. Cheguei a abrir mão do projecto. Que era preciso para viver? Nunca mais deixar aquella casa, ou prender aquella hora a mim mesmo...” (ASSIS, 1899, p. 365).

ACOMPANHAR O ROJÃO DE

Houaiss (2020) registra as formas similares “aguentar ou segurar o rojão” com a acepção “resistir a trabalho ou situação difícil; aguentar as pontas. O rojão é uma tira de tecido usada no baixo ventre para compor roupa de trabalho e, assim, sustentar o corpo para aguentar atividades que exigem força. Daí o dito popular “segurar o rojão”. Também pode ser uma alusão à resistência necessária para segurar o foguete, um tipo comum de fogo de artifício. Quanto a etimologia da palavra “rojão”: de “rojo”, que vem de “rojar”, que vem de “arrojar”, que vem do l. rotulare, “rodar, lançar rodando”, de ROTA, “roda, objeto de forma circular”: Também nós quase não íamos a essas festas porque meu pai estava sempre cansado e mamãe não tinha roupa apresentável. Mamãe dizia que era preciso muito dinheiro para **acompanhar o rojão de** tia Dulce. (VEIGA, 2001 [1972], p.21). Esse comentário de Lucas destina-se à vida exagerada de Baltazar e sua esposa Dulce, que sempre davam festas luxuosas. Os pais de Lucas, por outro lado, não costumavam acompanhar o estilo de vida do casal. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

ANDAR MURCHO

Nesta expressão “murcho” funciona como um caracterizador do estado emocional, assim, a expressão tem sentido de estar com falta de ânimo, de alegria; triste, melancólico: “O caderninho antes tratado com tanto carinho não era mais visto, e o trabalho de

preencher fichas também parecia encerrado ou suspenso. Meu pai **andava murcho**, desapontado”. (VEIGA, 2001 [1972], p.47). No contexto em que a expressão aparece, Horácio está desapontado com seu filho, pois este revelou aos amigos um segredo que tinha sido a ele confiado. O pai de Lucas teme os castigos, caso a Companhia descubra seu erro. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

ANDAR NA LINHA

A expressão aparece em Houaiss (2020) com a seguinte acepção: “proceder, agir como os outros esperam ou desejam”. A origem da expressão deu-se pela analogia de linhas ferroviárias, no qual os vagões se movimentam apenas se estiverem corretamente sobre trilhos ferroviários. Outra possível origem da expressão deu-se pela analogia de pelotões em quartéis de exércitos. Durante marchas, os integrantes devem andar — rigorosamente — na linha de marcha, caso contrário, passam por punições: “Perguntei a meu pai o que era que elas queriam, e por que o tanto choro. Ele deu de ombros e respondeu: — Querem que eu faça o impossível. Por que não aconselharam os maridos a **andarem na linha**? Agora agüentem. (VEIGA, 2001 [1972], p.36). No contexto acima, após Horácio ser nomeado fiscal da Companhia, ele assumiu uma postura muito rígida. Isso fazia com que ele punisse muitas pessoas, deixando-as até mesmo sem um emprego. Devido a isso, muitas pessoas chegavam a sua casa implorando por ajuda. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

APERTAR A ROSCA

A expressão, normalmente, possui o sentido de: exigir com determinação; impor-se; pressionar; perseguir: “De repente a Companhia resolveu apertar a rosca contra os urubus. Eles não seriam mais tolerados nas ruas, e quem quisesse ter urubus em casa ficava obrigado a registrá-los na Companhia e 67iabolôs67s-los com uma chapinha de metal padronizada adquirida no ato do registro”. (VEIGA, 2001 [1972], p.51) O contexto em que a expressão está

inserida refere-se aos urubus, que rodeavam a cidade, chegando ao ponto de os moradores da cidade criá-los como animais de estimação. A Companhia, contra essa ideia, inventou normas para dificultar esse vínculo com os bichos. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

APERTAR O NÓ

A expressão quer dizer passar por dificuldades, problemas financeiros: Mesmo trabalhando sem descanso, às vezes o nó apertava e ela era forçada a vender algum objeto de valor, geralmente uma jóia dada por tio Baltazar. (VEIGA, 2001 [1972], p.112). Com Horácio levado pela Companhia, Vi precisava utilizar de outros meios para sustentar a sua casa, entre eles uma pequena plantação. Mesmo assim, acaba tendo que vender alguns objetos de valor.

BALTAZAR

Há duas ocorrências na obra: (i) Está bem, mãe. Vou fazer a sua vontade. Vou escrever a história do que aconteceu aqui desde a chegada de tio Baltazar. “Sei que esse pedido insistente é um truque para me prender em casa, a senhora acha perigoso eu ficar andando por aí mesmo hoje, quando os fiscais já não fiscalizam com tanto rigor” (VEIGA, 2001, [1972], p.7); e (ii) “Eu estive enganado o tempo todo. Tio Baltazar passava muito bem. A reunião era uma festa para comemorar a torre que ele acabava de construir, obra nunca vista e muito importante encomendada por uma comissão de reis barbudos”. (VEIGA, 2001, [1972], p.85). Baltazar é um dos personagens centrais da história. Irmão da mãe de Lucas, este é aquele no qual Lucas sempre ouvia falar e via por fotos, mas que não conhecia pessoalmente. Até que um dia Baltazar, junto com sua esposa Dulce, veio fazer uma visita à família, para decepção de Lucas que o viu chegar sem o braço esquerdo, acabando com a imagem de esportista que tinha dele. Tio Baltazar foi o responsável por criar a Companhia, símbolo de modernidade, e que por isso se tornou admirado e querido por todos da pequena cidade. Além

disso, é um dos personagens mais misteriosos da narrativa, onde não se sabe exatamente o que estava por trás do seu sumiço da Companhia e nem qual foi o seu fim. O nome Baltazar ou Balthazar, tem origem no assírio Bel sar uxur, do hebraico Belsassar, Beltshatztzár, do babilônico Balt-shar-usur, que quer dizer “salve a vida do rei”, com a palavra “rei” ligada a “senhor, indica uma pessoa introvertida e até um pouco desconfiada, mas que nunca nega colaboração aqueles que recorrem a ele. Os amigos o admiram e o respeitam muito. Baltazar também é o nome de um personagem bíblico mencionado no Novo Testamento como um dos três reis magos que levaram presentes no nascimento do menino Jesus. O rei mago Baltazar era negro, e totalmente barbado. Nesse sentido, em Sombras de Reis Barbudos, o nome Baltazar pode ter sido escolhido pelo autor devido ao fato deste, assim como o rei mago que veio trazer a notícia da boa nova que era o nascimento de Jesus, trouxe para a pequena cidade de Taitara a esperança de uma vida melhor e mais moderna através da Companhia, assim como o nome simboliza, Baltazar passou a ser admirado por todos os habitantes daquela cidade. Além disso, o fato do rei mago Baltazar ser barbado, faz referência ao nome da obra. Outra curiosidade é que no meio literário iremos encontrar outro personagem com o mesmo nome, trata-se de Baltazar, nome do personagem central da obra “Memorial do Convento” de José Saramago, que assim como o tio Baltazar que perdeu seu braço esquerdo por motivos desconhecidos, Baltazar Matheus ou sete- sóis, como era chamado, não tinha a mão esquerda, perdida durante a Guerra da Sucessão Espanhola. Isso nos leva a pensar que em meio a essa denúncia feita à ditadura militar na obra Sombras de Reis Barbudos, a perda do braço do tio Baltazar também pode estar ligada a uma participação dele na guerra. O culturema faz parte da categoria Universo Social e tem 143 ocorrências em toda a obra.

BATER PERNAS

Essa expressão idiomática significa andar com a intenção de se distrair; andar sem destino certo. Essa é uma das expressões

idiomáticas na qual a sua fixação permite pequenas alterações sem que aja a perda da unidade do sentido original, com isso são aceitas construções como “bater muita perna”, “bater suas perninhas”, ou “bater suas pernocas”, em que se mantém o sentido original da expressão. Consiste ainda em um somatismo, ou seja, é uma expressão com lexemas que designam uma parte do corpo – ou seja, expressões que remontam a funções orgânicas: Talvez seja mesmo uma boa maneira de passar o tempo, já estou cansado de bater pernas pelos lugares de sempre e só ver essa tristeza de casas vazias, janelas e portas batendo ao vento, mato crescendo nos pátios antes tão bem tratados, lagartixas passeando atrevidas até em cima dos móveis, gambás fazendo ninho nos fogões apagados, se vingando do tempo em que corriam perigo até no fundo dos quintais. (VEIGA, 2001 [1972], p.7). A expressão aparece logo no início da obra, quando Lucas decide que escrever a história do que havia acontecido na cidade seria melhor do que ficar apenas andando à toa pelas ruas da cidade, e só ver a tristeza deixada pelas regras da Companhia. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

BENÇA PAI

Alteração popular da palavra benção, ato de benzer, pedir a benção. “Entrei inocente na sala, disse bença pai, ele não respondeu. Me olhou com raiva e atacou: - Tem a língua grande demais, não é? Eu devia cortar um pedaço, seu linguarudo.” (VEIGA, 2001, [1972], p.44). Lucas utilizou a expressão para cumprimentar o pai depois de entrar na sala, Horácio tinha mandado 70iabo-lo para 70iabolôs70-lo a respeito dos escritos nos muros entregando as apreensões das lunetas. Na revista Veja podemos encontrar uma boa discussão sobre essa expressão ela traz que “Bença” é uma alteração popular e sem lastro culto do substantivo “benção”. Palavra do século XII que significa “ato ou efeito de abençoar”, oriunda do latim *benedictionis*, “benção” equivale a “bendição” - isso mesmo, o oposto de “maldição” – e ganhou na linguagem informal brasileira do século XIX essa “forma apocopada e desnasalizada”, como diz o Houaiss: “bença”. Também dicionarizada está outra variante ainda mais

curiosa, “abença”, que incorpora ao vocábulo o artigo presente na expressão “a benção”, redução de “tomo-lhe/peça-lhe a benção” forma tradicional – e um tanto desusada- de cumprimentar autoridades eclesiásticas, pais, avós e outros parentes mais velhos, pedindo-lhes votos de proteção. Atualmente a expressão ainda pode ser vista, principalmente em cidades do interior, onde afilhados pedem a benção aos seus padrinhos, e filhos que enraizaram a prática de seus pais. A expressão tem apenas 1 ocorrência na obra.

BENZER

Segundo Houaiss (2020), benzer é invocar, traçando o sinal da cruz no ar, a graça divina sobre, santificar ou consagrar algo ou alguém ao culto de Deus. “Só a gente mais antiga ainda pensava que urubu era ave maléfica, anunciadora de mortes e desastres, e evitava intimidades com ele; quando uma pessoa idosa via uma pena preta no chão, se benzia e dava volta para não passar por cima.” (VEIGA,2001, [1972], p.49). Com o aparecimento dos urubus, as idosas que passavam nas ruas costumavam se benzer ao ver a ave, pois culturalmente a ave surge para anunciar que algo ruim vai acontecer. Benzer é uma forma de tornar algo bento, ou seja, protegido de todos os males. É uma prática antiga de muitos países, mas aqui no Brasil ela ganhou força no período da colonização. A palavra tem uma ocorrência na obra.

CAIR DO CÉU

Chegar de forma repentina e oportuna. “Mas tio Baltazar não ficava parado esperando o capital cair do céu. Ele escrevia e recebia muitas cartas, e já era apontado na rua como “O Homem da Companhia”. E deu também para viajar muito, às vezes para longe, às vezes para perto, sempre levando uma pasta recheada de papéis”. (VEIGA,2001, [1972] p. 15). Com a ideia firmada de construir a Companhia, Baltazar só precisava conseguir capital, e mesmo com as recusas ele continuava mandando cartas e viajando em busca de alguém que quisesse investir no negócio. A expressão pode ser designada como receber uma benção de Deus, ser agraciado com

algo sem fazer muito esforço. Baltazar era um homem decidido, e não esperava que apenas Deus resolvesse suas coisas, ele sabia que precisava, também, ir atrás.

CAIR DO CÉU

Em Houaiss, temos a acepção “acontecer a propósito, ser bem-vindo; calhar. Ficar profundamente surpreso ou decepcionado; cair das nuvens. Em Sombras de Reis Barbudos, a expressão aparece com a negativa “não esperar cair do céu”, e tem o sentido de ir em busca do que lhe é desejado, sem esperar por intervenções favoráveis: “Mas tio Baltazar não ficava parado esperando o capital cair do céu. Ele escrevia e recebia muitas cartas, e já era apontado na rua como “O Homem da Companhia”. E deu também para viajar muito, às vezes para longe, às vezes para perto, sempre levando uma pasta recheada de papéis”. (VEIGA, 2001 [1972], p.15). Neste trecho, Lucas comenta a disposição de seu tio Baltazar para conseguir investimento para fundar a companhia. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

CALAR O BICO

A expressão tem o sentido de guardar silêncio sobre: calar-se e não revelar o que sabe. Refere-se ao ato de manter sigilo a respeito do que lhe foi confiado, expresso pela palavra silêncio: Quando finalmente sumiram atrás do telhado de nossa casa, ouvi um fiscal dizendo: — E agora? Acha que devemos comunicar ou calar o bico? — Sei lá. Precisamos pensar muito. (VEIGA, 2001 [1972], p.134). A passagem acima diz respeito ao momento em que os fiscais da Companhia, que verificavam a plantação da mãe de Lucas, viram os homens voando no céu. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

CARREGAR ÁGUA EM JACÁ

“Jacá” em Houaiss tem a acepção: cesto trançado de taquara ou cipó usado no transporte de cargas, sobretudo preso ao lombo de animais. A expressão apresenta ironia em seu sentido fraseológico,

que expressa uma impossibilidade: Enquanto estivemos entretidos com os urubus outras coisas andaram acontecendo na cidade. A Companhia baixou novas proibições, umas inteiramente bobocas, só pelo prazer de proibir (ninguém podia mais cuspir para cima, nem carregar água em jacá, nem tapar o sol com peneira, como se todo mundo estivesse abusando dessas esquisitices); mas outras bem irritantes, como a de pular muro para cortar caminho, tática que quase todo mundo que não sofria de reumatismo vinha adotando ultimamente, principalmente os meninos. (VEIGA, 2001 [1972], p.49) O trecho refere-se ao ápice das atitudes tirânicas da Companhia, que agora inventava regras cada vez mais sem sentido aos habitantes de Taitara. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

CHEIRAR A LOJA

Diz-se de algo que é novo, que acabou de ser adquirido: “Quando tio Baltazar viajava mamãe me mandava fazer companhia a tia Dulce, eu gostava porque eles agora moravam numa casa enorme, lá eu dormia em um quarto com tapete, espelho e roupa de cama ainda cheirando a loja, e toda noite tia Dulce me contava histórias de tio Baltazar e das viagens que eles tinham feito juntos, tudo provado com fotografias que enchiam uma caixa grandinha de madeira envernizada”. (VEIGA, 2001 [1972], p.15) O trecho diz respeito ao tratamento que Lucas recebia de seus tios quando dormia na casa deles, que era o momento de desfrutar da casa e ainda conhecer mais sobre as viagens que faziam. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

COM EFEITO

Esta expressão aparece em Houaiss (2020) com a acepção “de fato; efetivamente”, e em Aulete Digital “sem dúvida, confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior”: — Com efeito, Lu — ela disse em tom de quem não está ligando muito. — Seu tio chega e você some. Será que o farrancho na rua não podia esperar? (VEIGA, 2001 [1972], p.10). Neste contexto, a história encontra-se em seu início. No trecho, Vi, mãe de Lucas, reclama com ele devido a

sua demora em ir receber Baltazar, que acabara de chegar. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

COMO DEUS É SERVIDO

Expressão regionalista brasileira e tem o valor de “com a força mandada de Deus”, “com a graça de Deus” e “Vivendo de esperança”. “— É. É duro. Não precisavam fazer isso. E sua mãe, como é que está suportando tudo? — Como Deus é servido, Seu Chamun.” (VEIGA,2001, p 115). A expressão em estudo é usada por Lucas em um diálogo com Seu Chuman. Horácio, pai de Lucas havia sido levado pela companhia por causas e para lugar desconhecido, e Lucas e sua mãe Ví, agora tinha que lidar com isso. Na ocorrência acima, a expressão é usada por Lucas para descrever o estado de Ví, como resposta a indagação de Seu Chuman. A expressão aparece na composição “Salmo dos Aflitos” de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira que apresenta em seu enredo uma súplica do sertanejo para o divino, por intervenção em causas sociais. Ao final na sexta estrofe da música “As graças que eu reclamo/Em nome dos irmãos aflitos/ São já conhecidas de todos/ E sem elas, o grande rebanho vai morrendo/Ou fingindo viver como Deus, é servido” é interpretado com o mesmo teor do que já foi exposto.

COMO QUEM VAI BUSCAR FOGO

Expressão popularmente conhecida e que tem o sentido de uma visita muito rápida; ir e voltar logo: As ruas foram ficando desertas porque com tanto perigo de sentinela lá fora quem é que ia ter coragem de sair? Só em último caso, e assim mesmo com um pé lá e outro cá, como quem vai buscar fogo, nada de parar pelo caminho farejando o que não guardou (VEIGA, 2001 [1972], p.70). O contexto aborda a chegada do mágico Uzk, que serviu como um momento de alívio para os habitantes de Taitara. Entretanto, como castigo a Companhia impôs rigorosas regras o que fez com que as pessoas evitassem até mesmo sair de casa. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

CONTAR COM O OVO

Advinda da expressão canônica “contar com ovo ainda no cu da galinha”, que significa confiar em algo que ainda não está concretizado, algo que ainda está por vir, mas que não é certeza de acontecer. Outra variação fraseológica: “Não se deve contar com o ovo no fiofó da galinha”: — Antes que me esqueça — disse ele —, no ano que vem vamos ter vagas de aprendiz. Estou fazendo força para encaixar o seu nome na lista. Mas é bom não contar com o ovo desde já porque as vagas são poucas e a procura é enorme” (VEIGA, 2001 [1972], p.58). A expressão em estudo aparece no momento em que Horácio ao saber que, na Companhia, estavam abrindo vagas para aprendizes, disse a Lucas que tentaria colocar seu nome na lista, mas que ele não deveria contar como certo, já que as vagas oferecidas eram poucas. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

CREDO

Segundo Houaiss (2020) é uma oração que, em latim, se inicia com as palavras Credo in unum Deus patrem (creio em Deus pai) e sintetiza os artigos essenciais do cristianismo; creio em Deus pai. “Cobri-me dos pés a cabeça, rezei o Credo e fiquei suando e desejando que o dia amanhecesse depressa.” (VEIGA,2001, [1972] p. 64). Depois de assistir ao espetáculo do mágico Grande Usk e de ouvir que ele teria parte com o diabo, Lucas ficou bastante receoso e ao chegar em casa e se ver sozinho na cama e no quarto escuro, cobriu-se dos pés a cabeça e rezou o Credo. Segundo o site Wikipédia, o Credo é uma fórmula doutrinária ou profissão de fé cristã. Chama-se às vezes um Símbolo. Ainda no mesmo encontramos que o credo era a princípio uma proclamação batismal enunciada pelo catecúmeno, contendo as proposições objeto da fé na qual estava sendo admitido o batizado. Mais tarde, em momentos de conflito sobre a doutrina, formularam-se credos ou símbolos uniformes para todas as igrejas: assim a aceitação ou rejeição de um credo serviu para distinguir os teólogos crentes e negadores de uma doutrina específica ou um conjunto de doutrinas. Tem-se também o sentido não religioso representando uma expressão idiomática

portuguesa utilizada por crentes quando querem transmitir algum sentimento relacionado ao mal-estar humano como a indignação, surpresa, o desassossego.

CREMAÇÃO

Ato, processo ou efeito de cremar; incineração “Era trabalhoso, mas era um meio de salvar os bichos e também de evitar mais despesas com cremação.” (VEIGA,2001, [1972], p.52). A Companhia resolveu tomar uma posição com relação aos urubus que agora era criados em casa como se fossem animais de estimação, eles decidiram que eles deveriam ser cadastrados e identificados com chapinhas de metal, aqueles que fossem encontrados sem a chapinha, deveriam ser sacrificados e cremados. O jeito era registrar todos e defender os que ficavam nas ruas e também para não gastar com a cremação, as pessoas se uniram para fazer rondas pelas ruas batendo tambor a fim de espantá-los. Segundo Houaiss (2020), a palavra Cremação tem datação de 1899. Consiste em uma técnica utilizada em funerárias que tem como finalidade reduzir um corpo a cinzas através da queima de cadáver. Muitas famílias optam por essa prática ao invés de enterrar seu ente. Em Gênesis (3:19) tem a seguinte passagem “Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás.” Esse versículo faz referência ao fato de Deus ter modelado o homem com a argila do solo, soprando em suas narinas um hálito de vida. Essa frase é bastante usada, por exemplo, na quarta-feira de cinzas, quando se traça uma cruz com cinzas sobre a cabeça das pessoas.

CRUZES NEGRAS

Eis o contexto de uso: “Os primeiros chegavam logo depois do sol, e pelo meio-dia o céu ficava coalhado deles, as sombras caindo vertical nas ruas, nos muros, nos gramados, em toda parte aquelas cruces negras volteando sobre nossas cabeças.” (VEIGA,2001, P.38). Depois da construção dos muros, as pessoas começaram a ter o hábito de olhar para cima como uma forma de descansar os olhos. Com o

tempo elas perceberam que o número de urubus que sobrevoavam a cidade estava aumentando, eles chegavam logo pela manhã e ficavam voando em vertical e horizontal formando cruces negras no céu. Ao buscar a expressão em um universo religioso encontramos o conceito de Pálio. Pálio é uma insígnia litúrgica, que consiste numa faixa adornada com cruces negras. Segundo Houaiss (2020) Pálio é (i) ornamento litúrgico que consiste numa faixa de lã branca adornada com cruces negras, us. Em torno de pescoço pelos arcebispos, em cerimônias pontificais: e (ii) sobrecoço portátil, sustentado por varas, us. Em cortejos, para cobrir a pessoa festejada ou, em procissões, o padre que leva a custódia.

CUSPIR NO PRATO QUE COMEU

Houaiss (2020) registra essa expressão com a acepção “demonstrar ingratitude”. Consiste em uma alusão ao ato de se desprezar quem lhe deu o sustento. — A Companhia trabalhando sem descanso em benefício de todos, e tratada dessa maneira. E logo por quem! Pela mulher de um fiscal. Você devia agradecer à Companhia todos os dias pela vida que leva. Você está cuspiendo no prato em que come. (VEIGA, 2001 [1972], p.57). Essa fala foi dita por Horácio à sua esposa, pois Vi insinuou que até mesmo as mortes que aconteceram na cidade têm ligação com a Companhia, o que deixa o marido extremamente irritado. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

CUSPIR PARA CIMA

A expressão refere-se a falar algo que pode vir acontecer futuramente; relativo à possibilidade de o cuspe cair no rosto da pessoa que cuspiu para o alto, indicando um ato negativo que pode ter consequências ruins para si próprio. Em Sombras de Reis Barbudos, o autor usa a expressão de forma irônica para expressar quão descontroladas estavam as exigências da Companhia: Enquanto estivemos entretidos com os urubus outras coisas andaram acontecendo na cidade. A Companhia baixou novas proibições, umas inteiramente bobocas, só pelo prazer de proibir

(ninguém podia mais cuspir para cima, nem carregar água em jacá, nem tapar o sol com peneira, como se todo mundo estivesse abusando dessas esquisitices); mas outras bem irritantes, como a de pular muro para cortar caminho, tática que quase todo mundo que não sofria de reumatismo vinha adotando ultimamente, principalmente os meninos. (VEIGA, 2001 [1972], p.49) O trecho refere-se ao ápice das atitudes tirânicas da Companhia, que agora inventava regras cada vez mais sem sentido aos habitantes de Taitara. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

DAR DE CARA COM

A expressão aparece em Houaiss (2020) e tem o sentido de “encontrar repentinamente (alguém ou algo); dar de rosto com.” Os urubus já voavam tão baixo, e pousavam tão perto, que luneta ou binóculo até atrapalhava a quem ainda quisesse olhá-los, quando não assustava a gente apontar uma luneta e dar de cara com aquela coisa preta enorme pairando quase que em cima da gente, tão perto que se podia ver a pasta de carne encaroçada que eles têm na base do bico. (VEIGA, 2001 [1972], p.48). O trecho refere-se a estranha chegada dos urubus à cidade, o que foi encarado com um mau agouro. Há apenas um registro dessa expressão durante a obra.

DAR GALHO

Houaiss registra com a classificação “gíria” e com a seguinte acepção “dar (um) galho. Causar dificuldades, trazer aborrecimento. A palavra “galho” denota confusão, como normalmente são retorcidos os galhos de uma árvore: — Você já viu uma coisa igual, menino? Enquanto eu pensava o que responder o outro advertiu: — Olhe aí. Não há motivo para esquecer o regulamento. Você sabe que intimidade com os fiscalizados pode dar galho. (VEIGA, 2001 [1972], p.135). A fala pertence ao fiscal da Companhia e é dirigida a Lucas. Ambos estão na casa do menino para fiscalizar a plantação da sua mãe quando se deparam com pessoas voando no céu.

DAR O QUE PODIA

A expressão, que não aparece em Houaiss (2020), tem sentido de estar no final de sua atividade ou de sua vida. Refere-se ao término de algo que já foi concretizado inteiramente; frequente com o verbo no passado: Agradei a gentileza, me preparei para sair; e quando abri o guarda-chuva na porta, Seu Chamun me chamou. — Você precisa de um guarda-chuva novo. Esse aí já deu o que podia. Venha escolher um a seu gosto. (VEIGA, 2001 [1972], p.116). A cidade vivia momentos críticos com a chuva que não dava trégua assim como a Companhia continua opressora. Com os negócios cada vez piores, Seu Chamun opta por demitir Lucas que era seu entregador. Com pena do garoto, o homem lhe oferece um guarda-chuva novo.

DE BOM CORAÇÃO

Somatismo com o sentido de “qualidade de quem é bondoso”: “Se não fosse a hortazinha de mamãe, e a ajuda de um ou outro vizinho de bom coração e memória curta, teríamos até passado fome” (VEIGA, 2001 [1972], p.) O contexto refere-se às dificuldades que a Lucas e sua mãe enfrentaram depois que a Companhia levou seu pai. Os dois acabam tendo que usar de outros meios, com a horta, vendas dos poucos bens materiais que tinham para sobreviver.

DE CABEÇA BAIXA

A expressão remete os sentidos: cheio de vergonha; acabrunhado; submisso, humilhado. (HOAUSS, 2009): De cabeça baixa, ombros caídos, ora se assustando com qualquer barulho, ora olhando para longe, esquecido do mundo, ele não parecia o mesmo homem que dias antes falava com tanto entusiasmo em sua futura vida de comerciante. Eu estava perdendo meu pai justamente quando começava a 79iabo-lo. (VEIGA, 2001 [1972], p.) O contexto do trecho acima refere-se às imposições da Companhia ao povo de Taitara, onde não era permitido “erguer a cabeça”, assim todos deviam andar “de cabeça baixa”. Considerando as respectivas simbologias dos frasemas, entende-se que “andar com cabeça erguida” remete a ‘orgulho, altivez’, enquanto “baixar a cabeça” remete a humilhação,

submissão. Simbologias estas que condizem com o ambiente inóspito no qual se passa a história. A expressão aparece duas vezes ao longo da obra.

DEIXAR O GATO FUGIR

A expressão tem o sentido de revelar um segredo, contar algo que não devia: Eu estava atrasado para a escola, não pude ouvir toda a conversa; mas pelo nervosismo dos outros fiscais, percebi que meu pai não tinha sido o único a deixar o gato fugir. (VEIGA, 2001 [1972], p.46). Para observar os urubus que rondavam a cidade, muitas pessoas compravam lunetas — o que passou a ser um momento de distração para todos. A Companhia, não feliz por saber disso, planejava 80iabolô-las. Horácio, que soube de antemão, acaba revelando ao seu filho e este acaba contado aos seus amigos. Rapidamente a história se espalha e os todos os fiscais temem os castigos da empresa. A expressão aparece apenas uma vez ao longo da obra.

DIZER AMÉM A TUDO

A acepção aparece em Houaiss (2020) como acepção “manifestar concordância; aprovar, condescender, anuir, consentir em, apoiar”: “Hoje eu sei que ele fazia isso para mostrar que era independente e que não estava ali para dizer amém a tudo o que viesse do diretor-presidente; mas devo reconhecer que era uma maneira muito esquisita de mostrar independência.” (VEIGA, 2001 [1972], p.22). No contexto, Lucas comenta sobre a relação entre seu pai e tio Baltazar. Por mais que em algum momento os dois pareceram se dar bem, as críticas contra seu tio nunca cessaram de fato. Segundo o menino isso demonstrava um desejo do seu pai de mostrar-se independente. Outros romancistas da Literatura Brasileira, recorreram a esta expressão, como Joaquim Manuel de Macedo, em “A carteira de meu tio (Segundo folheto): — Pois que o talento se resolva a dizer amen a tudo, e a virtude, que anda tão por baixo, não se atreva a dar mdos exemplos que 80iabolô o vicio, que está de cima. (MACEDO, 1867, p.124). Também Machado de Assis, em seu Papeis Avultos,

recorreu a esta expressão, no seguinte contexto: Dizes amen a tudo, não é? Ahi tens o lucro, biltre! — E muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo. (ASSIS, 1882, p.19). Ao longo da obra, só encontramos uma ocorrência com esta expressão.

DIZER AMÉM A TUDO

Com a acepção de “manifestar concordância; aprovar, condescender, anuir, consentir em, apoiar”: “Hoje eu sei que ele fazia isso para mostrar que era independente e que não estava ali para dizer amém a tudo o que viesse do diretor-presidente; mas devo reconhecer que era uma maneira muito esquisita de mostrar independência.” (VEIGA, 2001 [1972], p.22). A expressão dita por Lucas surge no momento em que ele explica a relação entre seu pai e Baltazar. O narrador explica que, embora eles tenham se entendido em algum momento, a verdade é que eles nunca acabaram de vez com as diferenças. Lucas comenta que Horácio tecia comentários negativos sobre a conduta de Baltazar e que essa atitude de seu pai era para não se mostrar submisso às ordens do cunhado. Os dicionários gerais, como Houaiss (2020) e Aulete (2018), dão poucas informações fraseológicas sobre acepções, datação e etimologia referentes a este culturema fraseológico, exceto a acepção mais frequente como a destacada acima. A palavra amém, datada por Houaiss de sXIII, refere-se à “concordância incondicional; aprovação, consentimento, anuência”. Sua etimologia nos remete ao hebraico amén no sentido de ‘assim seja’, pelo latim amen (no sentido definido). Suas formas históricas são: sXIII amen, sXIV amem, sXIV amẽ. Muitos romancistas na Literatura Brasileira, recorreram a esta expressão, como Joaquim Manuel de Macedo, em “A carteira de meu tio (Segundo folheto): “ — Pois que o talento se resolva a dizer amen a tudo, e a virtude, que anda tão por baixo, não se atreva a dar mudos exemplos que 81abolô o vicio, que está de cima. “(MACEDO, 1867 p.124). Também Machado de Assis, em seu “Papeis Avulsos”, recorreu a esta expressão, no seguinte contexto: “Dizes amen a tudo, não é? Ahi tens o lucro, biltre! — E muitos

outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo.” (ASSIS, 1882, p.19). Ao longo da obra, só encontramos uma ocorrência com esta expressão.

EM MÃOS DE

A expressão alude ao sentido de controle. Ter sob domínio ou controle de, sujeito a (alguém). “Mão” nesse caso tem o sentido de posse, controle, poder. — Foi o que pensei. Mas estou descobrindo que ninguém empresta dinheiro a quem já não tem. Mas não faz mal. No fim do ano devo receber um extraordinário. Com mais um pouco que tenho em mãos de amigos, e mais uma coisa e outra que arranjar aqui e ali, acho que dá para começar. Vamos ser comerciantes, Lu. (VEIGA, 2001 [1972], p.74). No contexto acima, Horácio sonha ao lado de seu filho Lucas com o futuro empreendimento que pretende abrir quando sair da Companhia. A expressão aparece apenas uma vez ao longo da obra.

ENCRESPAR COM

Não há locuções registradas em Houaiss com o verbo ‘encrespar’. O sentido da palavra refere-se a “tornar (-se) crespo”. O sentido figurado da palavra, e também dado à expressão é: “ser tomado por sentimento de irritação; irar-se, alterar-se.”: Então começou aquela romaria de gente de fora, uns homens muito prosas no vestir e no falar. Eles se hospedavam no Hotel Síria e Líbano por conta de tio Baltazar, tratavam a gente como se fossemos índios ou matutos (meu pai vivia encrespando com eles por causa disso) e 11 reclamavam dos quartos, da comida, da poeira, como se fossem reis acostumados com o bom e o melhor. (VEIGA, 2001 [1972], p.16) O trecho acima refere-se a o momento de construção da Companhia. Os “homens muito prosas no vestir e no falar” são os empresários que visitavam Baltazar e Horácio para contribuir para os planos da empresa. A palavra tem apenas uma ocorrência na obra.

ENCRUZILHADA

Segundo o dicionário Houaiss (2020) essa palavra de datação de 924 e significa lugar onde se cruzam ruas, estradas, caminhos;

cruzamento, encruzada. Deriva do latim *Crux* que significa Cruz “Na hora da despedida na encruzilhada, Felipe tirou a máquina de retrato do ombro dele e pendurou no meu, eu fiquei sem ação, querendo não aceitar, ele disse que não precisava dela porque ia ganhar um aparelho de filme, coisa ímpar e refinada, já tinha até escolhido o modelo num catálogo.” (VEIGA,2001, [1972] p.17). Felipe, filho de um colaborador da Companhia tornou-se amigo de Lucas, eles costumavam passear e tirar foto de tudo que viam. No momento de ir embora, Felipe em um lugar conhecido como encruzilhada deu a máquina de fotografias de presente para Lucas. Algumas religiões não cristãs costumam utilizar esse local como ponto de realização de rituais, onde oferecem alguns tipos de oferendas aos seus deuses. A palavra tem 1 ocorrência na obra.

ENDEUSAR

De acordo com o dicionário Houaiss (2020) *endeusar* é (i) atribuir dotes divinos a (alguém ou si mesmo); colocar entre os deuses; (ii) provocar ou sentir êxtase, arroubamento, enlevar (-se); (iii) mostrar-se cheio de orgulho, de presunção. “A fábrica progredia muito na frente dos planos, todo mundo estava contente e endeusava o fundador.” (VEIGA,2001,[1972] p.20). Com a construção da Companhia e tudo progredindo muito bem todos andavam muito felizes, Baltazar andava pelas ruas e era cumprimentado por todos, Lucas dizia que andar em sua companhia era como andar com um deus ou com um santo, as pessoas só faltava ajoelhar-se. Na obra, a prática de *endeusar* Baltazar e vê-lo até como um santo nos remete a uma prática religiosa não aceita pela igreja que é a Idolatria.

ENQUANTO OS INIMIGOS ESTAVAM COALHANDO O LEITE ELE JÁ ESTAVA COMENDO O QUEIJO

Essa expressão mantém fixidez parcial, ou seja, embora siga uma estrutura, é possível modificar os termos sem que ocorra prejuízo no sentido. Outras variações possíveis: Enquanto você vem com o caju, eu já estou com a castanha/ Quando você ia para os cajus, eu já vinha das castanhas/ Enquanto você ia com o milho, eu já voltava com o

fubá/ Quando você ia com o fubá, eu já voltava com o angu/ Enquanto você vai com a farinha, eu já voltei com o bolo/ Enquanto você colhe o milho eu já comi a pamonha/ Quando você ia com o milho, eu já vinha com a pipoca. O objetivo de mamãe não era bisbilhotar, mas alertar, e tia Dulce logo a sossegou dizendo que tio Baltazar estava acostumado a enfrentar intrigas na Companhia, e nunca ninguém ia apanhá-lo desprevenido; ele sabia de tudo que se passava lá, enquanto os inimigos estavam coalhando o leite ele já estava comendo o queijo. (VEIGA, 2001 [1972], p.25). Em uma conversa com entre Horácio e Vi, o marido deu a entender que os dias de Baltazar na empresa iriam acabar. A mulher, preocupada com o irmão, planejava alertar Dulce a respeito das suas aflições. A expressão aparece apenas uma vez ao longo da obra.

ERGUER A CRISTA

Essa expressão tem o sentido “de cabeça levantada”. Arrogante, enfatuado”. Faz alusão ao galo, que normalmente parece levantar a “crista” para mostrar imponência. Tio Baltazar ficava desanimado uns dias, depois ia reconhecendo que os homens tinham razão, os planos não estavam amadurecidos; de repente erguia a crista e começava tudo de novo. (VEIGA, 2001 [1972], p.16). O trecho refere-se ao início da construção da Companhia. Baltazar enfrentou muitos obstáculos para que conseguisse tirá-la do papel. A expressão aparece uma vez ao longo da obra.

ESTAR ÀS VOLTAS

A expressão tem o sentido de estar envolvido em algo. Já meu pai, sempre às voltas com probleminhas miúdos, era mais desconfiado, mais pronto a tomar o pião na unha. Acho que até o emprego dele na Companhia estava servindo para jogá-lo contra tio Baltazar. (VEIGA, 2001 [1972], p.22). Aqui Lucas fala sobre a relação entre Horácio e Baltazar, que nunca se deram bem, segundo o garoto, por conta das atitudes de seu pai. A expressão aparece apenas uma vez na obra.

ESTAR DORME-NÃO-DORME

Não encontramos muitas informações em grandes dicionários como Houaiss (2020). A partir do contexto, depreendeu-se que a expressão “estar dorme-não-dorme” refere-se ao momento próximo ao adormecer: Eu fiquei molhado de suor, com a cabeça latejando, sem entender nada daquilo. Custei a me acalmar pensando no acontecido, e quando já estava dorme-não-dorme tia Dulce levantou-se com muito cuidado, ajeitou a camisola, os cabelos, beijou-me na testa e saiu na ponta dos pés. (VEIGA, 2001 [1972], p.83). Depois de muito tempo, Lucas é convidado para visitar os tios em sua nova morada. Chegando lá, coisas estranhas acontecem, como a descrita no trecho acima em que Dulce passa boa parte da noite na cama do sobrinho, que finge estar dormindo. A expressão tem uma ocorrência na obra.

ESTAR EM LUA DE MEL COM

Embora seja uma expressão utilizada com o sentido de “viagem de núpcias”, ou ‘início da vida comum entre cônjuges’, o sentido que mais se aproxima do contexto acima é ‘período de qualquer empreendimento, relação etc. que é vivido com entusiasmo e em clima de bom entendimento’ uma vez que se refere à boa relação reconstituída entre Horácio com a Companhia. Não falei nisso com meu pai porque ele estava de novo em lua-de-mel com a Companhia e também porque eu ia precisar da permissão dele para ir aos espetáculos. (VEIGA, 2001 [1972], p.58). A relação de Horácio e a Companhia teve muitos altos e baixos durante a história. Entretanto, em boa parte dela, o pai de Lucas, além de apoiar as decisões extremistas da empresa, teve grande participação enquanto tinha a função de fiscal. No contexto acima, Lucas fala sobre as especulações de que o grande mágico que chegará na cidade precisou ter o espetáculo aprovado pela Companhia. A expressão aparece apenas uma vez na obra.

ESTAR ESCALDADO DE

Possivelmente a expressão vem do ditado popular “gato escaldado tem medo de água fria”, referindo-se a pessoas com experiência, que

sabem se safar de dificuldades: Enquanto Dr. Marcondes conversava o assunto da Companhia com tio Baltazar, o filho me levava para passear no carro. Em simpatia o filho era igual ao pai, e mesmo escaldado de tanta decepção com gente de fora eu gostei logo desse rapaz. (VEIGA, 2001 [1972], p.16). Depois de muitos empresários passarem pela cidade, finalmente chega Dr. Marcondes e seu filho, que pareceram mais amigáveis do que os outros.

ESTAR QUENTE DE

A expressão em Houaiss aparece com três acepções, sendo: 1 Derivação: por metáfora. Rubrica: ludologia. Em brincadeiras infantis (cabra-cega, esconde-esconde etc.), estar próximo ao que se procura. 2 Derivação: por analogia, estar prestes a descobrir algo. 3 Derivação: por metáfora, ser muito recente. Ao sentido do contexto de Sombras de Reis Barbudos atribui-se a terceira acepção: Ainda quente da decisão, fui avisando todo mundo pelo caminho, meninos e gente grande. Mas como é difícil prestar um serviço desinteressado! Ninguém acreditava, pensavam que era molecagem minha, imagine proibir luneta e binóculo, isso não é arma, não mata nem fere ninguém — essas eram as respostas, quando a pessoa não se limitava a me olhar de lado e continuava procurando focalizar um urubu entre os muitos que voavam àquela hora. (VEIGA, 2001 [1972], p.42). O momento narrado diz respeito ao fato de que Lucas resolve contar a todos o segredo que seu pai lhe confiara: a Companhia ia confiscar todas as lunetas para impedir os habitantes de observarem os urubus. A expressão aparece duas vezes na obra, sendo que na segunda ela assume sentido diferente do exposto, pois se refere ao café que acabou de ficar pronto e continua quente.

ESTENDER A MÃO

A expressão pode ter sentidos diferentes a depender do contexto. Podem ser: pedir, solicitar algo uma coisa (a alguém) como favor ou esmola ou manifestar desejo, ou fazer gesto de conciliação, pacificação etc., e como no trecho acima, prestar, ou tentar prestar ajuda (a alguém). Quando voltei ao quarto encontrei uma carta de

mamãe em cima do travesseiro. Era o meu outro mundo que me estendia a mão, e em boa hora. (VEIGA, 2001 [1972], p.97). No exemplo em Sombras de Reis Barbudos, o contexto refere-se ao contato com seus tios depois de um longo período sem notícias. Na carta, Baltazar e Dulce convidam o menino para passar as férias na casa deles.

FALAR MACIO

Nessa expressão, atribui-se as características figurativas de “macio” ao falar, ou seja, “falar macio” significa falar suavemente, sem asperezas, como forma de respeito ou subordinação. E não era só o caieiro que tinha mudado; era quase todo mundo. E os que sorriam mais largo, se curvaram mais baixo e falavam mais macio ontem eram justamente os que hoje faziam questão de mostrar mais indiferença, quando não hostilidade (VEIGA, 2001 [1972], p.107). Nesse trecho, Lucas comenta sobre como o respeito que as pessoas tinham por seu pai acabou após ele se tornar fiscal da Companhia. E após a sua saída, as pessoas da cidade mostraram hostilidade em resposta aos abusos de poder cometidos por seu pai enquanto fiscal. A expressão aparece uma vez na obra.

FAZER ALGO COMO O NARIZ

Diz do que foi feito às pressas, ou de forma indevida, malfeita. — O que é que tem? O que é que tem? Se você não vê, então é cega. Olhe aí que porcaria. — Eu passei esta túnica com todo cuidado ontem de noite, e deixei pendurada para não amarrotar. — Então passou como o seu nariz. Olhe aí. Está vendo este papo? Eu posso vestir uma túnica nessas condições? (VEIGA, 2001 [1972], p.41). A fala acima pertence a Horácio e é dirigida a Vi. O marido tinha um comportamento obsessivo para com os cuidados com a farda e exigir da mulher perfeição.

FAZER CORPO MOLE

Essa expressão idiomática é usada quando alguém não demonstra esforço para fazer algo, escapa ou tenta escapar de algum trabalho

ou pedido de ajuda. Outras variações fraseológicas com sentidos semelhantes são: é “fazer cera” (simular que trabalha), “de corpo mole” (falta de entusiasmo, de vigor). De vez em quando ele mandava recado para irmos 88iabol-los, mas mamãe fazia corpo mole, dizia que eles agora nunca ficavam sozinhos e que ela estava cada vez menos disposta a conversar com estranhos. (VEIGA, 2001 [1972], p.21). A expressão aparece na obra, se referindo ao fato da mãe de Lucas, após vários recados de Baltazar e Dulce para que ela e Lucas fossem fazer uma visita, sempre ficar adiando ou tentando arranjar justificativas para não ir. A expressão aparece apenas uma vez na obra.

FAZER FORÇA

Em Houaiss (2020), a expressão é registrada com as acepções “aplicar a força muscular em (algo) para movê-lo, girá-lo etc.” e “esforçar-se, diligenciar”, sendo a segunda a mais aceita para o contexto a seguir: Mamãe fez sinal para eu abrir o embrulho, meu pai continuava fumando e fazendo força para mostrar indiferença. (Eu ainda não sabia de certas coisas entre meu pai e tio Baltazar.) (VEIGA, 2001 [1972], p.11). No contexto, Baltazar acabara de fazer uma visita à casa de Lucas e lhe traz um relógio como presente. Seu pai faz pouco caso da presença dele, uma vez que a relação entre os dois não é das melhores. A expressão aparece duas vezes na obra.

FAZER ROMARIA

Locução não registrada em Houaiss (2020). “Romaria” consiste em uma viagem ou peregrinação religiosa a um santuário, especialmente a que se faz por devoção. Por extensão de sentido, “fazer romaria” significa reunir um extenso agrupamento de pessoas; multidão: Eu não queria me abrir com mamãe, ela já tinha seus muitos problemas com meu pai, andava apreensiva com a falta de notícias de tio Baltazar, sofria com a lamúria das mulheres que acabaram descobrindo o caminho entre os muros e voltaram a fazer romaria em nossa porta. (VEIGA, 2001 [1972], p.41). Lucas estava aflito com a notícia de que a Companhia iria confiscar as lunetas de

todos, pois achava que seus amigos iriam ficar bravos com ele já que seu pai trabalha como fiscal. Porém Lucas não pode falar a respeito com sua mãe, pois esta já tinha seus problemas. A palavra romaria aparece duas vezes na obra.

FECHAR OS OLHOS

No contexto de Sombras de Reis Barbudos, “fechar os olhos” é uma expressão que remete a um eufemismo, ou seja, uma aceção mais agradável usada para suavizar o peso conotador de outra palavra, que nesse exemplo é ‘morrer.’: — Ele ainda é tudo para mim — continuou ela. — Quando ele fechar os olhos, não sei o que vai ser de mim. Nem quero pensar. Por não querer pensar é que eu... Mas não vamos falar nisso. (VEIGA, 2001 [1972], p.95). A fala acima pertence a Dulce. Baltazar está muito doente e depende de seus cuidados. Lucas insinua que isso deve ser um fardo para ela, que demonstra irritação quanto ao comentário do menino. A expressão aparece apenas uma vez na obra.

FICAR APATETADO

Diz-se de que ou quem é um tanto pateta ou age como se o fosse; que ou quem se mostra pasmado; estonteado, desnortado: O choque me deixou apatetado e com uma raiva inexplicável de tia Dulce por me dar a informação com tanta naturalidade, ou pelo conformismo dela. Acho que eu pensava que ela devia dizer isso chorando, ou soluçando, ou arrancando os cabelos. (VEIGA, 2001 [1972], p.92). Baltazar encontra-se em péssimo estado de saúde, e Lucas espanta-se com o fato de que seu tio não pode mais falar e irrita-se com a naturalidade da tia para com a situação. A palavra “apatetado” tem apenas uma ocorrência na obra.

FICAR ASSANHADO COM

A expressão consiste em um regionalismo e tem sentido de “que não fica quieto; buliçoso, agitado, irrequieto; que toma ou permite certas liberdades eróticas; namorador, fogoso: Fiquei assanhado com a idéia. Eu sempre quis brincar de lavrar madeira — pegar um cepilho

afiado, passar por cima de uma tábua ou sarrafo, ir tirando aquelas fitas enroladinhas em caracol, um barulho assoviado acompanhando, a madeira soltando aquele cheiro bom que guarda dentro, a gente passando a mão de vez em quando para sentir a lisura da tábua — o trabalho mais gostoso que existe. (VEIGA, 2001 [1972], p.110). O contexto aborda o entusiasmo de Lucas com as ideias de seu pai, que não encontrando apoio para construir o seu armazém, resolve tentar fazer tudo sozinho, com a ajuda de Lucas. A expressão aparece uma vez na obra.

FICAR CEM POR CENTO

A locução aparece em Houaiss (2020) na palavra “cem”. “Estar/ficar cem por cento” refere a: de modo integral, totalmente e pode referir-se a algo ou alguém: Meu pai ficou encantado com o oferecimento, era justamente o que ele vinha querendo providenciar há muito tempo. Emerenciano disse que para o portão ficar cem por cento precisava trocar umas tábuas, tomou as medidas e foi embora. (VEIGA, 2001 [1972], p.109). O momento narrado é uma das memórias de Lucas de antes da chegada da Companhia. Emerenciano uma vez foi de grande ajuda para seu pai, mas agora nega-se a 90iabo-lo. A expressão aparece uma vez na obra. A expressão tem uma ocorrência na obra.

FICAR SEM JEITO

A expressão tem o sentido de estar com embaraço ou acanhamento. É verdade que quando eles davam festas, principalmente para convidados de fora que vinham visitar a fábrica, eu ficava meio sem jeito de andar naqueles salões cheios de coisas caras, e logo que podia ia saindo escondido. (VEIGA, 2001 [1972], p.20). No trecho acima, Lucas refere-se à mansão de seus tios Baltazar e Dulce. Embora sempre muito bem-vindo, o menino ficava constrangido em dias de grandes festas na casa. A expressão aparece duas vezes na obra.

GRANDE UZK

Não encontramos nada que fizesse referência ao nome Usk, apenas que este é um nome estoniano que significa Fé “Até que apareceu esse mágico, o Grande Uzk.” Grande Usk é o nome de um mágico que apareceu na cidade, no momento de plena atividade repressiva da Companhia, sua chegada foi anunciada através de cartazes. De início sua demora em chegar foi associada a mais uma das proibições da Companhia, no entanto depois de alguns dias ele chegou e trouxe um espetáculo cheio de mágicas inacreditáveis que impressionaram todos os habitantes da pequena cidade de Taitara. A chegada do mágico foi uma das grandes atrações que aconteceu na cidade depois da instalação da Companhia, o significado do seu nome pode relacionar-se ao fato de que em meio a tanto sofrimento, as mágicas inacreditáveis tornaram-se alento e esperança de dias melhores.

IR PARA OS QUINTOS DOS INFERNOS

A expressão aparece em Infopedia da seguinte forma “ficar lá para os quintos com a acepção de “ficar muito distante ou em lugar desconhecido” e “ir/mandar para os quintos do Inferno” com o sentido de “ir/mandar embora de forma violenta”. A analisar a etimologia dos elementos constitutivos, temos inferno, vem do latim *infernus* e significa “as profundezas da Terra”. Quintos também vem do latim *quintus* no sentido de ‘quinto’, este de quinze no sentido de ‘cinco’. A expressão pode ter origem em torno do século XVIII, quando a Coroa Portuguesa cobrava impostos para lucrar com a atividade aurífera. O imposto era conhecido como “o quinto” e era bastante odiado pelos donos das minas, em razão disso passou a ser conhecido como “quinto dos infernos”. Na obra, Horácio usa a expressão em tom de revolta e indignação. Um dia, depois de xingar todos os carpinteiros pela décima ou vigésima vez, ele deu um murro na mesa e disse: — Não preciso de nenhum deles. Eles que vão todos para os quintos do inferno (VEIGA, 2001 [1972], p.110). Horácio, nesse momento, se revolta contra os carpinteiros. Na tentativa de montar o seu próprio armazém, ele recorre a alguns carpinteiros, para ajudar com as prateleiras que seriam do armazém.

Por orgulho ou vingança pelo tempo em que Horácio era fiscal da Companhia, os carpinteiros se recusam a ajudá-lo, e ele, Horácio sente-se indignado, e resolve não pedir ajuda a mais ninguém. A expressão aparece duas vezes na obra.

IR POR ÁGUA ABAIXO

Essa expressão popular é dita quando algo que foi feito com muito esforço dá errado, refere-se ao que fica desfeito, gorado. — Eu estou dizendo é que outros podem mudar de idéia com o seu irmão. — E se mudarem? — Pode ir tudo por água abaixo.” (VEIGA, 2001, p.24). Na ocorrência acima, a expressão foi utilizada por Horácio, que em meio às coisas estranhas que vinham acontecendo na Companhia, disse que possivelmente os planos do cunhado Baltazar poderiam não dar certo, pois os companheiros de trabalho não o estavam vendo com bons olhos. A expressão tem apenas uma ocorrência na obra.

IR QUINTOS DO INFERNO

Sobre a fraseologia da expressão quinto dos infernos pode-se dizer que, “ir para os quintos” é ir para um lugar longínquo, e tem valor de deixar de viver, reduzir-se a nada, morrer. “Mandar para o quinto dos infernos”, tem o sentido de mandar para um lugar remoto. “Um dia, depois de xingar todos os carpinteiros pela décima ou vigésima vez, ele deu um murro na mesa e disse: — Não preciso de nenhum deles. Eles que vão todos para os quintos do inferno” (VEIGA, 2001, [1972] p.110) Horácio nesse momento, se revolta contra os carpinteiros. Na tentativa de montar o seu próprio armazém, ele recorre a alguns carpinteiros, para ajudar com as prateleiras que seriam do armazém. Por orgulho ou vingança pelo tempo em que Horácio era fiscal da Companhia, os carpinteiros se recusam a ajudá-lo, e ele, Horácio sente-se indignado, e resolve não pedir ajuda a mais ninguém. As locuções ir para os quintos e mandar para os quintos vem geralmente seguidas da expressão intensificadora dos infernos. O vocábulo inferno vem do latim *inférnum* e significa “as profundezas da Terra”. Quintos por sua vez,

também vem do latim *quintus* no sentido de ‘quinto’, este de quinze no sentido de ‘cinco’. A expressão acima é comumente usada em momentos de raiva e revolta. Quinto nos infernos teve origem no Brasil-Colônia, e diz respeito à cobrança de impostos feita pela Coroa portuguesa, que decidiu retirar o equivalente a quinta parte da produção de ouro da colônia. Acredita-se que a expressão “Vá buscar o quinto nos infernos” era dita aos cobradores de impostos, no momento da cobrança. Com o passar do tempo, a expressão foi tomando a forma “Quintos do inferno”. Diz-se também que no caso da expressão “ir ou mandar para os quintos”, provém de ir na nau dos quintos no sentido de ‘ir degredado para o Brasil’. A nau dos quintos era a que levava à metrópole o imposto já mencionado, por isso, ir para os quintos significava ser banido para esse lugar desconhecido. Na obra, Horácio usa a expressão em tom de revolta e indignação.

LAVAR AS MÃOS

A expressão idiomática destacada, que significa eximir-se de qualquer responsabilidade, furtar-se às consequências, tem origem bíblica. Segundo a história, Pôncio Pilatos era prefeito da província romana da Judeia na época da pregação de Jesus Cristo. Quando o Sinédrio judaico lhe enviou Jesus para execução, Pilatos, por não ter nele encontrado nenhuma culpa, tentou livrá-lo da morte, mas o povo de Jerusalém preferiu salvar Barrabás. Pilatos então, após lavar as próprias mãos, em sinal de renúncia de qualquer responsabilidade, condenou Jesus a morrer na cruz. Em *Sombras de Reis Barbudos*, a expressão é usada por Lucas, que tenta contar aos amigos que a Companhia vai confiscar todas as lunetas da cidade, mas seus colegas não acreditam nele: Na escola foi a mesma descrença. Alguns colegas até acharam que eu estava inventando a história para me vingar de não ter luneta e precisar olhar na dos outros. Estive a ponto de chorar para convencê-los, mas achei que era me rebaixar muito e resolvi lavar as mãos. (VEIGA, 2001 [1972], p.43). Nesse trecho, o que ocorre é que para observar os urubus que sobrevoavam a cidade, muitos habitantes passaram a usar lunetas.

Tal atitude passou a ser um incômodo para a Companhia que planejava confiscar os objetos. Lucas, sabendo desse fato antecipadamente, resolve avisar aos seus colegas da escola, mas, a princípio, não quiseram acreditar nele. A expressão aparece apenas uma vez na obra.

LAVAR AS MÃOS

A expressão idiomática destacada, que significa eximir-se de qualquer responsabilidade, furtar-se às consequências, tem origem bíblica. “Na escola foi à mesma descrença. Alguns colegas até acharam que eu estava inventando a história para me vingar de não ter luneta e precisar olhar na dos outros. Estive a ponto de chorar para convencê-los, mas achei que era me rebaixar muito e resolvi lavar as mãos.” (VEIGA,2001, [1972], p.43). Nesse trecho, o que ocorre é que para observar os urubus que sobrevoavam a cidade, muitos habitantes passaram a usar lunetas. Tal atitude passou a ser um incômodo para a Companhia que planejava confiscar os objetos. Lucas, sabendo desse fato antecipadamente, resolve avisar aos seus colegas da escola, mas, a princípio, não quiseram acreditar nele. Segundo a história, Pôncio Pilatos era prefeito da província romana da Judeia na época da pregação de Jesus Cristo. Quando o Sinédrio judaico lhe enviou Jesus para execução, Pilatos, por não ter nele encontrado nenhuma culpa, tentou livrá-lo da morte, mas o povo de Jerusalém preferiu salvar Barrabás. Pilatos então, após lavar as próprias mãos, em sinal de renúncia de qualquer responsabilidade, condenou Jesus a morrer na cruz. A expressão tem apenas 1 ocorrência na obra.

LEVAR UM PITO

Uma das acepções para a palavra ‘pito’, datada em 1913, no Houaiss é repreensão, reprimenda, descompostura. Depreende-se a partir do contexto que o sentido da expressão, que consiste em um regionalismo, seja levar uma bronca, repreensão, censura. (Referente à “pito”, mesmo que “apito”, instrumento de sinalização sonora que chama a atenção): Depois de observá-lo por algum tempo calculei

que ele tinha ou levado um pito ou sido rebaixado. Fiquei desejando que só isso bastasse para corrigi-lo, porque eu já estava meio com pena. (VEIGA, 2001 [1972], p.47). Nesse trecho, Lucas refere-se ao seu pai, que anda desanimado depois que a história de que as lunetas seriam aprendidas chegou aos ouvidos da população e a Companhia desconfiava que os fiscais tinham espalhado a notícia. A expressão aparece uma vez na obra.

LOUVADO SEJA O SAGRADO CORAÇÃO!

Expressão popularmente dita quando algo de bom acontece, como forma de agradecimento. “Ocupada em arear o tacho grande de cobre, e naturalmente pensando em outros assuntos, ela não percebeu logo do que era que eu estava falando. –Meu pai deixou eu passar as férias com tio Baltazar – repeti explicando. -Deixou? – E quando abrangeu todo o significado ergueu os olhos e exclamou: - Louvado seja o Sagrado Coração!” (VEIGA,2001,[1972] p.77) Dulce, esposa de Baltazar, enviou uma carta chamando Lucas para passar as férias em sua casa. A mãe de Lucas ficou empolgada, mas eles sabiam que dificilmente Horácio deixaria. No entanto para a surpresa de mãe e filho, ao ser indagado por Lucas sobre o pedido da tia, Horácio deu uma resposta afirmativa, o que fez com que Vi ao saber da resposta olhasse para o céu e exclamasse: “Louvado seja o sagrado Coração de Jesus”. Essa expressão é bastante utilizada em ritos da Igreja Católica. No site Cruz terra Santa nós podemos encontrar os significados e simbolismo de Sagrado Coração de Jesus. Se trata de uma imagem de Jesus Cristo que apareceu com o coração fora do peito, assumindo a simbologia do amor gritante de Deus por nós.

LUCAS

“Mas eu não tinha queixa. Eu sabia o horário de tio Baltazar ir e voltar da fábrica, quando queria vê-lo era só ficar trançando pelo caminho até o carro passar, que na certa ele mandava parar e me puxava para dentro. Se havia estranhos no carro ele me apresentava, ‘este é meu sobrinho Lucas, vai ser engenheiro e dirigir a empresa

quando eu me aposentar.” (VEIGA,2001, [1972] p.21). Lucas é o narrador-personagem da história, esse decide incentivado por sua mãe, reconstruir em tom memorialista os fatos ocorridos desde a chegada da companhia, na tentativa de compreender o que se passou. Lucas, assim como os demais personagens, participa passivamente da história, sofrendo com as normas e proibições da Companhia. O nome Lucas tem origem no grego Loukás, um apelido do original Loukanós, que quer dizer “da Lucânia, lucano”. O nome Loukanós vem da raiz lyke, luk ou luc, que originaram a palavra lux, que significa “luz”, por isso também é atribuído a Lucas o significado de “luminoso”. O nome faz referência a um dos quatro evangelistas que compõem o Novo Testamento. Este apresentava em seus relatos um estilo literário excepcional, com um vocabulário rico, ele mostra em seu evangelho, diferente dos outros, beleza e riqueza de detalhes. Lucas é o único evangelista a formular em seus escritos um projeto literário, o prólogo que redige chama a atenção, pois além de uma intenção missionária, revela também uma intenção literária: procurar transpor estas tradições e estas fontes para um nível literário. Através de relatos, o evangelista Lucas buscou mostrar a fiel história de Jesus, ele queria nos ajudar a entender a mensagem de amor de Cristo. Na obra, o personagem Lucas de 11 anos, assim como o evangelista, é aquele que narra a história e que traz os relatos do que aconteceu na sua cidade após a chegada da Companhia, a fim de tentar entender os mistérios ocorridos naquele lugar. No âmbito da Literatura Brasileira, Lucas, como personagem, aparece entre outras obras, a exemplo, em “O Gaúcho: romance brasileiro” (1870), de José de Alencar: “— Ora ahi está! Disse o Lucas soltando uma gargalhada” (p.26). O nome Lucas tem apenas uma ocorrência na obra, as outras recorrências ao nome se darão através do apelido Lu.

MAIS CEDO OU MAIS TARDE

Diz-se de algo que deverá acontecer de uma forma ou de outra. Tranqüila por um lado. Eu não sabia o que poderia acontecer a meu pai se a Companhia descobrisse quem tinha dado o aviso, eles agora

estavam com a mania de fazer inquérito para tudo, mais cedo ou mais tarde descobriam. (VEIGA, 2001 [1972], p.43) O trecho refere-se ao pensamento de Lucas sobre sua atitude de passar a informação que seu pai lhe confiara. Ele temia que seu pai poderia sofrer as consequências caso descobrissem. A expressão tem uma ocorrência na obra.

MAIS FÁCIL UM BURRO VOAR

A expressão é usada popularmente quando há necessidade de exprimir que algo é impossível acontecer. Há ainda variações fraseológicas, como “mais fácil um burro criar asas e voar” ou “mais fácil uma vaca voar”: — A Companhia acabando? Onde você descobriu isso? — Muita gente está dizendo — respondi. — Hum. Não sabem de nada. Deixe eles. Assim a surpresa vai ser maior. — Então não vai? Ele sorriu e disse: — Olhe, Lu: é mais fácil um burro voar do que a Companhia acabar. Pare de repetir bobagens. (VEIGA, 2001 [1972], p.30). Com a estranha saída de Baltazar, muitos boatos passam a correr a cidade. Um deles era que a saída de seu tio teria abalado tanto a Companhia que o seu fim estava muito próximo. Em uma conversa com seu pai, Lucas traz ao assunto esses tais boatos, e Horácio explica ao seu filho que os boatos sobre o fim da Companhia são inverdades e que não têm a menor chance de acontecer. A expressão tem uma ocorrência ao longo da obra.

MAIS FÁCIL UM BURRO VOAR

Expressão usada popularmente quando há necessidade de exprimir que algo é impossível acontecer. “Ele sorriu e disse: — Olhe, Lu: é mais fácil um burro voar do que a Companhia acabar. Pare de repetir bobagens” (VEIGA, 2001, [1972], p.30) Com a estranha saída de Baltazar, muitos boatos passam a correr a cidade. Um deles era que a saída de seu tio teria abalado tanto a Companhia que o seu fim estava muito próximo. Em uma conversa com seu pai, Lucas traz ao assunto esses tais boatos, e Horácio explica ao seu filho que os boatos sobre o fim da Companhia são inverdades e que não têm a menor chance de acontecer. Há ainda variações fraseológicas, como “mais

fácil um burro criar asas e voar” ou “mais fácil uma vaca voar”. Na Bíblia (Jó 11:12) ocorre a passagem “ Mas o homem estúpido se tornará sábio, quando a cria de um asno montês nascer homem.”, essa pode ser possivelmente a versão original dessa expressão.

MAL QUE VEM PARA BEM

Esse fraseologismo corresponde a uma variação do ditado popular “Há males que vêm para o bem”. Isso era novo. Era sensacional. Deixei a prudência de lado e perguntei sobre um assunto que estava me preocupando: aquela idéia antiga de me pôr como aprendiz. — Felizmente gorou — ele disse. — Foi um mal que veio para bem. Você não vai ficar triste, vai? (VEIGA, 2001 [1972], p.74). Aqui Lucas reage a notícia de que seu pai planejava deixar a Companhia e abrir um negócio próprio. Esse fato elimina a chance de Lucas passar a trabalhar como estagiário na empresa. O que o deixou muito feliz. A expressão aparece duas vezes ao longo da obra.

MAL QUE VEM PARA BEM

Ela é utilizada quando algo de ruim acontece, e que a princípio deixa triste, mas depois percebe-se que aquilo na verdade era o melhor que podia acontecer “Ele estava sabendo mais do que demonstrava. Não cheguei a 98iabol-lo e até beijá-lo porque me faltava com ele a intimidade que eu tinha com mamãe. Mas naquele momento eu vi como pai mesmo. “Felizmente gorou. Um mal que veio para o bem.” (VEIGA,2001,[1972] p.74). Certa vez Horácio falou para Lucas que iria 98iabol-lo na função de aprendiz na Companhia, depois de algum tempo o menino foi perguntar ao pai se ele tinha passado na seleção. O pai respondeu que não tinha dado certo, que aquele era um mal que veio para o bem. Corresponde a variação do ditado popular “Há males que vem para o bem”. Na bíblia, em Romanos (8:28) temos “ Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” que parece em outras palavras ser uma versão dessa expressão.

[#METER CUNHA#] – O vocábulo ‘cunha’ no Houaiss apresenta muitos significados, entre os quais o de ‘deslocamento em forma de triângulo’ empregado como estratégia militar. Possivelmente, a expressão regionalista usada pelo escritor brasileiro tem o significado próximo a esse, uma vez que no texto há referência a ‘meter cunha com os ombros e os cotovelos’, ou seja, indica que o personagem enfrenta uma aglomeração armando os ombros e os cotovelos, como estratégia de entrada: O proprietário não deixava menino entrar, mas naquele alvoroço calculei que ele não ia reparar em mim, e calculei certo. O centro da aglomeração era uma mesa perto da entrada. Empurrando, espremendo, metendo cunha com os ombros e com os cotovelos consegui um lugar na frente. O aperto era para ver o Grande Uzk jogar bilhar. (VEIGA, 2001 [1972], p.65). O trecho acima diz respeito a chegada do mágico Uzk. Nessa ocasião, o mágico fazia uma pequena apresentação no Salão Alvorada, o que gerou rapidamente uma aglomeração. Lucas, que acabava de voltar da escola, passou pelo lugar, viu o tumulto e resolveu se aproximar para ver o Grande Uzk. A expressão tem apenas uma ocorrência na obra.

MUDAR DA ÁGUA PRO VINHO

A expressão idiomática “mudar da água para o vinho”, encontrada tanto no Brasil quanto em Portugal, tem provavelmente origem no Evangelho de João, o único que contém o episódio das bodas de Caná, em que Jesus transforma água em vinho depois que este acaba. A expressão tem o sentido de mudança radical do modo de ser de uma pessoa; mudança radical de uma situação: Eu já tinha me acostumado com as antipatias de meus pais, e adotado umas regras para não agravá-las, quando de repente a situação muda de água para vinho. (VEIGA, 2001 [1972], p.14). Na obra, a expressão “mudar de água para vinho” foi empregada por Lucas para falar sobre a situação em que o pai, que vivia de implicância com tio Baltazar, muda de atitude de forma inesperada.

MUDAR DA ÁGUA PRO VINHO

Essa expressão idiomática é usada quando se quer dizer que algo mudou repentinamente e para melhor “Eu já tinha me acostumado com as antipatias de meus pais, e adotado umas regras para não agravá-las, quando de repente a situação muda de água para vinho.” (VEIGA,2001, [1972] p.14). Na obra, a expressão “mudar de água para vinho” foi empregada por Lucas para falar sobre a situação em que o pai, que vivia de implicância com tio Baltazar, muda de atitude de forma inesperada. Ela é encontrada tanto no Brasil quanto em Portugal, diz-se que, provavelmente, ela tenha origem a partir do gesto milagroso de Jesus que em uma festa de casamento transformou a água de jarras em vinho. Na Bíblia, em João (2:11) tem-se a passagem “ Este sinal milagroso, em Caná da Galileia, foi o primeiro que Jesus realizou. Revelou assim a sua glória, e os seus discípulos creram nele”. Sendo assim, entende-se que a expressão tenha nascido para expressar uma transformação radical para melhor. Tem apenas 1 ocorrência na obra.

MUDAR PARA AS NUVENS

O mesmo que “ir às nuvens”. Alegrar-se intensamente, ficar exultante com algo que se fica sabendo. A expressão tem um aspecto religioso, uma vez que faz uma alusão às nuvens na ideia cristã de céu, paraíso. Quando tio Baltazar começou a falar no projeto da Companhia meu pai se mudou para as nuvens. Quem o visse explicando o assunto e rebatendo críticas era capaz de pensar que a idéia era dele. Muitas vezes vi o próprio tio Baltazar jogar água fria no entusiasmo de meu pai e ser contestado com a maior energia. (VEIGA, 2001 [1972], p.14). Horácio e Baltazar nunca tiveram uma boa relação. A situação começou a mudar quando os dois decidiram abrir a Companhia, pois Horácio ficou muito entusiasmado com a ideia de Baltazar.

NÃO DAR O BRAÇO A TORCER

A expressão significa abrir mão de uma teima ou opinião; render-se a uma evidência. 2 reconhecer erro próprio; dar-se por vencido. Conforme Pimenta (2004), “dar o braço a torcer” nos tempos de

torturas físicas da Inquisição, tem o sentido mudar de ideia, isto é, retornar em uma decisão, colocar o orgulho de parte, ceder, alterar uma decisão, reconhecer um erro. A expressão tem origem nas torturas do Santo Ofício e refere-se àqueles que se recusavam a falar e a submeter-se aos suplícios inquisitoriais, embora tivessem de ceder pela força. A expressão ficou como símbolo de firmeza de opinião, de insubmissão: E agora? O homem era aquele, não tinha outro. É nisso que dá a gente acreditar em tudo o que ouve. Ele podia ser mágico, mas de magiquinhas corriqueiras. Saímos dali calados, não querendo dar o braço a torcer. (VEIGA, 2001 [1972], p.60). O trecho em questão diz respeito ao mágico Uzk. Lucas e seus amigos estavam ansiosos pela sua chegada, mas ficaram decepcionados ao verem o homem.

NÃO ENTENDER FIAPO

A expressão assemelha-se a “não entender patavina” que significa não entender nada: Meu pai dizia que ele estava perdendo tempo em viagens e conversas com gente que não entendia um fiapo do assunto, em vez de começar logo a construção da fábrica. (VEIGA, 2001 [1972], p.15). Empresários visitavam Baltazar para ajudar no planejamento da Companhia, mas Horácio não gostava dessas visitas por achar que essas pessoas apenas eram atrasando o processo de construção.

NÃO LEVAR A MAL

A expressão tem o sentido de “não consentir; reprovar; tomar em mau sentido, ofender-se”: Mas esse sacrifício pouco adiantou. Um dia Seu Chamun me chamou e disse numa conversa muito rodeada que eu não levasse a mal, ele gostava muito de mim, eu era um empregado educado e cumpridor etcetera e tal [...] (VEIGA, 2001 [1972], p.115). Há muitos dias, a cidade passava por fortes chuvas, mas Lucas comparecia todo dia à loja de Chamun mesmo que não tivesse movimento. Não se vendo com outras opções o homem dispensa Lucas do serviço de entregador. A expressão aparece uma vez na obra.

NÃO PASSAR PELA CABEÇA

A expressão não aparece em Houaiss (2020). Infopédia registra a expressão com a acepção “vir ao pensamento, lembrar”. Em Sombras de Reis Barbudos há três ocorrências da expressão. É curioso como certas coisas vão acontecendo em volta da gente sem a gente perceber, e quando vê já estão aí firmes e antigas. Depois mudam, do mesmo jeito manso. Não me passava pela cabeça que alguém pudesse não gostar de tio Baltazar. Se aparecesse uma pessoa dizendo isso, para mim seria a maior surpresa do mundo. Pois eu tive essa surpresa, e aqui em casa mesmo. (VEIGA, 2001 [1972], p.24). O contexto acima refere-se ao sentimento de Lucas com a relação ao seu tio Baltazar. Embora em um primeiro momento o menino não tenha tido uma boa impressão do tio, depois o estranhamento foi dando lugar à admiração. A expressão também foi usada em Dom Casmurro, de Machado de Assis no seguinte contexto: Taes eram as idéias que me iam passando pela cabeça, vagas e turvas, á medida que o mouro rolava convulso, e lago dislilava a sua calúmnia. Nos 102iabólôs102s não me levantava da cadeira; não queria 102iabo-me a encontrar algum conhecido. (ASSIS, 1899, p. 366). A expressão aparece três vezes em toda a obra.

NÃO SABER ONDE ESTAR COM A CABEÇA

A expressão diz respeito à falta momentânea ou não de juízo ou maturidade, estar fora de si. Em Houaiss (2020) registra-se a forma canônica da expressão “saber onde tem a cabeça” com o sentido de “ter juízo e maturidade, ser equilibrado; ter a cabeça no lugar”. Esse somatismo cria a noção de a cabeça, como símbolo da razão, precisa estar em um lugar adequado, outras expressões reforçam essa noção: “andar com a cabeça na lua” ou “estar com a cabeça nas nuvens” cujo sentido é ser sonhador, distraído, viver longe da realidade: Não fez nada. Foi só eu dizer que as lunetas iam ser apreendidas, e você saiu correndo pra contar a todo mundo. Não sei onde eu estava com a cabeça quando falei aquilo. Não posso confiar mais nem em meu filho. (VEIGA, 2001 [1972], p.44) A fala acima pertence a Horácio que

discute com seu filho Lucas por ele ter relevado o segredo que seu pai lhe confiara sobre a apreensão das lunetas.

NÃO SER DA CONTA

Não tendo nenhuma desculpa a dar, confessei a verdade. — Eu já vinha desconfiando. Mas nunca mais faça isso. O que está guardado aí não é da sua conta nem da minha. (VEIGA, 2001 [1972], p.35). O trecho fala sobre Horácio, que mantém um caderno com anotações sobre a Companhia, e Lucas resolve procurar por ele, mas sua mãe o impede.

NÃO SER NENHUM MAR DE ROSAS

A expressão é usada quando algo não é fácil, tem muitas adversidades. Se a vida dos fiscais era trabalhosa, como meu pai às vezes dizia, a minha também não era nenhum mar de rosas. (VEIGA, 2001 [1972], p.33). Horácio usava a farda completamente impecável para amedrontar as pessoas e impor respeito e gostaria de levar Lucas em um passeio para que ele percebesse o comportamento das pessoas diante dele. Entretanto, Lucas não gostou da ideia e fugia ou fingia estar doente para evitar o passeio. A expressão tem uma ocorrência na obra.

NÃO TER CABEÇA PARA

A expressão referente ao sentido de estar sem condições de pensar, de raciocinar. Mamãe diz que não vai ler os meus escritos porque não tem cabeça para leitura e também porque já sabe tudo melhor do que eu. Está claro que é mais um truque para me deixar à vontade. (VEIGA, 2001 [1972], p.7). No início do livro, Vi pede que Lucas escreva sobre as suas histórias desde a chegada de Baltazar, mas garante que não lerá os escritos para que o menino fique à vontade. A expressão aparece apenas uma vez ao longo da obra.

NÃO TER NEM PARA REMÉDIO

A expressão tem o sentido de não ter absolutamente nenhum. Consiste no reforço hiperbólico de algo que falta, de que não há, de

que nada sobrou etc. Não havia madeira na cidade nem para remédio, todo o estoque tinha sido requisitado pela Companhia, para que fim não sabíamos. (VEIGA, 2001 [1972], p.110) Horácio planejava abrir um armazém e sair da Companhia, mas os marceneiros se negaram a fazer as suas prateleiras e outros serviços. Assim o pai de Lucas resolve comprar os materiais e fazer tudo sozinho, mas acaba não encontrando mais nada. A expressão tem apenas uma ocorrência na obra.

NINGUEM SABE O DIA DE AMANHÃ

Expressão popular que sugere que nada é previsível, logo não é possível anteceder o que o futuro reserva. Pode ter origem bíblica em razão destas outras variações: o amanhã a Deus pertence, o futuro a Deus pertence: Mamãe estava pregando botões numa calça minha, parou o trabalho e perguntou alarmada: — Desistir? Por que agora? — É estudo para gente rica. — Mas não é Baltazar quem vai ajudar? Ele não já prometeu? — Prometeu mas pode não cumprir. Ninguém sabe o dia de amanhã. (VEIGA, 2001 [1972], p.23). O contexto acima diz respeito a uma conversa entre Horácio, Vi e Lucas. Horácio, sabendo o que o futuro reservaria a Baltazar, afirma que Lucas deve desistir do sonho de ser engenheiro, pois, segundo ele, essa é uma profissão para pessoas ricas. E ainda que embora Baltazar tenha prometido 104iabo-lo nisso, a promessa não poderia ser cumprida. A expressão aparece apenas uma vez ao longo da obra.

NINGUEM SABE O DIA DE AMANHÃ

Eis o contexto de uso: “— Mas não é Baltazar quem vai ajudar? Ele não já prometeu? — Prometeu, mas pode não cumprir. Ninguém sabe o dia de amanhã” (VEIGA,2001, [1972] p.23). O contexto acima diz respeito a uma conversa entre Horácio, Vi e Lucas. Horácio, sabendo o que o futuro reservaria a Baltazar, afirma que Lucas deve desistir do sonho de ser engenheiro, pois, segundo ele, essa é uma profissão para pessoas ricas. E ainda que embora Baltazar tenha prometido 104iabo-lo nisso, a promessa não poderia ser cumprida.

A expressão popular que sugere que nada é previsível, logo não é possível anteceder o que o futuro reserva. Pode ter origem na passagem bíblica referente a Mateus 6:34: “Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio”. Outras variações: o amanhã a Deus pertence, o futuro a Deus pertence.

OLHAR PARA CIMA

Eis o contexto de uso: “Em qualquer lugar só se via muro, a menos que se olhasse para cima” (VEIGA,2001,[1972] p. 37). Na tradição judaico-cristã, o olhar para cima significa a busca da divindade. Na obra, olhar para os urubus sobrevoando no céu, passou a ser parte de sua rotina.

PARA CIMA E PARA BAIXO

Em Houaiss (2020), temos para essa expressão o sentido “de um lado para outro”: Agora ele andava para cima e para baixo vestido com uma farda azul que mamãe penava para manter impecável, se descobrisse nela uma ruga ou mancha meu pai não a vestia enquanto o defeito não fosse corrigido, ele até arranjou uma lente grande para examinar a farda. (VEIGA, 2001 [1972], p.31). O trecho acima refere-se ao comportamento de Horácio, que tinha ficado obsessivo com os cuidados com a farda. A expressão surge apenas uma vez ao longo da obra.

PARECER ROCEIRO EM DIA DE FESTA

A expressão diz respeito a quem arruma-se inadequadamente, ou com roupas fora do comum. Mamãe consertou as roupas, limpou e passou. Pareciam meio antiquadas, mas meu pai não ligou; só da primeira vez que vestiu um dos ternos ele se demorou pouco e voltou dizendo que estava parecendo roceiro em dia de festa. Mas saiu outras vezes e se acostumou, a ponto de largar a farda completamente (VEIGA, 2001 [1972], p.78). Depois que Horácio decidiu que iria deixar a Companhia, ele já saía sem a sua farda,

trocando-a pelas roupas velhas em seu guarda-roupa. A expressão tem apenas uma ocorrência na obra.

PASSAR DA CONTA

A expressão quer dizer exagerar, ultrapassar o que é conveniente; ir além do necessário ou do permitido. Refere-se àqueles que se tornam inconvenientes por ultrapassar limites, perder o bom senso: Depois perguntava por meu pai, minha mãe, mandava recado para eles aparecerem, e quando chegávamos ao destino ele mandava o chofer me levar de volta, no princípio eu gostava porque fazia inveja a meus colegas, depois fui tirando o corpo fora porque a inveja estava passando da conta. (VEIGA, 2001 [1972], p.21). Em seus tempos de sucesso na Companhia, Baltazar era muito estimado pela população de Taitara. Lucas, seu sobrinho, também ganhava alguns privilégios, como andar de chofer. A expressão tem apenas uma ocorrência na obra.

PASSAR O PENTE-FINO

O termo é uma analogia ao pente plástico de cerdas bem finas, utilizado para a remoção de piolhos ou lêndeas dos fios de cabelo, principalmente das crianças. Em jargão policial-investigativo, significaria uma procura minuciosa em busca de algo, frequentemente, bem guardado ou que tenha dimensões pequenas, para averiguar se não há irregularidades. Ele disse que a situação era séria, que a Companhia estava passando o pente-fino e que a ordem dos fiscais era não terem contemplação com ninguém. Ele mesmo andava mais ocupado do que nunca na fiscalização, saía mais cedo e chegava mais tarde e muitas vezes nem vinha almoçar (VEIGA, 2001 [1972], p.70). A expressão acima, aparece em um período onde a Companhia volta a fazer proibições e exigências descabidas, e onde os fiscais estavam ainda mais exigentes em suas fiscalizações, devido a isso Horácio recomenda que Lucas não saia de casa, e nem leve encomendas de ninguém. A expressão aparece uma vez na obra.

PASSAR O TEMPO

A expressão tem o sentido de fazer o tempo parecer mais curto, por meio de alguma ocupação. Refere-se à sensação de diminuir o tempo que passa, por meio de atividades que sejam fáceis ou prazerosas: Talvez seja mesmo uma boa maneira de passar o tempo, já estou cansado de bater pernas pelos lugares de sempre e só ver essa tristeza de casas vazias, janelas e portas batendo ao vento, mato crescendo nos pátios antes tão bem tratados, lagartixas passeando atrevidas até em cima dos móveis, gambás fazendo ninho nos fogões apagados, se vingando do tempo em que corriam perigo até no fundo dos quintais. (VEIGA, 2001 [1972], p.7). Lucas descreve a cidade de Taitara após do auge das atitudes tirânicas da Companhia. Revelando as graves consequências para o lugarejo.

PASTOR PROTESTANTE

Eis o contexto de uso: “Eu ali me arriscando a apanhar a maior surra da minha vida, e eles pensando mesquinhas de mim”? Aí um colega, filho do pastor protestante, que além de ter uma luneta para usar na rua ainda se gabava de ter um telescópio em casa, falou para os outros...” (VEIGA, 2001, [1972] p. 43). Lucas ao saber que a Companhia iria acabar com as lunetas que seus amigos utilizavam para olhar os urubus tratou logo de avisá-los, mas nenhum deles acreditou na história de Lucas alegando que ele estava inventando isso para se vingar pelo fato de não ter uma luneta. Apenas um de seus amigos, filho de um pastor protestante resolveu dar crédito a história. No site Wikipédia, encontramos a seguinte descrição. “O protestantismo é a segunda maior forma de cristianismo, com mais de 900 milhões de adeptos em todo o mundo ou quase 40 % de todos os cristãos. Originou-se com a Reforma Protestante, um movimento contra o que seus seguidores consideravam erros na Igreja Católica Romana. Desde então, os protestantes rejeitam a doutrina católica da supremacia papal e dos sacramentos, mas discordam entre eles sobre a presença real de Cristo na Eucaristia. Esse movimento é popularmente considerado como tendo começado na Alemanha em 1517, quando Martinho Lutero publicou suas 95 teses como uma

reação contra abusos na venda de indulgências pela igreja católica, que pretendia oferecer remissão de pecado aos seus compradores.” O Pastor ou ministro do evangelho são os títulos atribuídos ao ministro religioso no Protestantismo, no geral, é dever do pastor dirigir a igreja local e cuidar de suas necessidades espirituais este deve ter como modelo o próprio Jesus Cristo, qualificado como “bom pastor”.

PEDIR BIS

A expressão relaciona-se com a voz com que o público expressa vontade ou pedido de que algo se repita por ter agradado sobremaneira: Atravessou uma parede de tijolos construída no palco na vista do público por dois pedreiros e depois examinada por uma comissão escolhida a esmo na platéia, tudo gente daqui, conhecida e respeitada, atravessou para um lado, para o outro, quantas vezes quis, o público pedindo bis, ele passando para lá e para cá como se não existisse obstáculo. (VEIGA, 2001 [1972], p.63). O trecho refere-se às mágicas inacreditáveis que o Grande Uzk faz e que encantou a plateia.

PISAR FORTE

Sair com raiva, chateado. Meu pai saiu pisando forte e mamãe ficou parada olhando para os grãos espalhados na toalha, incapaz de continuar separando-os por causa das lágrimas. Era impossível eu fingir que não percebia, ela estava bem na minha frente, magoada e perplexa; eu seria muito insensível se não percebesse. Segurei a mão dela na mesa, quis falar alguma coisa, nada me ocorreu. (VEIGA, 2001 [1972], p.42) A bomba estourou logo na manhã seguinte. Eu ainda estava mornando cama, esperando mamãe chamar para o café, quando ouvi meu pai entrar pisando forte e falando alto. (VEIGA, 2001 [1972], p.)

PÔR AS BARBAS DE MOLHO

Na antiguidade e na Idade Média, a barba significava honra e poder. Ter a barba cortada por alguém representava uma grande

humilhação. Essa ideia chegou aos dias de hoje nessa expressão, que significa ficar de sobreaviso, acautelar-se, prevenir-se: — É? Então continue pensando assim. Mas você não sabe o que eu sei. Estou lá todo dia, vejo e escuto muita coisa. É bom a gente ir pondo as barbas de molho. Lu deve aprender um ofício, ou arranjar um emprego. (VEIGA, 2001 [1972], p.24). A fala acima é dita por Horácio que afirma que Lucas deve esquecer o sonho de ser engenheiro. Com esse diálogo ele insinua que o futuro de Baltazar era incerto na Companhia. A expressão tem apenas uma ocorrência na obra.

PÔR NO FOGO

A expressão não é registrada em Houaiss (2020) e nem outros dicionários online. O sentido que ela expressa refere-se a colocar em situação embaraçosa, comprometedora, complicada: — Eles não vão me levar, mãe. Só querem saber se eu vi o homem voando, quero dizer, se vi gente voando. Eu vi o que eles viram, e isso não é crime. Aliás eu vi porque esse senhor aqui mostrou, senão não tinha visto. — Epa! Alto lá! Me põe no fogo não, garoto. Mostrei nada não. (VEIGA, 2001 [1972], p.137). Nesse momento da história, os fiscais aparecem na casa de Lucas para averiguar se as plantações de Vi estavam conforme os padrões impostos pela Companhia. Enquanto analisam, percebem que um homem está voando no céu, os fiscais pretendem incriminar Lucas pelo ato. O menino logo se defende, dizendo que foram eles que viram o fenômeno primeiro. Isso o livra de ser levado pelos fiscais.

PÔR O CARRO ADIANTE DOS BOIS

A expressão refere-se a começar alguma coisa de forma desorganizada, de forma desesperada, afobada, sem organização. Atropelar a ordem de como as coisas devem ser feitas. Relaciona-se à época em que os carros de boi eram um meio de transporte comum; alusão ao fato de que os bois sempre devem estar à frente da carroça, caso contrário, esse meio de transporte não funcionaria: Por que me apresentar como culpado logo no começo? Melhor negar por enquanto. Mas muito cuidado para não negar o que não for

perguntado, muito mentiroso é apanhado por querer pôr o carro adiante dos bois. O assunto pode até ser outro, diferente. Se for o caso das lunetas, eu não disse nada a ninguém. (VEIGA, 2001 [1972], p.44). Horácio chama Lucas para uma conversa, e o garoto teme que isso tenha relação com o fato de que ele tinha revelado o segredo do pai.

PROFANO

Aquilo que não pertence ao sagrado. “Entre zelosa e vaidosa, mamãe emprestava; mas se a pessoa demorava a devolver, eu recebia a missão de ir 110iabo-la, um documento daquela importância não podia passar muito tempo em mãos profanas.” (VEIGA, 2001, [1972] p. 9). Antes de vir ao encontro da família, Baltazar costumava mandar várias fotos para sua irmã. Em uma delas ele aparecia em um carro esporte, e essa fez muito sucesso entre os amigos que sempre a pedia para mostrar a outras pessoas, a mãe de Lucas emprestava, mas se eles demorassem a devolver ela logo mandava o filho ir 110iabo-la para não correr o risco de cair em mãos impuras. Etimologicamente, a palavra profano vem do latim profánus, a, um ‘lit. que está em frente ao templo, que não entra nele’. O dicionário Houaiss (2020) vai trazer como significados dessa palavra àquilo que não pertence ao âmbito do sagrado que é estranho, que não pertence à religião, que deturpa ou viola a santidade de coisas sagradas, que não é religioso; leigo, temporal, secular, que não tem finalidade religiosa; mundano. Em seu sentido figurado, profano é aquele indivíduo que é alheio ou estranho às ideias e conhecimentos sobre determinado assunto, é um leigo. A bíblia cita a palavra profano em diversos capítulos. O livro do profeta Ezequiel traz algumas orientações direcionadas aos sacerdotes daquela época “Deverão ensinar o meu povo a distinguir entre sagrado e profano, e farão que ele conheça a diferença entre puro e impuro” (Ezequiel 44:23). Na obra a mão de Lucas pode ter usado a expressão para dizer que as pessoas eram indignas de ficarem com a foto, dando a entender que suas mãos seriam impuras.

QUE BICHO TE MORDEU

Expressão dita a uma pessoa que muda repentinamente de comportamento: Fiquei nas pontas dos pés, estiquei o pescoço e ainda dei uns pulos, mas pelo jeito tinha se evaporado, e mamãe já estava na janela me intimando a entrar, perguntando que bicho tinha me mordido para eu sair naquele desatino. (VEIGA, 2001 [1972], p.126). Nessa situação, Lucas acabara de ver no céu um homem voando. Eufórico com essa visão, o menino corria para acompanhar o homem no céu.

QUEBRAR A CABEÇA

A expressão aparece em Houaiss (2020) e com o sentido de “pensar muito, concentrar-se demoradamente na resolução de algo”. No princípio quebrávamos a cabeça para achar o caminho de uma rua à rua seguinte, e pensávamos que não íamos nos acostumar; hoje podemos transitar por toda parte até de olhos fechados, como se os muros não existissem. (VEIGA, 2001 [1972], p.): No contexto acima, o personagem-narrador comenta as reações da população de Taitara quando os muros foram colocados nas ruas da cidade. O trecho releva o processo de aceitação das duras imposições da Companhia. A expressão foi encontrada apenas uma vez em toda a obra.

REMEDIAR A SITUAÇÃO

A expressão não é registrada por Houaiss (2020), mas aparece no Dicio (Dicionário online de português) com as acepções: reparar uma situação; fazer correções; evitar; impedir o acontecimento de; atenuar; fazer com que se torne mais tolerável ou suportável: Do pouco que sabíamos cá fora, a saída de tio Baltazar tinha abalado muito o crédito da Companhia, e os novos homens não estavam conseguindo remediar a situação. (VEIGA, 2001 [1972], p. 29). A saída repentina e misteriosa de Baltazar havia causado um grande rebuliço tanto nas ruas quanto na cidade. A notícia era de que a empresa ia de mal a pior, não conseguindo nem mesmo pagar os funcionários.

ROER DA BANDA POBRE

O cultorema em questão é um exemplo fraseológico que significa sofrer decepções devido às circunstâncias, passar dificuldades, privações. Algumas das variações fraseológicas são: comer da banda podre, comer insosso e beber salgado, comer o pão que o diabo amassou, comer o que o diabo enjeitou, passar um mau bocado, passar um mau pedaço, comer ruim: Eu esperava uma repreensão por causa dos cavalos, mas quando o susto passou e a dor da perna foi aliviando meu pai disse apenas que a sorte daqueles dois era ele não ser mais fiscal, se fosse eles iam roer da banda podre um bocado de tempo para aprenderem a não andar por aí pondo cavalo dentro de casa. (VEIGA, 2001 [1972], p.106). Nesse momento da história, Horácio se zanga com os cavaleiros que estavam em seu armazém, pois estes deixaram que os cavalos sujassem o lugar. Depois de ter sido atingido pelo animal, Horácio utiliza essa expressão em busca de ameaçar os cavaleiros, apenas na intenção de descarregar a sua raiva.

ROMARIA

Segundo o dicionário Houaiss (2020), romaria é uma viagem ou peregrinação religiosa a um santuário, que se faz por devoção. Ainda nesse dicionário encontraremos significados dessa palavra que se dão por extensão de sentido, sendo (i) a visita a local digno de veneração, de recordação, sentimental; (ii) conjunto de pessoas que afluem a um lugar, que passeiam; (iii) festa popular que é celebrada em local próximo a alguma ermida ou santuário no dia da festividade religiosa do lugar, gerada com danças, parques de diversão, comidas, comércio e arraial; (iv) extenso agrupamento de pessoas. (i) “Então começou aquela romaria de gente de fora, uns homens muito prosas no vestir e no falar.” (VEIGA,2001,[1972] p. 16). (ii) “Eu não queria me abrir com mamãe, ela já tinha seus muitos problemas com meu pai, andava apreensiva com a falta de notícias de tio Baltazar, sofria com a lamúria das mulheres que acabaram descobrindo o caminho entre os muros e voltavam a fazer romaria em nossa porta.” (VEIGA,2001, p. 41). A palavra aparece duas vezes

na obra. Na primeira ocorrência, Lucas a utiliza para designar uma grande quantidade de pessoas vindas de outros lugares que passaram a circular pela cidade, entre eles homens que viam ao encontro de Baltazar para falar sobre a construção da fábrica. Na segunda, Lucas usou para falar das mulheres que frequentemente vinham à porta de sua casa para se lamentar e para pedir mantimentos. O site Wikipédia, traz uma definição parecida para a palavra, sendo Romaria uma peregrinação religiosa feita por um grupo de pessoas a uma igreja ou local considerado santo, seja para pagar promessas, agradecer ou pedir graças, ou simplesmente por devoção, podendo ser feita a pé ou em veículos. Na região nordeste do Brasil é comum o uso de pau-de-arara para transportar romeiros. O nome do termo é uma referência a Roma, sede da Igreja Católica Apostólica Romana, e por esse motivo é usada para classificar especialmente peregrinações católicas. Aquele que pratica a romaria é o Romeiro. Este elemento cultural foi importado de Portugal. O objetivo destas travessias é conquistar influências e as benesses específicas que só Deus pode, e em troca, conceder aos seus fiéis. Praticamente todas as instituições religiosas contam com a romaria como ingrediente especial de seus rituais. Na obra, essa palavra não assume esse sentido de peregrinação religiosa e sim de agrupamento de pessoas. A palavra tem 2 ocorrências na obra.

ROSÁRIO

Vem do latim *rosarius*, a, um 'de rosas'. Segundo Houaiss (2020), rosário é uma fileira de 165 pequenas contas dispostas de maneira sucessiva, representando cada uma delas uma oração "Acordamos quando o rosário dela caiu com um barulho comprido de contas encadeadas" (VEIGA, 2001, [1972] p.34). A palavra apareceu na descrição de Lucas sobre uma das idas dele e da mãe à igreja, ao chegar lá ele percebeu a tristeza de sua mãe que chorava com os olhos fitos na imagem ao alto, nisto Lucas sentiu-se arrependido e deu um longo abraço em sua mãe que só foi interrompido com a queda do rosário no chão. No site da Canção Nova, importante canal de representação da igreja Católica, podemos encontrar a possível

origem do nome diz que se deve a um relato popular de um monge cisterciense, que costumava rezar 50 'Ave-Marias', que saíam de seus lábios como rosas que iam aos céus e se depositavam na cabeça a Santíssima Virgem. O hábito cristão de rezar inúmeras vezes a oração do Pai Nosso, que acontecia porque alguns cristãos que não sabiam ler os salmos eram orientados a rezar vários "Pai-nossos", aliado com o exercício de saudação da Virgem Maria através da oração "Ave Maria" é que deu origem ao Rosário da Virgem Santíssima, rezado fervorosamente por cristãos da Igreja Católica.

SAIR DO PAPEL

A expressão refere-se a realizar ou estar próximo de obter algo que tem em mente, em planejamento: Quando eu mesmo já estava achando que os planos da tal Companhia nunca iam sair do papel, chegou aquele velhinho simpático e muito educado, Dr. Marcondes, chegou com o filho num Chevrolet azul novinho e foi um sucesso porque antes a gente aqui só conhecia carro preto. (VEIGA, 2001 [1972], p.16). Logo no início da construção da fábrica, muitos executivos frequentavam a cidade, mas em pouco contribuíram para a Companhia. Até a chegada de Dr. Marcondes e seu filho.

SEGURAR O RISO

A expressão significa interromper, sustar, controlar o riso. Um meio que encontramos para segurar o riso foi levar sempre uma pelota de pano ou algodão no bolso, quando víamos um fiscal perseguindo um urubu metíamos depressa a rolha na boca. (VEIGA, 2001 [1972], p.51). Uma das regras que a Companhia implementou era de que não era permitido rir dos fiscais. Assim, a população teve que conter-se quando os funcionários tentavam espantar os urubus da cidade.

SEM MAIS OU MENOS

Houaiss (2020) registra a forma "sem mais nem menos" com acepção: sem faltar nem sobrar, no justo grau; exatamente e, além disso, "sem mais aquela ou sem mais nem menos" com o sentido de sem razão justificada; sem motivo sem mais preâmbulos; de repente,

inopinadamente: Um dia, quando acabamos de tomar café, tia Dulce me pegou pela mão e disse sem mais nem menos: — Vem ver seu tio. — Agora? — Agora. (VEIGA, 2001 [1972], p.92). Depois da saída repentina de Baltazar, Lucas passou muito tempo sem vê-lo. Quando a oportunidade chegou, o menino foi passar férias na casa do tio, mas este estava muito doente e estão só pode vê-lo poucas vezes.

SEMANA SANTA

Segundo o dicionário Houaiss (2020), é a última semana da Quaresma, do domingo de ramos ao domingo de Páscoa. “Eu já tinha visto pessoas sem perna, sem braço, sem mão, até um homem sem nariz eu de joelhos ao meu lado na igreja na Semana Santa: mas não eram meus tios.” (VEIGA,2001, [1972] p. 9). A expressão foi utilizada por Lucas diante da decepção de ver o tio Baltazar, antes tão admirado, sem o braço esquerdo. Ao refletir sobre isso, ele percebeu que já havia visto várias pessoas com os mesmos problemas, até um homem sem o nariz que lhe chamou a atenção na igreja durante um período muito festejado pela igreja Católica que é a Semana Santa, mas nenhuma dessas pessoas era de sua família. Durante esse período a Igreja Católica vive um momento de muito fervor na fé, celebra-se nesses dias a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Considerada uma das mais importantes datas do calendário cristão, cada dia que compõem a semana tem um nome e faz referência a algum acontecimento: O domingo de ramos refere-se à entrada de Jesus, na cidade de Jerusalém, segunda-feira santa foi o dia em que Maria ungiu Cristo; terça-feira santa foi o dia em que a figueira foi amaldiçoada; quarta-feira santa é conhecida como o dia das trevas; quinta-feira santa foi à última ceia de Jesus com seus apóstolos; sexta-feira santa foi o dia do sofrimento, sábado de aleluia é um dia de oração e do jejum onde os cristãos choram pela morte de Jesus e finalmente o domingo de páscoa, o dia em que Cristo ressuscitou. Segundo o site Brasil Escola, a Semana Santa é uma das conclusões do Concílio de Niceia, que ocorreu em 325 d.C, presidido pelo Imperador Constantino e organizado pelo Papa Silvestre I, na

ocasião foi fabricada e consolidada a doutrina da Igreja Católica, com a escolha dos livros sagrados e as datas religiosas. Esse cultuema tem apenas 1 ocorrência na obra.

SER A CARA DE

A expressão quer dizer ter características que remetem a algo ou alguém. Refere-se a aspectos peculiares (no caso de remissão a um objeto ou coisa) ou à hereditariedade (no caso de remissão à pessoa): Finalmente chegou o estudioso — disse tio Baltazar descansando o charuto no cinzeiro. — Venha aqui para eu ver você de perto. Mas é a cara do avô, hein, Vi? Nunca vi parecer tanto. (VEIGA, 2001 [1972], p.11). A fala pertence a Baltazar e é dirigida a Lucas. O homem acabou de chegar de viagem e ansiava para ver o sobrinho: parecer muito com.

SER ACOSTUMADO COM O BOM E O MELHOR

Houaiss (2020) registra a locução, na sua forma canônica, “do bom e do melhor” com a acepção de “do que é da mais alta qualidade ou categoria”: “Então começou aquela romaria de gente de fora, uns homens muito prosas no vestir e no falar. Eles se hospedavam no Hotel Síria e Líbano por conta de tio Baltazar, tratavam a gente como se fossem índios ou matutos (meu pai vivia encrespando com eles por causa disso) e reclamavam dos quartos, da comida, da poeira, como se fossem reis acostumados com o bom e o melhor. (VEIGA, 2001 [1972], p.16). O trecho acima refere-se a o momento de construção da Companhia. Os “homens muito prosas no vestir e no falar” são os empresários que visitavam Baltazar e Horácio para contribuir para os planos da empresa. No âmbito da Literatura Brasileira, Júlia Lopes de Almeida, em *A Instrusa* (1908), usa esta expressão no seguinte contexto: “Sim, mas poupa-se de um lado para se gastar do outro; afinal, para o patrão as 116iabolôs talvez sejam maiores... D. Alice tem uma récuca de parentes pobres... Para a gente às vezes o pão não chega, entretanto não bate bi – cho-careta na porta que ella não dê do bom e do melhor do armário. Até vinho. ” (ALMEIDA, 1908, p.90). Há apenas um registro na obra.

SER DE CORTAR O CORAÇÃO

Atribui-se a essa expressão o sentido de emocionar ou comover intensamente, causando grande dor moral, tristeza, aflição ou dó extremos. Nessa expressão, o “coração” é entendido como o símbolo do amor, onde ficam os sentimentos. Foi um susto para mim ver as paredes de fora recebendo aquela tinta avermelhada horrível e a grama do jardim maltratada do transitar de trabalhadores e do manejo de material, um estrago de cortar o coração. (VEIGA, 2001 [1972], p. 30) Baltazar e Dulce mudaram-se misteriosamente da casa onde moravam em Taitara sem despedidas. Tempos depois o lugar foi vendido e transformado em hotel. A expressão tem apenas uma ocorrência na obra.

SER DE FIBRA

A expressão aparece em Infopédia na palavra “fibra”. No site é registrado “ter fibra” com o sentido de “ser competente ou talentoso, ter personalidade”. Mamãe ficou feliz com a amizade, elogiava tio Baltazar sem constrangimento, meu pai apoiava e completava, um dia ele disse na minha frente que tio Baltazar era homem de muita fibra e muita visão, esquecido de quando torcia o nariz a tudo quanto mamãe dizia. (VEIGA, 2001 [1972], p.14) O trecho acima refere-se ao período em que Baltazar e Horácio passaram a se entenderem melhor, de modo que planejavam a construção da Companhia juntos. A expressão em questão aparece duas vezes na obra.

SER MAIS REALISTA DO QUE O REI

Esta expressão portuguesa remonta ao tempo da realeza onde o soberano, detentor do trono tinha poderes para julgar e decidir sobre as várias questões que lhe eram submetidas. Mais modernamente, passou a significar aquelas pessoas, que colocadas diante de um impasse, procuram cercar suas decisões ou uma simples tomada de posição, de tais provas, ou garantias, que ficam mais realistas que o próprio rei. É provar ainda mais o que já está provado. No caso de Lucas, ele a utilizou para dizer que não era preciso saber mais que o

próprio especialista, no caso, o tio Baltazar Também, se tio Baltazar sabia de tudo, como disse tia Dulce, ele devia saber de tudo que meu pai estava sabendo. Então para que eu me preocupar à toa, ser mais realista do que o rei? (VEIGA, 2001 [1972], p.25). A expressão aparece na história no momento em Lucas consente que o tio deveria, assim como o pai, estar ciente de tudo o que acontecia na Companhia, e que por isso não havia motivos para preocupações. A expressão tem apenas uma ocorrência na obra.

SER MUITO DADA

A expressão idiomática é utilizada para definir um padrão de comportamento, visto como simpatia exagerada por algo. Por vezes é também usada para designar uma pessoa oferecida: Nas primeiras vezes eu tive de ir junto porque tia Dulce era muito dada comigo e a minha presença facilitava a aproximação. (VEIGA, 2001 [1972], p.25). Na obra, a expressão foi utilizada por Lucas ao dizer que a tia Dulce, esposa de seu tio Baltazar, demonstrava ter mais afinidade com ele e ter um carinho às vezes exagerado. A ocorrência apareceu em um momento em que a mãe de Lucas passou a visitar Dulce com mais frequência a fim de alertá-la sobre o que vinha acontecendo na Companhia, como as duas não se davam muito bem, a ida de Lucas junto com a mãe tornava mais fácil a aproximação. A expressão aparece uma vez ao longo da obra.

SER MUITO PROSA

Em Houaiss (2020) há a acepção correspondente à classificação “adjetivo de dois gêneros e substantivos de dois gêneros” associada a palavra “prosa”: “que ou aquele que se gaba ou aparenta gabar-se de merecimentos próprios ou dotes pessoais”. Então começou aquela romaria de gente de fora, uns homens muito prosas no vestir e no falar. (VEIGA, 2001 [1972], p.16). O trecho acima refere-se a o momento de construção da Companhia. Os “homens muito prosas no vestir e no falar” são os empresários que visitavam Baltazar e Horácio para contribuir para os planos da empresa.

SER UM DEUS-NOS-ACUDA

A expressão tem sentido de grande movimento; tumulto, balbúrdia, confusão. Com o fraseologismo o falante pretende indicar que alguma situação é caótica ou perturbadora. Apesar de apresentar uma deidade (divindade) em sua composição, a unidade foge ao campo do sagrado ao considerarmos os aspectos mais pragmáticos. Portanto, fraseologismos como esses figuram no campo do profano. Hoje ninguém estranha, todo mundo está voando apesar da proibição, só não voa quem não quer ou não pode ou tem medo. Mas naqueles primeiros dias foi um deus-nos-acuda, parecia o fim do mundo. (VEIGA, 2001 [1972], p.137). Em meio a tantas proibições, a população de Taitara tinha encontrado algo que a Companhia não podia impedir, por mais que tenham tentado: eles agora poderiam voar.

SER UM DEUS-NOS-ACUDA

Expressão usada em situações difíceis, servem para demonstrar um certo temor sobre o que pode acontecer." "Hoje ninguém estranha, todo mundo está voando apesar da proibição, só não voa quem não quer ou não pode ou tem medo. Mas naqueles primeiros dias foi um deus-nos-acuda, parecia o fim do mundo". (VEIGA,2001, [1972] p.137) O aparecimento de homens voando no céu foi, no início, um grande espanto para todos os moradores, todos achavam que aquilo era um anúncio do fim do mundo. Mas com o passar do tempo, eles foram se acostumando até que aquilo se tornou algo habitual. A expressão foi escrita na obra como composto, mas na verdade Deus nos acuda é escrito sem o hífen. Em Portugal a expressão completa "Ser um deus nos acuda" designa um dia ou de uma situação muito difícil de resolver. Em situações muito complicadas e que parecem impossíveis costumamos pedir ajuda a Deus, pois ele é o único capaz de realizar milagres, isso pode ser um dos motivos que levaram a origem da expressão em estudo.

SÓ FALTAR SE MIJAR

O sentido popular e idiomático desse fraseologismo é "sentir medo", amedrontar-se. — Sou obrigado não, Lu. Essa farda eu mesmo

inventei. Impõe mais respeito. — Girou para mostrar a farda. — Bonita, não é? Você precisa ver como a cambada me trata. Só faltam se mijar. Um dia vamos dar uma volta juntos para você ver. (VEIGA, 2001 [1972], p.32). A fala pertence a Horácio e responder à pergunta de Lucas, que gostaria de entender o porquê do uso da farda se seu pai era chefe dos demais e apenas ele a usava.

SOLTAR FOGUETES ANTES DA HORA

A expressão é registrada em Priberam com a forma “deitar foguetes antes da festa” que significa “celebrar ou regozijar-se em relação a algo que ainda não aconteceu.”: Ele estava soltando foguetes antes da hora. Enquanto ele trabalhava por um lado, não sabia que alguém atrapalhava pelo outro. O caminhão que trazia as tábuas foi apreendido na entrada da cidade, a carga levada para um depósito da Companhia e meu pai denunciado como contrabandista. (VEIGA, 2001 [1972], p.111). Horácio passou por todo o tipo de dificuldade para inaugurar seu armazém. Primeiro o serviço de terceiros, como marceneiros por exemplo, foi negado pelos trabalhos, magoados pelo comportamento de Horácio quando fiscal. Depois a Companhia solicitou todo o material da cidade, impedindo que ele pudesse comprar. E por fim, ele também não podia trazer de outro lugar sem ser taxado como contrabandista.

SUBIR ALMA AO CÉU

Expressão idiomática usada normalmente para dar a ideia de impossibilidade. “Alma”, que tem sentido de parte imaterial do homem, dotada de existência individual, e que subsiste após a morte do corpo; espírito, e “céu”, local onde habitam Deus, os anjos, os bem-aventurados e as almas dos justos segundo o Cristianismo, dão um aspecto religioso ao fraseologismo: [...] e quando vimos ele estava elogiando tio Baltazar e criticando os novos chefes! Aí mamãe virou os olhos para cima e se benzeu depressa enquanto meu pai estava de costas. De fato, ele elogiar tio Baltazar naquela altura era subir uma alma ao céu. (VEIGA, 2001 [1972], p.45). A relação entre Baltazar e Horácio sempre foi difícil. Porém, os dois começaram a se

dar bem quando o Baltazar lhe defendeu de injustiças em seu antigo emprego. A relação também melhorou com a ideia de construir a Companhia. Vi, esposa de Horácio e irmã de Baltazar, alegrava-se com a amizade entre os dois.

SUBIR UMA ALMA AO CÉU

Expressão idiomática utilizada quando algo de improvável acontece. “De fato, ele elogiar tio Baltazar naquela altura era subir uma alma ao céu.” (VEIGA,2001,[1972] p. 45). Horácio depois de algum tempo na Companhia e depois de muitos acontecimentos passou a falar mal das coisas que aconteciam lá dentro, como as injustiças, as panelinhas e passou a criticar os novos chefes e até a falar bem de Baltazar. A mãe de Lucas ao ouvir aquilo chegou a se benzer porque era muito estranho ver Horácio, que só vivia a falar mal de Baltazar, agora elogiá-lo. Alma, segundo Houaiss (2020) é um conjunto das atividades imanentes à vida (pensamento, afetividade, sensibilidade etc.) entendidas como manifestações de uma substância autônoma ou parcialmente autônoma em relação à materialidade do corpo. Etimologicamente vem do latim, animae ‘sopro, ar; princípio da vida; a alma, p. oposto ao corpo’.

TAPAR O SOL COM PENEIRA

Em Houaiss (2020), atribui-se a acepção “querer esconder algo que já é de conhecimento público”. Faz referência ao objeto que não é suficiente ou apropriado para esconder o que quer que seja. Em Sombras de Reis Barbudos, a expressão é usada de forma irônica, quando o narrador-personagem se refere às proibições da Companhia, as quais se refere como “bobocas”. “Enquanto estivemos entretidos com os urubus outras coisas andaram acontecendo na cidade. A Companhia baixou novas proibições, umas inteiramente bobocas, só pelo prazer de proibir (ninguém podia mais cuspir para cima, nem carregar água em jacá, nem tapar o sol com peneira, como se todo mundo estivesse abusando dessas esquisitices); mas outras bem irritantes, como a de pular muro para cortar caminho, tática que quase todo mundo que não sofria de

reumatismo vinha adotando ultimamente, principalmente os meninos.” (VEIGA, 2001 [1972], p.49). O trecho refere-se ao ápice das atitudes tirânicas da Companhia, que agora inventava regras cada vez mais sem sentido aos habitantes de Taitara.

TER A LÍNGUA GRANDE

Houaiss registra “ter a língua maior que o corpo”, expressão informal que tem o sentido de falar demais, ser indiscreto. Linguarudo: diz-se de ou indivíduo que fala demais; falador, tagarela, indiscreto, maldizente. “Entreí inocente na sala, disse bença pai, ele não respondeu. Me olhou com raiva e atacou: — Tem a língua grande demais, não é? Eu devia cortar um pedaço, seu linguarudo. Sabe o bonito trabalho que você fez? — Não senhor. Eu não fiz nada (VEIGA, 2001 [1972], p.44). O diálogo pertence a Horácio e Lucas. O pai ralha com seu filho por ele ter contado aos seus amigos o segredo que ele havia lhe confiado. O menino nega, mesmo tendo realmente feito de propósito.

TER BOA MÃO

A expressão aparece em Aulete Digital, com o sentido de “ser habilidoso com as mãos, ter jeito para alguma coisa. Mamãe veio saber se estava tudo certo, eles disseram que sim, isto é, que parecia. E um deles teve um gesto incomum em um fiscal, e justamente o que havia repreendido o companheiro minutos antes: felicitou mamãe pelo viço da horta, principalmente os tomateiros, disse que uma horta assim dava gosto ver; e lamentou que a mulher dele não tivesse boa mão para esse trabalho, tudo o que ela plantava ia bem no começo, depois definhava. (VEIGA, 2001 [1972], p.135). Cultivar uma horta foi o jeito que Vi encontrou para sustentar a família na ausência do marido. A Companhia mandava funcionários para tomar nota de tudo que era plantado e se algo não fora declarado. O trecho refere-se ao momento em que os fiscais foram verificar a horta de Vi. A expressão aparece apenas uma vez na obra. Neste exemplo em O cortiço, de Aluísio Azevedo, a expressão aparece, mas ligada à outra atividade, dessa vez, a costura: O vendeiro quis legar, mas o

outro atalhou: — E' um bom partido, é! Excelente menina... tem um gênio de pomba... uma educação de 123iabolôs: até o francez sabe! Toca piano como você tem ouvido... canta o seu bocado... aprendeu desenho... muito boa mão de agulha!... (AZEVEDO, 1890, p. 223)

TER OS DIAS CONTADOS

Houaiss (2020) registra a locução em sua forma canônica “estar com os dias contados” com o sentido de “ter poucos dias de vida ou de duração; estar prestes a morrer ou a acabar; estar por dias; ter os dias contados”. Com certeza a demora era porque os novos chefes estavam futucando lá a ficha dele para ver se rendia algum outro castigo a mais, demissão só podia ser pouco para o cunhado do chefe antigo. Os dias de meu pai estavam contados, só ele não via. (VEIGA, 2001 [1972], p.29). Com a demissão de Baltazar, Lucas imaginou que, por terem alguma ligação, seu pai também seria demitido e até sofresse castigos vindos da Comapanhia.

TER PALAVRA

A expressão pode ser entendida como o mesmo que “de palavra”, ou seja, que cumpre o prometido, honra compromissos. Provavelmente, a forma mais usada é “não ter palavra” com sentido de não cumprir suas promessas, seus engagements, relacionando-se aos contratos em que se bastava o acordo verbal. A única passagem ainda aberta fazia ângulo com um guichê, onde o empregado já meu conhecido, em pé do lado de fora, conversava com alguém lá dentro. — Ele tem palavra. Disse que trazia e trouxe (VEIGA, 2001 [1972], p.83). O diálogo acima pertence a dois funcionários da estação de trem em que Lucas esperava alguém para leva-lo até a casa de Baltazar.

TER PARTE COM O DIABO

A expressão “parte com o diabo” é uma variação fraseológica de “pacto com o diabo”. “Caminhávamos entre muros, ouvindo passos e pedaços de conversas de pessoas que iam adiante e atrás de nós. Um senhor passou perto de mim, dizendo à mulher: — Minha filha,

eu para mim chega. Esse homem tem parte com o diabo. Quero mais nada com ele não.” (VEIGA,2001, [1972] p.64). A expressão “ter parte com o diabo” é empregada na obra por um homem em diálogo com a sua esposa ao falar do mágico Uzk. Lucas, e seus colegas caminhando pelas ruas de Taitara ao voltar do espetáculo do mágico, e encontra pessoas que como este casal, estão espantados com os feitos de Uzk. O substantivo “pacto” vem do latim pactum e significa ‘ajuste, convenção, pacto’, que segundo Houaiss (2020) tem valor de “juste, contrato, convenção entre duas ou mais pessoa”. Diabo, por sua vez vem também vem do latim diabòlus tomado pela língua da Igreja ao grego 124iabolòs ‘o que dá temor, o que desune caluniador’. Ainda em Houaiss (2020), diabo tem acepção de “cada um dos anjos rebeldes e malditos como Satanás” e o mesmo que jurupari tupi yurupa’ri ‘diabo, entre os indígenas’. Conforme a tradicional crença cristã, o referido pacto é entre a pessoa um demônio. É oferecido algo valioso em troca de favores diabólicos. Comumente a expressão é usada para se referir a uma pessoa ou situação provocada por esta pessoa, que vai além do que é considerado comum, pelas pessoas, como é o caso dessa ocorrência na obra.

TER PARTE COM O DIABO

A expressão “ter parte com o diabo” é uma variação fraseológica de “ter pacto com o diabo”. Conforme a tradicional crença cristã, o referido pacto é entre a pessoa um demônio. É oferecido algo valioso em troca de favores diabólicos. Comumente a expressão é usada para se referir a uma pessoa ou situação provocada por esta pessoa, que vai além do que é considerado comum, pelas pessoas, como é o caso dessa ocorrência na obra: Caminhávamos entre muros, ouvindo passos e pedaços de conversas de pessoas que iam adiante e atrás de nós. Um senhor passou perto de mim, dizendo à mulher: — Minha filha, eu para mim chega. Esse homem tem parte com o diabo. Quero mais nada com ele não (VEIGA, 2001 [1972], p.64). A expressão parte com o diabo é empregada na obra por um homem em diálogo com a sua esposa ao falar do mágico Uzk. Lucas, e seus colegas

caminhando pelas ruas de Taitara ao voltar do espetáculo do mágico, e encontra pessoas que como este casal, estão espantados com os feitos de Uzk.

TIRAR A LIMPO

A expressão significa “Esclarecer uma situação, tirar todas as dúvidas com relação a algo; explicar: o próprio ministro quis tirar a limpo as suspeitas que pesam sobre ele.” Ou ainda “Confirmar ou apurar a verdade de algo (por meio de investigação): é preciso fazer uma auditoria no sistema para tirar a limpo algumas suspeitas: “Não me interessei em tirar a limpo porque já estou cansado de ver gente voando” (VEIGA, 2001, p.142). A expressão em estudo aparece na história quando Lucas está na loja de seu Chamun. Após uma conversa com um professor que havia aparecido no estabelecimento e que afirmava que o fato de as pessoas voarem não passava de uma mera alucinação, Lucas tem a impressão de que ao ir embora a sombra do professor se elevava no espaço. A reação do menino foi de desinteresse, ele não procurou saber o que tinha acontecido, pois aquilo, para ele, já tinha se tornado habitual.

TIRAR O CAVALINHO DA CHUVA

No site “Ciberdúvidas da Língua Portuguesa” há um interessante tópico sobre a origem dessa expressão que coloca que “No interior, o meio de transporte mais utilizado é o cavalo. Além de não enguiçar nem parar por falta de combustível, o cavalo tem a vantagem de deixar clara a intenção do visitante na chegada. Se ele amarra o bicho à frente da casa, sinal de permanência breve; se ele leva para um lugar protegido da chuva e do sol, pode botar água no feijão, o moço vai demorar. Na primeira hipótese, acontecia às vezes o anfitrião pegar gosto na prosa. Quando a visita ameaçava se levantar para partir, o dono da casa dizia: “Pode tirar o cavalo da chuva”, ou seja, pode levar sua montaria para um local abrigado, que você ainda vai demorar. Depois o sentido da expressão se ampliou para desistir de um propósito qualquer, e para muita gente o cavalo ganhou um diminutivo irônico e virou cavalinho”. A expressão significa desistir

de ideia, projeto ou pretensão, por não haver hipótese de êxito; tirar o cavalinho da chuva (HOUAISS, 2009) [...] aquilo quando secava era mais duro do que cimento, do que pedra, os muros iam durar para sempre, quem estivesse pensando em derrubá-los podia tirar o cavalinho da chuva — pelo menos era o que diziam os fiscais quando viam alguém experimentando a resistência deles com os nós dos dedos. (VEIGA, 2001 [1972], p.103). Com a cidade cercada por muros, os habitantes começaram a ficar entristecidos com o clima que se instaurou. Em um dia de forte chuva, que se sucedeu por vários dias, o desejo que predominava era que a água derretesse os muros. A expressão acima surge para expressar o pessimismo dos moradores de Taitara.

TIRAR O CORPO FORA

Essa expressão é utilizada quando alguém quer livrar-se de ser envolvido em uma situação delicada; eximir-se de uma responsabilidade. Teve origem no futebol sendo usada quando um jogador se esquivava de um lance perigoso, ou seja, ele tira o corpo da jogada: Depois perguntava por meu pai, minha mãe, mandava recado para eles aparecerem, e quando chegávamos ao destino ele mandava o chofer me levar de volta, no princípio eu gostava porque fazia inveja a meus colegas, depois fui tirando o corpo fora porque a inveja estava passando da conta. (VEIGA, 2001 [1972], p.21). A expressão aparece no momento em que Lucas, acostumado a andar de carro com o chofer do tio, fala que deixará de realizar tal ação, pois aquilo estava trazendo algo negativo para sua vida, a inveja.

TOMAR O PIÃO NA UNHA

Também conhecida como “apanhar o pião à unha”, essa expressão, de acordo com o dicionário online Michaelis (2018), significa “saber lidar com situações muito delicadas, que exigem determinação”. A expressão também aparece em Aulete Digital com a acepção “enfrentar resolutamente e energeticamente situação difícil ou perigosa”. “Já meu pai, sempre às voltas com probleminhas miúdos, era mais desconfiado, mais pronto a tomar o pião na unha.” (VEIGA,

2001, p.22). No livro, o culturema foi usado para dizer que Horácio, o pai de Lucas, mesmo diante da trégua entre ele e o Baltazar, não perderia a oportunidade de voltar a criticá-lo.

UM PÉ LÁ E OUTRO CÁ

Houaiss (2020) registra “um pé lá, outro cá” com o sentido de “o mais rapidamente possível”. As ruas foram ficando desertas porque com tanto perigo de sentinela lá fora quem é que ia ter coragem de sair? Só em último caso, e assim mesmo com um pé lá e outro cá, como quem vai buscar fogo, nada de parar pelo caminho farejando o que não guardou. (VEIGA, 2001 [1972], p.70). A chegada do mágico Uzk serviu como um momento de alívio para os habitantes de Taitara. Entretanto, quando o espetáculo acabou, como castigo a Companhia impôs rigorosas regras — o que fez com que as pessoas evitassem até mesmo sair de casa.

URUBU DE VIGÍLIA, LUTO NA FAMÍLIA, URUBU NO TELHADO, CHORO DOBRADO

A expressão refere-se a um ditado popular de cunho supersticioso. Popularmente, os urubus são conhecidos por serem anunciadores da morte. As cores das penas, geralmente muito pretas, carregam a ideia de luto e seus hábitos alimentares provocam a associação com a morte. Tal ligação causou a superstição relacionada a maus presságios. Urubu de vigília, luto na família; urubu no telhado, choro dobrado — diziam com a careta correspondente os que se guiavam por ditados. (VEIGA, 2001 [1972], p.38). O trecho acima foi retirado do capítulo “Cruzes horizontais”, que aborda a chegada dos urubus à cidade. Nesse momento o narrador Lucas estipula o que esse acontecimento pode trazer aos moradores, trazendo ao seu discurso as crenças culturais ligadas a estes animais, que causam o estranhamento e, principalmente, medo aos habitantes de Taitara.

VALER A PENA

Tem-se em Houaiss (2020) a acepção “merecer o esforço, a preocupação; ser vantajoso, útil; compensar”. “Pena”, nesse caso,

tem sentido de trabalho, sofrimento, sacrifício, castigo. Um relógio bateu meia hora mas não fiquei sabendo quantas, para olhar eu precisava sair do esconderijo, achei que não valia a pena me expor. Fiz os cálculos, deduzi que seriam dez e meia ou onze e meia. A essa hora mamãe devia estar deitada, e com toda certeza pensando em mim. Se ela soubesse o que estava acontecendo comigo e com tio Baltazar não ia dormir um instante. (VEIGA, 2001 [1972], p.) O trecho acima refere-se a visita de Lucas à nova casa de Baltazar. Embora tendo avisado anteriormente da sua chegada, o menino foi esquecido na estação de trem e, ao chegar na casa dos tios, percebeu que algo de estranho estava acontecendo e optou por se esconder. A expressão aparece outras três vezes ao longo da obra.

VIRAR FUMAÇA

Expressão popular que significa sumir, desaparecer. Usa-se “Virou fumaça” ou variações como “virar sorvete” quando, de uma maneira repentina, algo some. Mas o que me decepcionou mesmo, até me assustou, foi a falta de um braço. Onde estava o braço esquerdo que descansava na porta do carro na fotografia famosa? Vendo-o sair do carro ajudado pelo chofer, a manga vazia do paletó metida no bolso, a bela imagem de um tio campeão em muitos esportes virou fumaça ali mesmo. (VEIGA, 2001 [1972], p.9). A expressão aparece apenas uma vez na história, é e utilizada por Lucas quando o tão falado Tio Baltazar aparece em sua casa. O menino, ao vê-lo sem o braço esquerdo, afirma que a admiração que sentia por ele havia desaparecido.

VIRAR O MUNDO DO AVESSO

Houaiss (2020) apenas registra “virar pelo avesso” com as acepções de sentido figurado “analisar, estudar (caso, assunto) exaustivamente; fazer intensa busca em (apartamento, móvel etc.), para encontrar algo que se perdeu”. “Virar o mundo do avesso” seria o mesmo que dizer “vir o mundo abaixo” ou seja, “sobrevir grande perturbação ou estrago, em consequência de um fenômeno da natureza intenso”. A ideia de ter o mundo “ao avesso” indica que a

inversão dos lados causa a noção do estado inesperado das coisas. Naquela noite, e nas outras, o Grande Uzk fez o que quis, virou o mundo pelo avesso na nossa frente, desmanchou-o e montou de novo de maneira diferente, nós vendo tudo e não acreditando, ainda hoje não acredito. (VEIGA, 2001 [1972], p.62) O trecho mostra a percepção de Lucas quanto ao show do mágico. A chegada de Grande Uzk na cidade foi como um momento de fuga de toda realidade triste.

VIRAR UM PARAÍSO

A expressão possui conotação religiosa pois refere-se ao paraíso como consta as acepções em Houaiss (2020) lugar em que reina a felicidade; céu, qualquer lugar agradável e prazeroso; éden: Pessoas que não conhecíamos paravam tio Baltazar na rua para agradecer, elogiar ou simplesmente cumprimentar, ser visto conversando com ele era demonstração de prestígio. O que mais ouvíamos naquele tempo era que se esta cidade tivesse mais duas ou três pessoas como ele isso aqui virava um paraíso em pouco tempo. (VEIGA, 2001 [1972], p.117). O trecho fala sobre Baltazar e seu prestígio com os moradores de Taitara devido à criação da Companhia. Ele era adorado e exalto pela população em razão da boa administração.

VIRAR UM PARAÍSO

Eis o contexto de uso: “Pessoas que não conhecíamos paravam tio Baltazar na rua para agradecer, elogiar ou simplesmente cumprimentar, ser visto conversando com ele era demonstração de prestígio. O que mais ouvíamos naquele tempo era que se esta cidade tivesse mais duas ou três pessoas como ele isso aqui virava um paraíso.” (VEIGA,2001, [1972] p.) Baltazar depois de fundar a Companhia tornou-se muito querido e admirado por todos da cidade, tido com um homem de bem e de prestígio, as pessoas costumavam dizer que se existissem mais pessoas como ele, aquela cidade se tornaria um lugar ideal para se viver. O paraíso é usado para se referir ao primeiro lar da humanidade: um jardim chamado de Éden (Gênesis 2:7-15), onde moravam Eva e Adão. Esse lugar era

considerado ideal, onde as pessoas viveriam felizes em contato com a natureza. Lá não haveria doenças, dor ou sofrimento. Segundo os princípios de algumas religiões as pessoas que viverem em santidade, obedecendo e temendo a Deus, sendo seres humanos caridosos e cultivadores da paz e do amor, herdarão ao final de seus dias o Paraíso. A expressão foi utilizada no sentido de que com a presença de pessoas boas como Baltazar, Taitara se tornaria o lugar ideal para se viver.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Alfarrabios: crônicas dos tempos coloniaes**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1873. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4636> Acesso em 20 fev. 2018.
- ALENCAR, José de. **O gaúcho: romance brasileiro (Volume 1)**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1870. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4653> Acesso em 20 fev. 2018.
- AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6845> Acessos em 14/02/2018.
- ASAD, Talal. **A construção da religião como uma categoria antropológica**. São Paulo, n.19, p.263-284, 2010. Disponível em https://www.ufrgs.br/ppgas/portal/arquivos/orientacoes/ASAD-_Talel_2010.pdf Acesso em 24 fev. 2018
- ASSIS, L. Ferraz. **A poética de J. J. Veiga em sombras de reis barbudos**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras. Goiânia: 2008. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2229> Acesso em 22 fev. 2018.
- ASSIS, L. Ferraz. **O insólito em José J. Veiga: estilo concebido como desvio**. Revista Travessias. Ed XI. v5, n1. Paraná: UNIOESTE, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5052/3895>> Acesso em 20 fev. 2018.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1899. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4828> Acessos em 14/02/2018.
- ASSIS, Machado de. **Memórias posthumas de Braz Cubas**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4826> Acessos em 14/02/2018.
- ASSIS, Machado de. **Papeis avulsos**. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4774> Acesso em 11 fev. 2018.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Livreiro-Editor, 1891. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5251> Acessos em 14/02/2018.

AULETE digital. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Baseado em Aulete Digital, Francisco J.; Valente, Antonio Lopes dos Santos. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Aulete Digital. Edição brasileira original: Hamílcar de Garcia. Desenvolvido por Lexikon Editora Digital LTDA. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/> Acesso em: 19/02/2018

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier. 1890. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4817> Acessos em 14/02/2018.

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. Maranhão: Typ. do Paiz, 1881. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4812>. Acessos em 14/02/2018.

CAMILO, G.B. **A representação alegórica da ditadura militar no romance Sombras de reis barbudos, de José J. Veiga, e na peça A empresa, de Hilda Hilst**. Monografia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba: 2014. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3310/1/CT_LB_HN_IX_2013_09.pdf Acessos em 12/02/2018

CARMO, Luciana Massai do. **A presença de nomes de animais nos fraseologismos: interface português-espanhol-italiano**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/RMSA-ALTK3B> Acesso em 19/02/2018

CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

FULGÊNCIO, Lúcia. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, 2008. Disponível em:

http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_FulgencioLM_1.pdf Acesso em 14/02/2018

GIRACCA, Mirella Nunes. **Os culturemas presentes nos folhetos turísticos da região sul do Brasil: as técnicas utilizadas pelos tradutores**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107198> Acesso em 04/02/2018.

GOMES, G. M. **As sombras dos reis barbudos: a representação alegórica da realidade**. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Dossiê: a literatura em tempos de repressão. PPG-LET-UFRGS – vol.1. N.01. Porto Alegre: 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27422/000762806.pdf?sequence=1> Acesso em 22 fev. 2018

GONZÁLEZ AGUIAR, María Isabel. **Fraseología y lexicografía: análisis y propuestas**. Revista de Lexicografía, 2002-2003, 9: 29-55. ISSN: 1134-4539. Disponível: <http://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/5466> Acesso em 18/02/2018.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020. Disponível em <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v5-2/html/index.php> [atualizado em 2020]

IGAREDA, Paula. Categorización temática del análisis cultural: una propuesta para la traducción. In **Ikala, revista de lenguaje y cultura**, Vol. 16, no. 27 (enero – abril de 2011). Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/ikala/v16n27/v16n27a2.pdf> Acesso em 02 fev. 2018.

KROIN, Vanderlei. **Repressão e ditadura na obra Sombra de reis barbudos de José j. Veiga**. Revista de Estudos Literários da UEMS (REVELL) – v3, nº14. Mato Grosso do Sul, 2016. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5915347.pdf> Acesso em 22 fev. 2018

LUQUE NADAL, L. Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales?, **Language Design**, 11, 2009: p.93-120.

Disponível em: http://elies.rediris.es/Language_Design/LD11/LD11-05-Lucia.pdf Acesso: 05/02/2018

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A carteira de meu tio (Segundo folheto)**. Rio de Janeiro: Em casa dos Editores Eduardo & Henrique Laemmert, 1867. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3961> Acesso em 11 fev. 2018

MALHO, Elise Jorge. **Entrar de cabeça - Sauter à pieds joints: análise contrastiva de somatismo em português e em francês**. Dissertação de mestrado em Linguística e Ensino (Linguística Aplicada), apresentada à Fac. de Letras da Univ. de Coimbra Coimbra, 2009. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/13259> Acesso em 19/02/18

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de Corpus de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro (2016-2017)** - Estágio Pós-Doutoral em Língua e Cultura no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, UFBA, 2017.

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português Brasileiro**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8233> Acessos em 19/02/18

MATTIOLI, Virginia. **Identificación y clasificación de culturemas y procedimientos traductores en el archivo de textos literarios lit_enit_es: un estudio de corpus**. Mestrado em investigación en traducción e interpretación. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I de Castelló, Traducción y Comunicación Department, 2014. Disponível em: <http://repositori.uji.es/xmlui/handle/10234/112279> Acesso em: 05/02/2018

MELLADO BLANCO, Carmen. **Fraseologismos somáticos del alemán**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2004.

MELLADO BLANCO, Carmen. La biblia como fuente de idiomatismo em alemán y español. In LUQUE DURÁN, Juan de Dios e PAMIES BERTRÁN, Antonio (Orgs.). **Interculturalidad y lenguaje I: el significado como corolário cultural**. Granada: Granada Lingvistica, 2007. p. 99-108. Disponível em: <http://www.academia.edu/10259244/La_Biblia_como_fuente_de_idiomatismo._Pretextos_y_contextos_en_alem%C3%A1n_y_espa%C3%B1ol>. Acesso em: 27 jan. 2018.

MELO. V. R. da S. As personagens em Sombras de reis barbudos, de José J. Veiga: uma perspectiva alegórica. **Interdisciplinar**. Ano VIII, v.19, nº 02, jul./dez. 2013. Itabaiana/SE. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1643/1470> Acesso em: 31/01/2018

MOLINA MARTÍNEZ, Lucía. **Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español**. 2001. 238 f. Tese (Doutorado) - Universitat Autònoma de Barcelona - Departament de Traducció i d'Interpretació. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001 Disponível em: <http://www.tdx.cat/handle/10803/5263> Acesso em 04/02/2018.

MONTEIRO, D. M. **A representação alegórica na obra de J. J. Veiga**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande Sul. Porto Alegre: 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56156/000859945.pdf?se%20uence=1> Acesso em 12/02/2018

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Fraseologia: uma mão na roda na construção de sentido. **Synergies Tunisie** nº 3 - 2011 p. 161-168. Disponível em <https://gerflint.fr/Base/Tunisie3/monteiro-plantin.pdf> Acesso em 13/02/2018.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire. Selma. ReVEL na Escola: Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe? **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/7e02a7f4cb22a2e4935d77ae89882e69.pdf> Acessos em 18/02/2018

OYARZABAL, M. V. **O carnaval e suas traduções: os desafios da resignificação dos culturemas**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/107568> Acesso em 05/02/2018

PAMIES BERTRÁN, A. **Productividad fraseológica y competencia metafórica (inter)cultural**, *Paremia* 17: 41-57, 2008. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/017/004_pamies.pdf Acesso em 13 fev. 2018

PEDRO, Magali de Lourdes. **As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios**. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Linguística Aplicada. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Universidade de Brasília. Brasília, 2007 Disponível em: http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/2834/1/2007_MagalideLourdesPedro.PDF Acessos em 18/02/2018.

PEREIRA E SILVA, Douglas. Religião e literatura: Possíveis aproximações. In: V CONGRESSO DA ANPTECRE “RELIGIÃO, DIREITOS HUMANOS E LAICIDADE”, 05. ,2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2015, p. 1-8. Disponível em <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/5anptecre?dd99=pdf&dd1=15620> . Acesso em: 27 jan. 2018.

PONTES, G. S. **A expressão literária de J. J. Veiga em Sombras de reis barbudos: liberdade fantástica em tempos de ditadura**. Monografia. Universidade de Brasília. Brasília: 2016. Disponível: http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/14802/1/2016_GisellySoaresPontes_tcc.pdf. Acesso em 22 fev. 2018

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/> Acessos em 23-02-2018.

PULCINA, Adriana Miranda. **A mensagem dos três reis magos**. Portal da Federação Espírita do Estado de São Paulo. 2016. Disponível em <http://feesp.com.br/a-mensagem-dos-tres-reis-magos/> Acesso em 10 de março de 2018.

RIOS, Tatiana Helena Carvalho. As expressões idiomáticas no ensino de espanhol como língua estrangeira. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.12, n.2, p.393-418, jul/dez. 2009. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/81> Acessos em 18/02/2018.

RODRIGUES, Sérgio. A palavra 'bença' está certa. **Revista Veja**. Publicada em 13 de abr 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavra/a-palavra-benca-esta-certa/> Acesso em 02 jan. 2018.

SANTOS, D; HAAG, S. P. **Sombras de reis barbudos, de J. J. Veiga: um romance maravilhoso e alegórico**. Akrópolis, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 59-68, jan./jun. 2014. Disponível em < <http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/5568/3155> > . Acesso em 20 fev. 2018

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. Disponível em: http://www.kbook.com.br/livraria/wp-content/files_mf/memorialdoconvento.pdf Acesso em 02 jan. 2018

SILVA, José Pereira da. A Fraseologia na Neologia, na Semântica e na Lexicografia. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVIII, nº 02 – Lexicografia, Lexicologia. 2014. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/02/002.pdf Acessos em 18/02/2018.

SIMÕES. D. M. Pinto; ASSIS, L. Ferraz. **A coerência em perspectiva semiótica no realismo maravilhoso de Sombras de reis barbudos, de José J. Veiga**. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg21_artigo_6.pdf. Acesso em 22 fev. 2018.

VEIGA, José J. **Sombras de reis barbudos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

ZULUAGA, Alberto. La fijación fraseológica. In **Thesaurus**, BICC (Boletín del Instituto Caro Y Cuervo) XXX núm. 1, 1975. p 225-248. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/30/TH_30_002_017_0.pdf Acessos em 19/02/18.

ANEXO - Categorias para análise dos referentes culturais na tradução de textos literários. (IGAREDA, 2011) (adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária)

CATEGORIAS PARA A ANÁLISE DOS CULTUREMAS EM TEXTOS LITERÁRIOS, SEGUNDO IGAREDA (2011)		
CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA	CATEGORIZAÇÃO POR ÁREAS	SUBCATEGORIAS
1. ECOLOGIA	1. Geografia / topografia	1.1.1 Montanhas, rios, mares.
	2. Meteorologia	1.2.1. Tempo, clima, temperatura, calor, luz.
	3. Biologia	1.3.1. Flora, fauna (domesticada, selvagem), relação com animais (tratamento, nomes).
	4. Ser humano	1.4.1. Descrições físicas, partes / ações do corpo.
2. HISTÓRIA	1. Edifícios históricos	2.1.1. Monumentos, castelos, pontes, ruínas.
	2. Acontecimentos	2.2.1. Revoluções, datas, guerras.
	3. Personalidades	2.3.1. Autores, políticos, reis / rainhas (reais ou fictícios)

	4. Conflitos históricos	2.4.1. Referências sobre rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros conflitos que, ao longo do período colonial, imperial e republicano da história brasileira, relacionados à construção do Estado e da sociedade brasileira.
	5. Mitos, lendas, lendagens, heróis	2.5.1 Relatos simbólicos, passados de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, instituição, costume social ou representações de fatos e/ou personagens históricos, amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas.
	6. Perspectiva euro-centrista da história universal (ou outro)	2.6.1. Histórias de países latino-americanos, os nativos, os colonizadores e seus descendentes.
	7. História da religião	2.7.1 Referência ao conjunto de práticas e de crenças, de ritos e de mitos
3. ESTRUTURA SOCIAL	1. Trabalho	3.1.1. Comércio, indústria, estrutura de trabalhos, empresas, cargos.
	2. Organização social	3.2.1 Estrutura, estilos interativos etc.
	3. Política	3.3.1.Órgãos do Estado, organizações, sistema partidário, eleitoral, ideologia e atitudes, sistema político e legal.

	4. Família	3.4.1. Referência a agrupamentos humanos formados por indivíduos com ancestrais em comum e/ou ligados por laços afetivos e que, geralmente, vivem numa mesma casa.
	5. Amizades	3.5.1. Relacionamento social (compadrio, coleguismo, camaradagem etc.)
	6. Modelos sociais e figuras respeitadas	3.6.1. Profissões, ofícios, ocupações, atitudes, comportamentos, personalidades etc.
	7. Religiões “oficiais” ou preponderantes	3.7.1. Referência aos sistemas diversos de doutrinas, crenças e práticas rituais próprias de um grupo social, estabelecido segundo uma determinada concepção de divindade e da sua relação com o homem.
4. INSTITUIÇÕES CULTURAIS	1. Belas artes	4.1.1. Referência a aspectos relacionados à arquitetura, à pintura, às artes plásticas, à escultura, música, dança.
	2. Arte	4.2.1 Teatro, cinema, literatura,
	3. Cultura religiosa, crenças, tabus etc.	4.3.1 Edifícios religiosos, ritos, festas, orações, expressões, deuses e mitologia; crenças (populares) e pensamentos etc.

	4. Educação	4.4.1.Referência aos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino
	5. Meios de comunicação	4.5.1. Televisão, imprensa, internet, artes gráficas
5. UNIVERSO SOCIAL	1. Condições e hábitos sociais	5.1.1 Grupos, relações familiares e papéis, sistema de parentesco (relação de pessoas, quer por vínculo de sangue (consanguinidade), quer pelo casamento (afinidade), tratamento entre pessoas, cortesia, valores morais, valores estéticos, símbolos de status, rituais e protocolos, tarefas domésticas
	2. Geografia cultural	5.2.1.Populações, estados, municípios, distritos, localidades, estrutura viária, ruas, países, toponímia
	3. Transporte	5.3.1. Veículos, meios de transporte
	4. Edifícios	5.4.1Arquitetura, tipos de edifícios, partes da casa
	5. Nomes próprios	5.5.1 Pseudônimos, nomes de batismos, alcunhas,
	6. Linguagem coloquial, variantes diastráticas, idioletos, insultos	5.6.1. Gírias, coloquialismos, empréstimos linguísticos, palavrões, blasfêmias, tabuísmos, nomes com significado adicional

	7. Expressões	5.7.1. De felicidade, aborrecimento, pesar, surpresa, perdão, amor, agradecimentos, saudações, despedidas
	8. Costumes	5.8.1. Modo de pensar e agir característico de pessoa ou grupo social
	9. Organização do tempo	5.9.1. Época propícia para certos fenômenos ou atividades; estação, sazão, quadra.
6. CULTURA MATERIAL	1. Alimentação	6.1.1 Comida, bebida, chás, ervas (rapé).
	2. Indumentária	6.2.1. Roupa, complementos, joias, adornos
	3. Cosmética	6.3.1. Pinturas (maquiagens), cosméticos (produtos de higiene e/ou beleza, usados especialmente por mulheres), perfumes
	4. Tempo livre ou lazer	6.4.1. Deportes, festas, atividades de tempo livre, jogos, celebrações folclóricas.
	5. Objetos materiais	6.5.1. Mobiliário (móveis destinados ao uso e à decoração de uma habitação, um escritório, um hotel, um hospital etc., objetos em geral
	6. Tecnologia	6.6.1. Motores, computadores, máquinas
	7. Moedas, medidas	6.7.1. Real

	8. Medicina	6.81. Drogas e similares
7. ASPECTOS LINGUÍSTICOS CULTURAIS E HUMOR	1. Tempos verbais, verbos determinados	7.1.1 Marcadores discursivos, regras de fala e rotinas discursivas, formas de fechar/ interromper o diálogo; modalização do enunciado; intensificação; intensificadores; atenuadores; dêixis, interjeições.
	2. Advérbios, nomes, adjetivos, expressões	7.2.1 Referem-se às categorias gramaticais classes de palavras que compõem o léxico de uma língua e que são possíveis núcleos de sintagmas: nomes, verbos, preposições, advérbios.
	3. Elementos culturais muito concretos	7.4.1. Provérbios, expressões fixas, expressões idiomáticas, modismos, clichês, ditos, arcaísmos, símiles, alusões, associações simbólicas, metáforas generalizadas.
	4. Expressões próprias de determinados países (idiomatismos)	
	5. Jogos de palavras, refrães, frases feitas	
	6. Humor	

Fonte: Igareda (2011) com adaptação de Martins (2017)

SUGESTÕES DE LEITURA: indicações de estudos para maior aprofundamento da temática do fantástico e da obra vegueana (na sua maioria, facilmente capturados, em versão eletrônica gratuita, no Google Acadêmico).

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. A literatura fantástica: gênero ou modo? In **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários** Volume 26 (DEZ. 2013) – 1-130.

GÉMES, M. T. Cabacinha de água endurecida ou garrafa de coca-cola? O mundo como mistério em José J. Veiga. **Para mamíferos**, v. 3, p. 78-83, n. 2011.

GÉMES, M. T. **Wenn kleine Welten zerbrechen: Erkenntnis, Perspektive, Macht und Phantastik** in José J. Veigas ciclo sombrio . 1. ed. Hamburg / Alemanha: Dr. Kovac, 2008. v. 1. 1p .395p. (há uma versão em Português com o autor)

GREGORI, Alfons. Las corrientes de investigación en teoría de lo fantástico presentes en el hispanismo: estado de la cuestión. In **Studia Romanica Posnaniensia UAM** vol. 40/2, poznań 2013.

LOMME, Lorenz. **Las referencias culturales en El coronel no tiene quien le escriba de Gabriel García Márquez: un análisis descriptivo de la traducción neerlandesa de Barber van de Pol**. Universiteit Gent Faculteit Letteren & Wijsbegeerte, 2015

LOVECRAFT, H. P. **O Horror Sobrenatural na Literatura**. Rio e Janeiro: editora Francisco Alves, 1999.

LUQUE NADAL, L. **Fundamentos teóricos de los diccionarios lingüístico-culturales**. Granada: Educatori/ Granada Lingvistica, 2010.

MATTIOLI, Virginia. **Identificación y clasificación de culturemas y procedimientos traductores en el archivo de textos literarios lit_enit_es: un estudio de corpus**. Máster en investigación en traducción

e interpretación. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I de Castelló, Traducción y Comunicación Department, 2014.

MOLINA MARTÍNEZ, Lucía. **Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español**. Tese (doutorado) - Universitat Autònoma de Barcelona - Departament de Traducció i d'Interpretació . Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001

MORA CABALLERO, Sara Maria. La traducción de culturemas en las versiones francesa e inglesa de del amor y otros demonios. In **HAL Id : dumas-00754358**, Linguistics, 2012.

MUÑOZ RENGEL, Juan Jacinto. La narrativa fantástica en el siglo XXI. In **Ínsula** nº 765 (2010), pp. 6-10 [Monográfico: «Lo fantástico en España (1980-2010)»]

NORD, Christiane. El análisis contrastivo y cultural en la clase de lengua. In **Quaderns: Revista de traducció**, nº 10, 2003, p. 23-39.

NORD, Christiane. El funcionalismo en la enseñanza de traducción. In **Mutatis Mutandis**, vol. 2, nº 2. 2009. p. 209 – 243

OLVERA VÁZQUEZ, Jorge. Las formas de lo fantástico. In **Fronteras de tinta / Las formas de lo fantástico**, Número 3, Agosto-October 2013

PAOLINI, Claudio. Lo fantástico: reflexiones desde el laberinto sobre algunos trayectos y deslindes teóricos. In **Tenso Diagonal**, nº 01 Abril 2016, p. 9-28.

PAULA JÚNIOR, Francisco Vicente de. A condição da mulher na literatura fantástica. In **Revista Letr@ Viv@** v. 11, n. 1, 2012 / UFPB – DLEM/ISSN 1517-3100 / p. 73 – 81

PAULA JÚNIOR, Francisco Vicente de. A semântica das cores na Literatura Fantástica. In **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 1, v.1, n.1, p. 129-138, ago/dez 2011.

PAULA JÚNIOR, Francisco Vicente de. O fantástico à luz da teoria musical. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, ano 3, n. 1, p. 35-46, jul. 2013.

PAULA JÚNIOR, Francisco Vicente de. **O fantástico feminino nos contos de três escritoras brasileiras**. 2011. 217 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 201.

PROPP, V. I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico. Aproximações teóricas**. São Paulo: UNESP, 2014.

RUIZ PI, Silvia. **Los referentes culturales y su tratamiento en la traducción del manga Los casos de La espada del inmortal, GALS!, Vidas étlicas y Ranma ½**. Máster Oficial Traducción, Interpretación y Estudios Interculturales - Especialidad Traductología y Estudios Interculturales Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, julio de 2013.

SANTAMARIA GUINOT, Laura. **Subtitulació i referents culturals: La traducció com a mitjà d'adquisició de representacions mentals**. Tese (doutorado) - Universitat Autònoma de Barcelona. Departament de Traducció i d'Interpretació. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 2001

SANTIAGO, Juliana Paiva. **O culturema amélia : uma unidade linguística, ideológica e cultural do português brasileiro**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

TRUJILLO-GONZÁLEZ, Verónica C. Una aportación al tratamiento de los elementos culturales: el signo lingüístico cultural. In **Çédille, revista de estudios franceses**, 8 (2012), p.298-311

XATARA, C. M.; SECO, M. Culturemas em contraste: idiomatismos do português brasileiro e europeu. In **Domínios de Linguagem, Uberlândia**, v. 8, n. 1, p. 502-519, jan./jun. 2014

SOBRE OS AUTORES



VICENTE DE PAULA DA SILVA MARTINS

Natural de Iguatu (CE). Nasceu em 1961. Filho de Pedrina Maria da Silva Martins, lavadeira, mãe generosa e visionária, que muito se empenhou na sua formação básica e se engajou diligentemente no seu

ingresso e a permanência no Colégio Militar de Fortaleza (CMF), no período de 1976 a 1982. Não conheceu o pai. Ao deixar o CMF, graduou-se em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1987), fez mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED, 1996) da Universidade Federal do Ceará, com a dissertação **“Constituição e educação: análise evolutiva da educação na organização constitucional do Brasil”**, sob a orientação do Dr. André Haguette (UFC) e doutorado em Linguística (2013) com a tese **“Estratégias de Compreensão de Expressões Idiomáticas por Não Nativos do Português Brasileiro”**, sob a orientação da Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (UFC) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará. Em 1989, participou do processo de elaboração do Capítulo da Educação da Constituição do Estado do Ceará, com a proposição e aprovação de 20 artigos educacionais que hoje figuram na Carta Estadual. Em 1990, também colaborou na elaboração da Lei Orgânica de Fortaleza com a aprovação de, ao menos, 30 artigos na área educacional que hoje fazem parte da Carta Municipal. Desde 1994, em virtude de concurso público, mudou-se com a família para

Sobral (a 220 km de Fortaleza/CE), onde atua como docente de Linguística do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Além de dedicar-se entusiasticamente a pesquisas linguísticas (Psicolinguística, Fraseologia, Etimologia e Descrição do Português), tem se interessado em estudos educacionais (Legislação Educacional, BNCC, Acordo Ortográfico, EJA, Educação Básica, Educação Inclusiva etc) e atuado ativamente nas áreas de Formação de Professores, em nível de pós-graduação, e como docente nos cursos de Especialização em Língua Portuguesa e Psicopedagogia, respectivamente. Durante 10 anos, atuou na área de ensino de Língua Portuguesa e de língua espanhola na educação básica, em Fortaleza. Lotado no Curso de Letras do Centro de Filosofia, Educação e Letras (CENFLE) da UVA, tem, ao longo dos anos, ministrado disciplinas como Fonética e Fonologia do Português, Aquisição da Linguagem e Estilística do Português, áreas em que escreveu muitos artigos científicos e livros. Na pós-graduação stricto sensu, tem participado, como examinador externo, dos Programas de Pós-Graduação em Universidade Federal do Ceará (UFC) e de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenou, na UVA, de 2015 a 2017, o subprojeto de Letras (Língua Portuguesa) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e coordenou de 2018-2020 o Programa de Residência Pedagógica da CAPES/MEC. Possui Estágio Pós-Doutoral em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob a supervisão da Prof.^a Dra. Livia Marcia Tiba Radis Baptista (UFBA) com a pesquisa **“Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de Corpus de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro”** (2016-2017). No momento, cursa seu segundo estágio de pós-doutorado pela UFC (2019-2020), na área de Linguística, com pesquisa sobre **“Os Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção Brasileira”**, sob a supervisão da Prof.^a Dra. Roseimeire Selma Monteiro-Plantan (UFC). Mais recentemente publicou livros nas áreas de educação, linguística, ensino de língua portuguesa e

poesias, todos pela editora Pedro & João Editores (consultar títulos em <http://www.pedroejoaoeditores.com.br/>). Contatos para eventos e palestras em todo o Brasil, presenciais ou virtuais, favor enviar convite ou proposta para **vicente.martins@uol.com.br**

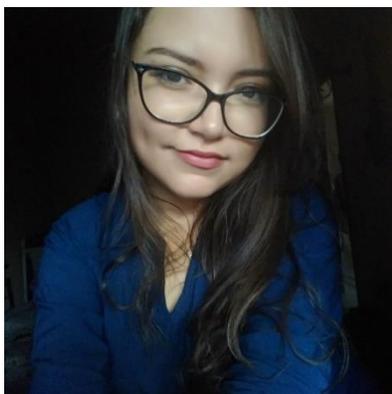


MÁRTON TAMÁS GÊMES

Nascido na cidade mundo São Paulo do encontro improvável – mas justamente por isso possível – de dois húngaros, fugitivos de dois espasmos históricos violentos no velho continente. Criado e formado na Alemanha, ainda ocidental, mas visitando muito a

Hungria atrás da cortina de ferro, sempre se percebia como um nômade entre mundos e culturas. A beleza própria de diferentes culturas e línguas, e sua intraduzibilidade – que contribui para a sua beleza – e seu encanto o seduziram ao estudo da literatura, à utilidade do inútil, como diz Nuccio Ordine. Durante a graduação na Universität zu Köln, na Alemanha, em Letras Português, Inglês e Alemão, já pesquisava sobre José J. Veiga; veio ao Brasil, para compartilhar experiências em língua e literatura. Aterrissou em Sobral – na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – onde, entre voltas e atalhos, até hoje conversa e reflete sobre literatura. Professor de disciplinas de Literatura Portuguesa, Teoria da Literatura e, principalmente, Literatura Inglesa, sempre se via tentando abrir janelas para outros mundos. No entretanto, terminou o doutorado, sobre o fantástico no ciclo sombrio de Veiga,

também na Universität zu Köln, orientado pelo Prof. Dr. Claudius Armbruster. Se a estadia em Sobral se estendeu até hoje – é o lugar onde tem passado mais tempo da sua vida – isso se deve, também, ao encontro, e ao compartilhamento de amores e mundos diferentes com a Prof^a Dr^a Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes, socióloga, intelectual e negra.



GISLAÏNE COSTA CERQUEIRA

Natural de Fortaleza, mas residente há mais de uma década de Frecheirinha, uma pequena cidade no interior do Ceará. Desde muito cedo, apaixonou-se pelas palavras e fez dos livros refúgio em muitos momentos. Em toda a vida escolar, seguiu a cultivar esse amor e, acreditando ainda mais no poder das palavras, escolheu ser professora. Aos 17 anos, chega à Universidade Estadual Vale do Acaraú para cursar Letras-Português, tornando-se uma das primeiras da família a chegar ao ensino superior. Buscando fazer parte da vida acadêmica, foi monitora, bolsista de Iniciação Científica e ainda teve a oportunidade de viajar pela região para apresentar seus estudos. Em 2018, formou-se e, como trabalho de conclusão de curso, teve o prazer de estudar os fraseoculturemas em *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga, época em que conheceu o autor e encantou-se com a sua obra. Atualmente, aos 24 anos, trabalha como revisora de textos acadêmicos, assim como oferece ensino de produção textual para concurseiros e vestibulandos por meio de um serviço de correções de redações online que criou, a Plataforma Lexus. Nos momentos de lazer, dividindo espaços com os livros, estão os instrumentos musicais e a vontade de fazer

música. Além disso, não dispensa os momentos com a família e amigos, os quais tornam a vida muito mais leve.



BIANCA CARVALHO LINO

Natural de Aroeiras, distrito no município de Coreaú (CE). Filha de Maria Carvalho da Ponte e José Ferreira Lino, dois agricultores que mesmo em sua simplicidade e quase nenhum estudo, sempre souberam o poder da educação e por isso foram grandes incentivadores na vida educacional da filha. Ingressou em 2013, na Universidade Estadual Vale do Acaraú cursando Letras/habilitação em Língua Portuguesa, graduando-se em 2018. Durante esse período teve algumas experiências na área educacional. Em 2013 e 2014 participou como monitora de Leitura e Interpretação textual no projeto “Mais educação”, na escola Coração de Jesus, em seu município. Nos dois anos seguintes, ainda na mesma escola, lecionou para a turma do 5º ano, trabalhando com os Descritores da Língua Portuguesa. No ano de 2017, trabalhou na Escola de Ensino Médio Vilebaldo Aguiar, localizada na sede do município de Coreaú, como tutora e corretora de Redação pelos projetos estaduais “Enem – Chego Junto, chego a mil” e “Chego junto, chego bem”. Ainda na Universidade, especificamente no 8º período, cursando a disciplina Estilística do Português, ministrado pelo professor Dr. Vicente de Paula da Silva Martins, se encantou pela mistura entre Língua, Literatura e cultura e pelas obras do autor José J. Veiga, grande escritor brasileiro que trabalha em suas obras o realismo fantástico, fazendo de forma genial e original, críticas sociais e políticas, dentre as preferidas está “Sombras de Reis Barbudos”(2001), obra que embasou seu

trabalho de conclusão de curso intitulado “ Os Hagioculturemas em Sombras de Reis Barbudos de José J. Veiga” tendo como orientador o professor Dr. Vicente de Paula da Silva Martins. Atualmente, trabalha dando aulas particulares de redação para jovens e adolescentes e também aulas de reforço para alunos do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, além disso ela dedica boa parte do seu tempo para cuidar de sua filha de 5 anos, Maria Cecília, o grande amor da sua vida e sua maior inspiração. Seus hobbies são ler, dançar, assistir filmes e curtir sua filha e sua família.

A língua é essencial para a literatura. Muitas vezes, se esquece incluir uma discussão linguística, quando se fala de textos literários, enquanto discussões linguísticas se mostram alheios à literatura. É mérito desse projeto, do qual esse livro é um fruto, de chamar atenção a esta lacuna e de tentar conciliar as duas grandes áreas no curso de letras: a partir da Estilística da Língua Portuguesa – disciplina do oitavo período da Licenciatura em Letras / Língua Portuguesa na UVA – o professor Vicente de Paula da Silva Martins vem ensaiando, com seus estudantes, esse caminho árduo, mas prazeroso e muito produtivo de voltar às palavras, ao sabor e ao gosto de uma vivência que elas evocam, e como constroem e evocam uma cultura, uma experiência do mundo – a pesquisa de culturemas. No livro atual, trazemos as pesquisas no campo das culturemas de Gislaíne Costa Cerqueira e Bianca Carvalho Lino sobre Sombras de Reis Barbudos de José J. Veiga, sob a orientação do professor Vicente de Paula da Silva Martins. Devemos dizer que nos sentimos orgulhosos de poder ter contribuído a essas conversas, a esses ensaios.

Márton Tamás Gémes
Universidade Estadual Vale do Acaraú(UVA)



ISBN 978-85-86101-98-0



9 786586 101980 >